

PIBID Licenciatura Intercultural:
Pesquisa do Calendário Cultural e Formação de
Professores Indígenas em Roraima

UNIVERSIDADE FEDERAL DE RORAIMA - UFRR

REITOR

Jefferson Fernandes do Nascimento

VICE-REITOR

Américo Alves de Lyra Júnior

EDITORA DA UFRR

Diretor da EDUFRR

Cezário Paulino B. de Queiroz

CONSELHO EDITORIAL

Alexander Sibajev

Cássio Sanguini Sérgio

Edlauva Oliveira dos Santos

Guido Nunes Lopes

Gustavo Vargas Cohen

Lourival Novais Néto

Luis Felipe Paes de Almeida

Madalena V. M. do C. Borges

Marisa Barbosa Araújo

Rileuda de Sena Rebouças

Silvana Túlio Fortes

Teresa Cristina E. dos Anjos

Wagner da Silva Dias



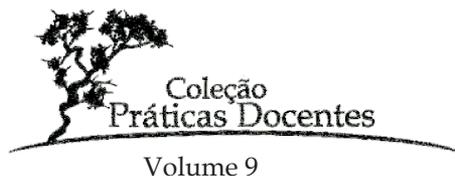
Editora da Universidade Federal de Roraima
Campus do Paricarana - Av. Cap. Ene Garcez, 2413,
Aeroporto - CEP.: 69.310-000. Boa Vista - RR - Brasil
e-mail: editora@ufr.br / editoraufrr@gmail.com

Fone: + 55 95 3621 3111

A Editora da UFRR é filiada à:



UNIVERSIDADE FEDERAL DE RORAIMA



PIBID Licenciatura Intercultural:
Pesquisa do Calendário Cultural e Formação de
Professores Indígenas em Roraima

Organizadores

Fabiola Carvalho

Maxim Repetto

Jovina Mafra dos Santos



EDUFRR
Boa Vista - RR
2018

Copyright © 2018
Editora da Universidade Federal de Roraima

Todos os direitos reservados ao autor, na forma da Lei.
A reprodução não autorizada desta publicação, no todo ou em parte, constitui violação dos direitos autorais (Lei n. 9.610/98) é crime estabelecido pelo artigo 184 do Código Penal.

Revisão Ortográfica

Fabíola Carvalho

Projeto Gráfico e Diagramação

Derick Lucas Figueiredo

Idalina de Deus Corrêa

Capa

Idalina de Deus Corrêa

Imagem Capa

Jonas Fabiano Pereira

Marly Peres

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
Biblioteca Central da Universidade Federal de Roraima

P584 PIBID Licenciatura Intercultural : Pesquisa do Calendário Cultural e Formação de Professores Indígenas em Roraima / Organizadores: Fabíola Carvalho; Maxim Repetto; Jovina Mafra dos Santos. - Boa Vista : Editora da UFRR, 2018.
298 p. (Coleção: Práticas Docentes, v. 9).

ISBN: 978-85-8288-159-0

1 - Licenciatura intercultural. 2 - Pesquisa educativa. 3 - Calendário cultural. 4 - Formação de professores indígenas. I - Título. II - Carvalho, Fabíola; Repetto, Maxim; Santos, Jovina Mafra dos (organizadores).

CDU - 376.74(=1-82)

A exatidão das informações, conceitos e opiniões é de exclusiva responsabilidade dos autores

Ficha Catalográfica elaborada pela:

Bibliotecária/Documentalista: Maria de Fátima Andrade Costa - CRB-11/453-AM

Sumário

07

Apresentação

Fabiola Carvalho e Maxim Repetto

17

Orientações Metodológicas e fundamentos teóricos para aplicação do método indutivo intercultural em pesquisas educativas voltadas para educação escolar indígena

Maxim Repetto e Fabiola Carvalho

53

A construção da roça como prática pedagógica na Escola Estadual Indígena Dom Lourenço Zoller

Gilmar Brasil da Silva

107

Diagnóstico da situação educacional da Escola Estadual Indígena Tuxaua Luis Cadete, Região Serra da Lua, município do Cantá

Gleidson Nicasio Rodrigues, Artemísia Cadete, Gracilene da Silva, Lenir Garcia, Leilandia Cadete e Rejane Aleixo Castro

125

Calendário cultural da comunidade Canauanim

Artemísia Cadete, Gracilene da Silva e Leilandia Cadete

137

Uso das plantas medicinais pelos wapichana na comunidade indígena Canauanim: ensino de ciências e educação intercultural

Rejane Aleixo Castro

159

Caça e pesca no Canaúanim e valorização cultural no ensino médio

Gracilene da Silva

173

O programa PIBID na Escola Estadual Indígena Tuxaua Luiz Cadete: as atividades tradicionais e a formação do grupo do Parixara

Leilândia Cadete

187

As histórias dos antigos - kutyainhau - e a escola

Lenir da Silva Garcia

215

O calendário cultural da Malacacheta

Sérgio Cruz Ambrózio, Marineide Almeida, Elizete Camilo, Jonas Fabiano Pereira, Marly Peres, Soraia Cruz e Josiane Pereira

251

A atividade “fazer roça” como instrumento pedagógico construído a partir da pesquisa do calendário cultural da Malacacheta

Marly Peres

277

Diagnóstico da situação educacional realizado por professores da Escola Estadual Indígena Hermenegildo Sampaio, terra indígena

Barata-livramento, região Taiano, município Alto Alegre

Bruno de Melo Cavalcante, Eugênio da Silva Martins, Augusto, Altamir e Maria de Fátima

APRESENTAÇÃO

Fabiola Carvalho¹
Maxim Repetto²

O presente trabalho³ reúne uma série de experiências de pesquisas educativas realizadas no estado de Roraima, extremo norte da bacia do rio Amazonas, Brasil. Em 2010 iniciamos o processo de estudo refletindo sobre cidadanias interculturais na perspectiva da proposta do Método Indutivo Intercultural e de diálogos com a Rede de Educação Indutiva Intercultural (REDIIN), formada inicialmente no México e Coordenada pela Dra. Maria Bertely, em colaboração com pesquisadores de vários estados mexicanos e de outros países, dentre os quais destacamos o Dr. Jorge Gasche, com longa atuação na Amazônia peruana.

¹ Professora do Curso Licenciatura Intercultural, área Ciências da Natureza, do Instituto Insikiran de Formação Superior Indígena, Universidade Federal de Roraima (UFRR). Coordenadora do Subprojeto PIBID Licenciatura Intercultural (2010-2013) e PIBID Diversidade - Ciências da Natureza, (2014); CAPES / MEC / Brasil.

² Professor do Curso Licenciatura Intercultural, área Ciências Sociais, do Instituto Insikiran de Formação Superior Indígena, Universidade Federal de Roraima (UFRR). Coordenador Programa Educação Tutorial: PET Intercultural (2010 - 2016).

³ Agradecemos as orientações de Jorge Gasché y Maria Bertely e toda sua equipe de trabalho no Peru e México. Em Roraima, estas ações vêm sendo desenvolvidas graças à colaboração dos seguintes professores do Instituto Insikiran / UFRR, os quais formaram equipes de trabalho para apoiar as diferentes atividades desenvolvidas pelos projetos integrados neste trabalho: Maria Barbara de Magalhães Berthônico, Jovina Mafra dos Santos, Fábio Almeida de Carvalho, Isabel Maria Fonseca, Maria Alejandra Gonzales e Ananda Machado. Agradecemos às colaboradoras externas, Ana Gomes y Lucilene Julia da Silva, ambas da UFMG - Projeto Observatório da Educação Indígena. Em especial agradecemos a Lucilene Julia, por terno guiado no estudo da Teoria da Atividade.

Iniciamos os trabalhos com professores indígenas de Roraima estudando a proposta e orientando pesquisas desenvolvidas inicialmente por estudantes do Curso de Licenciatura Intercultural, mas logo envolvemos outros estudantes indígenas do Instituto Insikiran de Formação Superior Indígena da UFRR, ampliando assim a reflexão sobre as comunidades e territórios locais a partir desta proposta teórica e metodológica.

Para realizar estas atividades, integramos diferentes projetos de ensino, pesquisa e extensão, o que nos permitiu formar uma equipe de trabalho que tem sustentado a proposta. Inicialmente participaram os seguintes projetos:

- O Programa de Bolsas de Iniciação à Docência (PI-BID), subprojeto **PIBID Licenciatura Intercultural** (2009-2014), o qual contou com 16 bolsistas, todos estudantes do curso Licenciatura Intercultural e 3 bolsistas supervisores, todos ex-alunos do curso. Este programa foi financiado pela CAPES - MEC-Brasil

- O Programa de Educação Tutorial: **PET INTERCULTURAL** (2010-2016), que contava com 12 estudantes bolsistas e 6 não bolsistas dos seguintes cursos do Instituto Insikiran da UFRR: Licenciatura Intercultural, Gestão Territorial Indígena e Gestão em Saúde Coletiva Indígena; participam ainda deste projeto estudantes que ingressaram na UFRR por meio de um processo seletivo específico para indígenas (PSEI). O PET INTERCULTURAL foi financiado pelo Programa Conexões de Saberes, SECADI/Ministério da Educação - MEC-Brasil.

- O Projeto **PROEXT 2013**, que envolveu 5 estudantes indígenas como bolsistas, 4 do curso de Gestão Territorial

Indígena e 01 do curso de Biologia da UFRR. Este projeto foi financiado pelo Ministério da Educação / Brasil.

- Em rede com a Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG), articulamos ações com um quarto projeto, o **Observatório da Educação Escolar Indígena (OBEDUC)** (2013-2016), que contou com uma equipe formada por 4 bolsistas, todos alunos da graduação da UFRR, 4 bolsistas professores de Educação Básica e 2 bolsistas de mestrado. Este projeto foi financiado pelo OEEI - OBEDUC/ CAPES/ MEC - Brasil, articulação interinstitucional entre UFRR-UFMG-UNIRIO.

Com a integração dos projetos, tentamos ampliar ações que discutissem novas propostas para a promoção da educação intercultural em comunidades indígenas nesta região do Brasil, com atividades realizadas em diferentes comunidades e envolvendo professores e estudantes dos povos Macuxi, Wapichana, Yekuana, Igarikó, Taurepang e Wai Wai.

Nestes anos realizamos diferentes atividades voltadas a integrar projetos e esforços, dentre os quais destacamos os seguintes:

a) **Oficinas Pedagógicas em comunidades indígenas:** para fortalecer os esforços de formação organizamos cursos de extensão realizados em escolas e comunidades indígenas, com o intuito de formar nas bases do Método Indutivo Intercultural e orientar os trabalhos dos estudantes, tanto na dimensão teórica, como no planejamento dos trabalhos de pesquisa nas escolas.

b) **Cursos de Extensão na UFRR:** estes cursos de extensão integraram os diferentes estudantes, sendo o mo-

mento de fortalecer uma reflexão crítica sobre a educação escolar e sobre a construção de novas propostas educativas interculturais.

c) **Realização de Diagnósticos nas Escolas Indígenas:** drante as oficinas de planejamento, preparamos uma primeira atividade: a realização de um diagnóstico sobre a percepção das pessoas da comunidade sobre a escola. Participaram do diagnóstico tanto os alunos, quanto pessoas da comunidade (alunos egressos e desistentes, pais, idosos, lideranças, professores). Vale ressaltar neste ponto, que a ideia deste diagnóstico surgiu de uma pesquisa anterior coordenada por Maria Bertely, contando com apoio da UNICEF, que buscou compreender qual a visão de crianças indígenas mexicanas, em situação de vulnerabilidade, sobre os direitos reconhecidos pela UNICEF para infância e juventude. A partir disso, surgiu a ideia deste diagnóstico em duas vias: i) o que os estudantes pensavam sobre a escola e a comunidade? e, ii) como a comunidade pensava a escola? Parte destes diagnósticos compõem o presente livro.

d) **Reuniões dos Grupos de Pesquisa:** demos continuidade ao processo de formação dos estudantes em reuniões de estudo dos Grupos de Pesquisa cadastrados no CNPq. A partir da discussão e reflexão do marco teórico, coletivamente fomos delineando a metodologia para elaboração desta pesquisa e iniciamos trabalhos para a construção de uma guia metodológica para a pesquisa do calendário cultural. Nesta integração de ações de pesquisas participaram os seguintes grupos cadastrados no CNPq:

Estudos Interdisciplinares sobre o Território na Amazônia, Coordenação Dra. Maria Bárbara Magalhães Bethônico (Curso Gestão Territorial Indígena)

Permanência e Atualização das Fontes Textuais Indígenas nas Literaturas Americanas, Coordenação Dr. Fabio Almeida de Carvalho (Curso Licenciatura Intercultural).

Cidadanias Interculturais, Povos Indígenas, Populações Amazônicas e Estudos Transdisciplinares, Coordenação Dr. Maxim Repetto (Curso Licenciatura Intercultural).

Conhecimento e Informação Socioepidemiológica sobre Saúde e Ambiente em Comunidades Indígenas de Roraima, Coordenação Dra. Fabíola Carvalho (Curso Licenciatura Intercultural).

e) *Visitas de Acompanhamento nas Escolas*: realizamos diversas visitas de acompanhamento nas comunidades indígenas, em que buscávamos nos reunir com todo o corpo docente da escola para avaliar e discutir as atividades de pesquisa nas escolas.

f) *Participação em Eventos Científicos, Palestras e Minicursos*: aproveitando a realização de eventos na UFRR desenvolvendo atividades como discussão em Grupos de Trabalho, Minicursos, palestras e conferências.

Como podemos apreciar, realizamos um processo de estudo e reflexão conjunto, de interaprendizagem, que ajudou tanto aos professores formadores, como também aos professores indígenas a compreender o método e realizar experiências de pesquisa educativa. A seguir apresentamos alguns dos resultados deste trabalho.

No capítulo 1 o professor Maxim Repetto e a professora Fabíola Carvalho descrevem as “*Orientações me-*

metodológicas e os fundamentos teóricos para a aplicação do método indutivo intercultural em pesquisas educativas voltadas para a educação escolar indígena". A ideia do texto é discutir as possibilidades de reorganização do trabalho investigativo, apresentando o estado atual da pesquisa do calendário cultural em Roraima, mostrando a metodologia do trabalho e, por fim, refletindo acerca do planejamento pedagógico e do potencial de uso deste modelo educativo no contexto do Curso Licenciatura Intercultural e do Instituto Insikiran da UFRR.

Já o capítulo 2, "*A construção da roça como prática pedagógica na Escola Estadual Indígena Dom Lourenço Zoller*", de autoria do professor macuxi Gilmar Brasil da Silva, da comunidade Pedra Preta, Terra Indígena Raposa Serra do Sol, nos remete a uma excelente experiência que mostra que o método indutivo intercultural pode ser aplicado em todas as modalidades de ensino e áreas de conhecimento. A experiência aconteceu em uma turma de Educação de Jovens e Adultos (EJA), nas aulas de matemática e física e promoveu um debate fértil acerca dos conhecimentos indígenas relacionados à atividade plantar a roça na área de Ciências da Natureza.

A seguir, os capítulos 3, 4, 5, 6 e 7 nos apresentam as experiências realizadas na Comunidade Canauanim, Terra Indígena Canauanim. No capítulo 3 apresentamos os resultados do "*Diagnóstico da situação educacional da Escola Estadual Indígena Tuxaua Luis Cadete, região Serra da Lua, município de Cantá*", construído pelos bolsistas PIBID Licenciatura Intercultural Artemísia Cadete, Gracile-

ne da Silva, Lenir Garcia, Leilandia Cadete e Rejane Aleixo Castro, sob a coordenação do Bolsista Supervisor Gleidson Nicasio Rodrigues, com o objetivo fazer uma avaliação da situação educacional da escola por meio do olhar da comunidade, escolar e não escolar: famílias, idosos, jovens, egressos, alunos desistentes, professores e lideranças da comunidade Canauanim. O trabalho foi realizado entre novembro de 2010 e abril de 2011 e permitiu o levantamento de dados interessantes que fazem parte da realidade dos professores indígenas de Roraima e que precisam ser discutidos pela escola e pela comunidade, uma vez que abordam problemas sociais das comunidades indígenas.

O capítulo 4 *“Calendário cultural da Comunidade Canauanim”*, de autoria das professoras wapichana Artemísia Cadete, Gracilene da Silva e Leilandia Cadete. Nele, além dos indicadores animais, vegetais, astronômicos, clima e atividades dos membros da comunidade são apresentadas as principais atividades sociais realizadas pelos estudantes do Ensino Médio na faixa etária de 16 a 19 anos ao longo do ano.

A professora wapichana Rejane Aleixo Castro é a autora do capítulo 5 *“Uso das plantas medicinais pelos wapichana na comunidade indígena Canauanim: Ensino de ciências e educação intercultural”*. O capítulo mostra os resultados de uma pesquisa das plantas medicinais presentes nos quintais das casas, no lavrado e nas matas da comunidade. O trabalho envolveu a participação da Agente Indígena de Saúde, Rosa Cadete, do senhor Cas-

simiro Cadete, fundador da comunidade (*in memoriam*) e dos alunos do ensino Médio.

A *“Caça e a pesca no Canauanim e a valorização cultural no Ensino Médio”*, é o tema do capítulo 6 de autoria da professora Gracilene da Silva. O trabalho faz uma reflexão sobre a importância da atividade tradicional de caçar e pescar na comunidade Canauanim a partir da pesquisa do calendário cultural, descrevendo os conhecimentos tradicionais dos wapichana sobre essas duas atividades culturais. A construção do calendário cultural da comunidade deu-se a partir da pesquisa dos indicadores animais, vegetais, astronomia, clima e problemas socioambientais e de saúde, bem como, da investigação das atividades sociais dos membros da comunidade: mulheres, homens, jovens e crianças.

O capítulo 7, *“O programa PIBID na Escola Estadual Indígena Tuxaua Luiz Cadete: As atividades tradicionais e a formação do Grupo do Parixara”*, de autoria da professora Leilândia Cadete, apresenta as atividades relacionadas com a dança do parixara. A professora discorre acerca da constatação de que as bebidas, comidas e os artesanatos são indissociáveis dessa atividade. Além disso, aspectos ligados à astronomia, como o tempo de colher as sementes para a produção de indumentárias, ou seja, os indicadores vegetais têm relação com essa dança. Muitas partes de animais, como as penas das aves, são usadas nas indumentárias. Daí a importância de discutir isso com os jovens pois “muitas vezes não atentamos para coisas que estão presentes em nosso cotidiano e que existem na comunidade”.

No capítulo 8 *“As histórias dos antigos - Kutyai-nhau - e a escola”*, de autoria da professora Lenir da Silva Garcia, sob a orientação da professora Isabel Maria Fonseca/INSIKIRAN, as histórias dos antigos, contadas de geração a geração, com o objetivo de manter a cultura, hábitos e costumes do povo indígena, são apresentadas com a participação dos conhecedores dessas histórias com o objetivo de valorizar os contadores de histórias da comunidade e as memórias diversas do cotidiano, para assim, favorecer ao leitor e ouvinte acerca do conhecimento dessas histórias da cultura wapichana.

Os capítulos 9 e 10 retraram as experiências desenvolvidas pela equipe de bolsista da Comunidade Malacacheta, Terra Indígena Malacacheta. No capítulo 9 os bolsistas PIBID Licenciatura Intercultural (Marineide Almeida, Elizete Camilo, Jonas Fabiano Marculino, Marly Peres, Soraya Cruz e Josiane Pereira), sob a coordenação do Bolsista Supervisor Sérgio Cruz Ambrósio retratam a sistematização dos trabalhos de pesquisa do *“Calendário Cultural da Malacacheta”* realizado de forma coletiva pelos bolsistas PIBID Licenciatura Intercultural (Kátia Maria Leocádio, Elizete Damasceno, Erinaldo Cadete, Zeimar Pereira, Jonas Fabiano Marculino, Marly Peres, Elizete Camilo, Marineide Almeida, Soraia Cruz, Josiane Pereira) sob a orientação dos bolsistas supervisores Ananias Costa de Lima (inicialmente) e Sérgio Cruz Ambrósio, posteriormente. O capítulo retrata uma riqueza de detalhes acerca dos conhecimentos indígenas presentes na Malacacheta e demonstra o empenho da equipe na realização do trabalho.

Já o capítulo 10 *“A atividade - Fazer Roça - como instrumento pedagógico construído a partir da pesquisa do Calendário Cultural da Malacacheta”*, de autoria da professora Marly Peres, mostra que o Método Indutivo Intercultural traz uma proposta de repensar o trabalho escolar, colocando no centro do processo formativo a vida da comunidade, em especial os conhecimentos indígenas. A pesquisa do Calendário Cultural e a investigação da atividade *“Fazer Roça na Malacacheta”*, deram origem ao trabalho.

E o último capítulo *“Diagnóstico da situação educacional realizado por professores da Escola Estadual Indígena Hermenegildo Sampaio”* trás a experiência do PIBID Licenciatura Intercultural na Terra Indígena Barata-Livramento, região do Taiano, município de Alto Alegre e foi realizado pelos bolsistas PIBID Eugênio da Silva Martins, Augusto de Melo Cavalcante, Altamir de Melo Cavalcante e Maria de Fátima sob a orientação do Bolsista Supervisor Bruno de Melo Cavalcante.

Boa Leitura!

ORIENTAÇÕES METODOLÓGICAS E FUNDAMENTOS TEÓRICOS PARA APLICAÇÃO DO MÉTODO INDUTIVO INTERCULTURAL EM PESQUISAS EDUCATIVAS VOLTADAS PARA EDUCAÇÃO ESCOLAR INDÍGENA

Maxim Repetto⁴
Fabíola Carvalho⁵

A Reorganização do Trabalho Investigativo: o estado atual da pesquisa do calendário cultural em Roraima

Após revisar o percurso realizado na orientação e pesquisa junto a professores indígenas em Roraima, apresentamos a continuação uma reflexão sobre as possibilidades de implementação do método nas escolas indígenas de Roraima. Temos consciência de que este é um trabalho lento, de formação gradual, que exige não apenas o desejo de autoformação, mas o compromisso prático com ela. Exige dedicação e esforço para desenvolver pesquisa, leitura, reflexão. O método, neste sentido, exige que o professor desenvolva pesquisa de forma organizada e sistemática, dialogada com os estudantes e a comunidade, permitindo que as famílias e estudantes possam compreender a proposta.

⁴ Professor do Curso Licenciatura Intercultural, área Ciências Sociais, do Instituto Insikiran de Formação Superior Indígena, Universidade Federal de Roraima (UFRR). Ex tutor do Projeto PET INTERCULTURAL, Programa de Educação Tutorial (PET): Conexões de Saberes - SECADI-MEC (2010-2016)

⁵ Professora do Curso Licenciatura Intercultural, área Ciências da Natureza, do Instituto Insikiran de Formação Superior Indígena, Universidade Federal de Roraima (UFRR). Tutora Projeto PET INTERCULTURAL, Programa de Educação Tutorial (PET): Conexões de Saberes - SECADI-MEC, desde 2017. Ex coordenadora do Programa PIBID Licenciatura Intercultural.

Para executar experiências de interaprendizagens baseadas neste método, é necessário desenvolver um esforço a mais daquele que desenvolve um professor que apenas aplica os conteúdos do sistema de educação. Neste sentido passamos a indicar uma série de atividades que podem ser desenvolvidas na escola indígena, a modo de uma guia metodológica, para orientar e fortalecer o processo de pesquisa, o qual será encarado em uma perspectiva de compromisso social e de trabalho coletivo junto de outros colegas professores da escola, dos estudantes e de suas famílias.

Acreditamos que **formar Grupos de Estudo e Pesquisa na comunidade** é uma estratégia interessante para motivar o coletivo a re-pensar a educação escolar, já que envolve estudantes, professores, pais e membros das comunidades, visto que a proposta deve surgir das necessidades de vida de cada escola e da comunidade. A leitura conjunta da bibliografia básica é importante, pode ser feita em seminários e reuniões e serve para orientação e avaliação permanente dos avanços.

A realização de **Oficinas e Seminários Educativos** junto da escola e comunidade tem sido outra ferramenta pedagógica importante. Pois assim os professores podem divulgar os temas de interesse e gerar debates com os envolvidos. Os estudantes da Licenciatura Intercultural têm realizado diferentes eventos, como oficinas e seminários para reflexão coletiva sobre os temas e pontos em questão, mostrando ser momentos importantes para diálogo e construção conjunta.

Depois de iniciado o estudo, propomos que os grupos de estudo atuem como equipes de pesquisa que possam realizar diagnósticos preparatórios da pesquisa do Calendário Socionatural⁶. Propomos, assim, que para iniciar o trabalho sejam discutidos dois aspectos muito importantes e sobre os quais poucas vezes paramos para refletir. Um aspecto a pesquisar refere-se à realização de um **levantamento ou diagnóstico para compreender como a comunidade vê a escola**. O outro avalia **como os estudantes veem a comunidade**.

Realizar estas pesquisas iniciais nos ajudará a preparar as equipes de estudantes que atuarão, em uma segunda fase, desenvolvendo a pesquisa do Calendário Socionatural. Permite que cada equipe defina objetivos de acordo com sua realidade; preparando questionários e realizando entrevistas e relatórios. Cada equipe poderá produzir textos e documentos sobre a experiência, por meio de relatórios, relatos, desenhos, gráficos, mapas, fotografias, material audiovisual, etc.

⁶ Inicialmente neste trabalho falávamos de “Calendário Cultural” para referir-nos ao estudo das atividades realizadas pela comunidade durante o ano e como ao longo dos meses diferentes indicadores da natureza se relacionam com as atividades humanas. Ao reconhecer que esta relação sociedade natureza, expressada no conceito de Jorge Gasché de “Sociotureza”, como explicaremos com mais detalhe ao longo do presente texto, pode expressar o verdadeiro sentido do conceito de “Cultura” passamos a trabalhar a noção de “Calendário Socionatural”, o qual expressa a integração entre sociedade e natureza de uma forma mais clara, diante da diversidade de formas de discutir cultura no contexto das escolas indígenas. Neste sentido cabe esclarecer que os trabalhos utilizam o conceito de Calendário Cultural ou Calendário Socionatural como conceitos análogos, sendo que aos poucos este último vem ganhando maior destaque.

No trabalho que realizamos nas escolas vinculadas ao Programa PIBID Licenciatura Intercultural, fizemos o primeiro diagnóstico criando vários grupos de pesquisa, que se dedicaram a entrevistar e compreender a **visão dos diferentes grupos da comunidade, inclusive estudantes, sobre a escola**. Assim, o objetivo de fundo foi construir um diagnóstico sobre a escola fugindo do modelo convencional de diagnósticos formalistas. Mas bem refletindo de forma coletiva, com os membros da comunidade, sobre a função da escola numa comunidade indígena, permitindo manifestar as ideias das pessoas da comunidade sobre a escola, seus conteúdos, suas metodologias, o curriculum oculto, etc.

Cabe destacar que, nos anos oitenta, o Estado Brasileiro promoveu um debate nacional chamado de “Dia D” da educação, com objetivo de construir diretrizes nacionais para educação escolar de forma geral. Em Roraima, este debate foi importante para as escolas indígenas e ainda hoje as perguntas norteadoras do Dia D (que escola temos e que escola queremos?) continuam no ar. Quase 30 anos depois pouca coisa mudou; a escola continua centrando sua tarefa educacional apenas em conteúdos distantes das realidades dessas comunidades. Portanto, faz-se necessário buscar novas perguntas de reflexão.

Assim, nossa proposta de diagnóstico é diferente dos documentos comumente confeccionados pelo sistema educativo. É um diagnóstico que serve para própria comunidade pensar e refletir sobre a relação entre a escola, a educação e a vida na comunidade. Para fazer este traba-

lho nas escolas, definimos grupos de interesse para serem entrevistados. A escola/comunidade define as equipes, a organização do processo de pesquisa; elabora questionários e prepara as entrevistas. Os grupos entrevistados seriam os seguintes: 1) pais; 2) lideranças da comunidade; 3) anciãos e pessoas maiores; 4) desistentes da escola, os que abandonaram; 5) pessoas já formadas; 6) professores; 7) estudantes separados em grupos: da 1ª a 4ª série/ano; de 5ª a 9ª série/ano; estudantes ensino médio. A segunda parte do diagnóstico trouxe aspectos interessantes e posicionamentos críticos dos jovens sobre a escola e a vida na comunidade.

Esta pesquisa deve ser gradual, buscando aprofundar os diferentes temas aos poucos. Um aspecto importante a ressaltar é que, na medida do possível, a pesquisa seja realizada em língua indígena, mas isto levanta outras preocupações, como a de que muitas comunidades precisam esclarecer uma política de uso das línguas indígenas, diante do avanço da língua portuguesa.

Aprendemos nas experiências anteriores que as atividades sociais são o eixo central desta pesquisa. Assim, devemos dar prioridade a identificar atividades concretas e precisas, evitando atividades genéricas. Em cada mês ou momento do ano, segundo as classificações e categorias culturais, podem ser identificadas atividades sociais relevantes, sejam em momentos específicos ou na vida cotidiana ao longo do ano, que devido a sua importância social merecem ser analisadas e estudadas.

Para pesquisar o calendário socionatural, estudamos e analisamos os seguintes indicadores⁷ da relação en-

⁷ Indicadores são aspectos que “indicam”, que evidenciam e mostram como se desenvolvem as relações estabelecidas entre sociedade e natureza.

tre as pessoas e a natureza, como definidos pelo Método Indutivo Intercultural (GASCHE, 2008; GASCHÉ SUESS & VELA MENDOZA, 2012; GASCHÉ 2013; BERTELY & UNEM, 2009; BERTELY; 2011; REPETTO & CARVALHO, 2015; REPETTO & SILVA, 2016):

1) **Atividades da comunidade**, identificando os trabalhos que são realizados por homens e mulheres, identificando a divisão social do trabalho, seja por faixas etárias, como por sexo. Este indicador é chave, pois permite identificar e analisar os conhecimentos indígenas associados às atividades ou trabalhos;

2) **Atividades das crianças ou dos educandos**, identificando os trabalhos e ações realizadas por meninas e/ou meninos, de acordo com as faixas etárias, buscamos entender como na cultura e língua de cada povo se compreende e explica o processo de formação e socialização das pessoas. Inicialmente se pensa em crianças, mas podemos dizer também “educandos”, uma vez que se pode aplicar em todos os níveis e modalidades escolares, por exemplo, ensino médio e na Educação de Jovens e Adultos (EJA). Identificando as atividades dos educandos poderemos compreender o mundo social e simbólico deles, nos orientando na construção de propostas educativas apropriadas à realidade vivida por eles. Este indicador é chave na construção de propostas educativas transdisciplinares, pois as atividades realizadas pelos estudantes serão transformadas em propostas educativas, de estudo e reflexão na escola;

3) Indicadores **astronômicos**, que se referem aos conhecimentos dos povos sobre os corpos celestes e fenô-

menos a eles relacionados, constelações, lua, sol, cometas, eclipses, etc., identificando como estes conhecimentos são indicadores da relação entre a sociedade e a natureza, por exemplo, identificando estrelas associadas aos diferentes trabalhos desenvolvidos ao longo do ano;

4) Indicadores **climáticos**, dentre os quais devem ser identificados os diferentes fenômenos climáticos associados às diferentes estações do ano, períodos de calor, de frio, de chuvas, estiagem, etc. No sentido de estudar os conhecimentos indígenas. Não interessa apenas saber quando é o verão ou o inverno. Mas quais são as categorias e conceitos culturais próprios, as palavras e seus significados, dentro de cada língua e cultura para expressar o clima e suas diferenças ao longo do ano;

5) Indicadores **animais**, implica o registro e reflexão sobre os diferentes animais silvestres e de criação relacionados com os indicadores das atividades humanas. Lembrando que o reino animal envolve também aves, répteis e as diferentes formas de vida animal, com atenção especial a insetos e pragas, que interferem nas atividades humanas. Por exemplo, se na atividade das pessoas aparecem a caça e a pesca, no indicador animal seria interessante registrar o processo de vida dos animais, períodos de cio, com filhotes, períodos em que estão gordos ou magros, períodos de piracema, etc. Não nos interessa fazer um levantamento de todos os animais, uma lista de animais. Mas compreender a sua relação com as atividades humanas, para compreender assim a relação entre sociedade e natureza;

6) Indicadores **vegetais**, que podem permitir coletar informações sobre plantas silvestres e/ou cultivadas, relacionadas às atividades humanas ao longo do ano. Seria interessante registrar nesse calendário socionatural, por exemplo, os períodos de floração das principais espécies utilizadas, seja na construção de casas, de cercados ou alimentação. Períodos de plantio, floração, de fruto maduro, de colheita etc. Alguns vegetais, árvores, por exemplo, podem ser indicadores de períodos climáticos, como os pau D`arco que floram no início do inverno ou dependerem da ação da lua e/ou do sol, para seu manuseio e utilização. Não nos interessam listas de plantas, pois buscamos romper com essa visão de listas de conteúdos que o sistema escolar oferece, pois essas listas não estão vinculadas com a realidade social;

7) **Problemas Socioambientais e de saúde**, que buscam identificar os problemas sociais relacionados ao meio ambiente e à saúde. Tais problemas nem sempre são fáceis de classificar. Por exemplo, o fogo nos períodos de seca poderia ser incluído nas atividades dos membros da comunidade, pois na maioria dos casos uma pessoa colocou fogo. Mas por ser um problema maior, que envolve as condições climáticas de falta de chuva e seca generalizada no período do verão, consideramos que merecia um destaque. A seca, que seria um indicador climático, afeta sobremaneira as plantas e animais e vida das pessoas também. Outras situações como o grande aumento de doenças em algumas épocas do ano, como certas doenças tropicais associadas ao aumento de mosquitos no período de chuva ou doenças de

transmissão hídrica devido à má qualidade da água no período de seca. Aqui, trata-se de identificar o que as pessoas entendem por problemas e como lidam com isso. Estes problemas podem ser, de alguma forma, transversais, pois podem perpassar vários outros indicadores. Isto mostra a complexidade do conceito sintático de cultura, que envolve a relação entre natureza e sociedade. Este sétimo indicador foi um aporte das pesquisas realizadas em Roraima ao desenvolvimento do Método Indutivo Intercultural.

Este levantamento das atividades da comunidade e sua relação com os diferentes indicadores naturais nos permitiu ter uma visão panorâmica da comunidade, servindo como um diagnóstico socioambiental.

No debate com os estudantes que realizaram a pesquisa, vimos que poderia ser interessante ter diferentes calendários, por exemplo um **calendário geral da comunidade**, que permita identificar as principais atividades e recursos naturais disponíveis e utilizados ao longo do ano. Este poderia ser o produto de um diagnóstico inicial. Mas depois poderemos centrar esforços em analisar atividades específicas. Por exemplo, a agricultura não pode ser vista como “uma” única atividade. É um sistema, uma sequência de atividades interligadas ao longo do ano. Assim, podemos identificar algumas sub-atividades, como identificar um lugar para uma nova roça, a derrubada, a queima, o plantio, os cuidados, a colheita. Cada uma destas ainda com atividades internas mais específicas, como uma sequência lógica que articula atividades, sub-atividades, atividades específicas e ações concretas. Temos de refletir qual

será a unidade de análise de nosso estudo, em qual nível da atividade podemos construir uma proposta educativa apropriada para a carga horária de que dispomos na escola. O desdobramento das atividades nos asseguram a distribuição do conteúdo ao longo de bimestres e do ano.

Poderíamos assim criar **calendários centrados em atividades específicas**, como por exemplo atividades de agricultura ou criação de animais. Podendo assim, complementar vários calendários específicos, que poderíamos chamar de **calendários “temáticos”**, destinados a analisar atividades específicas.

Podem também ser produzidos **calendário históricos**, identificando como eram as atividades e a situação socioambiental em períodos determinados, por exemplo, vinte ou quarenta anos atrás. Estes instrumentos permitem comparar a situação atual com o processo vivido pela comunidade e pelo povo numa perspectiva histórica, o que ajuda muito na compreensão dos desafios e dificuldades que as comunidades enfrentam hoje.

Complementando a pesquisa dos calendários, achamos necessário realizar um trabalho de mapeamento, que chamamos de **etnomapeamento**, com o objetivo de enfatizar as categorias culturais para classificar o meio ambiente e os recursos disponíveis. Os mapas nos permitem, na linguagem de Maria Bertely (2008), fomentar uma alfabetização territorial, uma vez que nem sempre a escola tem tido a preocupação de compreender diretamente estes fenômenos. Pode ser uma ferramenta de aproximação aos aspectos territoriais (compreendidos não apenas pelos aspectos

geográficos mas, sobretudo, pelo conceito de cultura no sentido de compreender a relação entre sociedade e natureza), para os quais utilizamos diferentes referências, com base cartográfica, imagens de satélite, mapas mentais e outras produções que nos ajudem a dimensionar espacialmente toda a informação coletada na pesquisa do calendário sicionatural ou cultural. Neste sentido, o mapa é um espelho das informações identificadas no calendário que nos permitem visualizar os processos de territorialização.

Este trabalho permite refletir sobre a visão que jovens, estudantes e comunidade têm do meio ambiente, dos recursos naturais e da utilização do espaço por parte da comunidade. Vários elementos podem ser trabalhados no etnomapeamento: atividades dos membros da comunidade, solos, relevo, hidrografia, ecossistemas, indicadores vegetais, indicadores animais, áreas de uso das comunidades, áreas degradadas, áreas sagradas e não utilizadas deliberadamente, etc. É importante mostrar espacialmente as atividades da comunidade (homens e mulheres) e das crianças (meninas e meninos), quais são as categorias próprias de cada povo e comunidade e como estas usam os recursos e constroem sua territorialidade.

Assim como nos calendários, podemos produzir “**mapas temáticos**” trazendo detalhes sobre aspectos de interesse específico. Imaginamos uma sequência na produção de mapas que permitisse analisar os seguintes aspectos: 1) comunidade de forma geral; 2) área de uso e atividades da comunidade; 3) região; 4) terra indígena. Podem ser mapas associados aos diferentes indicadores

do calendário, por exemplo: a) um mapa geral com um conjunto de informações, com base nas atividades dos membros da comunidade, com relevo e hidrografia; b) um mapa com ênfase nos indicadores vegetais: mapeamento de áreas e zonas ecológicas (matas, igarapé, buritizais, lagos, serras) ou mapas que identifiquem as fruteiras dos quintais das casas, levantando as espécies frutíferas e árvores plantadas nos quintais das casas na comunidade, etc; c) um mapa com ênfase nos indicadores animais, no qual podemos mostrar animais silvestres e/ou as diferentes criações, sejam comunitárias ou familiares.

Poderíamos também criar **mapas históricos**, que acompanhando o levantamento de calendários históricos, ilustrem como os moradores da comunidade pensam a mesma em diferentes períodos, como por exemplo 20 ou 40 anos atrás. Assim, os mapas funcionam como um complemento dos calendários. Estes mapas devem disponibilizar informações com legendas que devem ser precisas e claras, mostrando como a sociedade se relaciona com a natureza, onde o fim social das atividades realizadas são o fio articulador entre os calendários e mapas.

Junto a todo este processo, temos estimulado a realização de oficinas de produção textual nas diferentes línguas, produzindo textos, bem como desenhos, gráficos ou a simples revisão dos calendários, mapas e relatórios. Todo este material poderá ser utilizado posteriormente na produção de materiais educativos. A colaboração entre professores da escola e os estudantes indígenas é muito importante, pois permite integrar as interaprendizagens.

A troca destas experiências em blogs escolares pode ser um instrumento interessante para divulgar experiências junto de outras escolas que tenham acesso à internet.

A Explicitação de Conhecimentos

Uma vez feitos os diagnósticos, iniciamos a fase de explicitação de conhecimentos indígenas, o que consideramos uma fase crucial no trabalho de construção de novas propostas pedagógicas. O procedimento consiste em identificar atividades sociais significativas para, em seguida, analisá-las, conforme nos ensinaram os estudos da Teoria da Atividade e do Método Indutivo Intercultural.

Os autores da teoria da atividade nos explicaram que a relação entre sociedade e natureza se dá a partir das atividades humanas, sendo que estas possuem uma estrutura interna comum, o que nos ajuda a compreendê-las. Em seu interior, as atividades contam com diferentes níveis de compreensão, os quais podem ser subdivididos em: **atividades, ações e operações**. A *atividade* é orientada pelo objeto e pelo motivo, em um sentido mais amplo e refere-se ao fim social que ela comporta. O nível das *ações* é orientado pelo objetivo específico que persegue um indivíduo ou um grupo, onde as ações são partes da atividade, que em seu conjunto e sequência lógica formam uma atividade social. As *operações* são orientadas pelas condições e realizadas por meio de rotinas humanas ou mecânicas e dizem respeito a formas específicas de realizar um ato, às técnicas e formas de realizar tais operações (ASBAHR, 2005; CEDRO E MOURA, 2012). Exemplos de operações

podem ser: a forma de lançar uma flecha no vento para acertar um passaro em movimento ou um anzol na água, a técnica de virar um molde de fazer adobe, para o barro não estragar, a forma de tecer um artesanato, de fechar um tecido, de mexer na panela, etc.

Identificar todos estes aspectos implícitos na atividade é o que chamamos de análise da atividade e, no caso dos povos indígenas, nos abrem uma porta para compreender os conhecimentos próprios, pois as explicações referentes a cada um de estes elementos nos trazem dados valiosos sobre a vida e a compreensão da visão de mundo de cada povo. Em nosso caso, ao estudar as atividades humanas fazemos um exercício de explicitação dos conhecimentos indígenas (NUÑEZ, 2009).

O modelo de Engerstrom (PASSONI, 2012) nos permite identificar as diferentes dimensões que envolvem a atividade social. Entendendo que as atividades devem ser compreendidas como um “sistema de atividades”, ou seja, reconhecendo que fazem parte de processos mais amplos, onde as atividades não podem ser compreendidas de forma isolada e independentes entre si. As atividades devem ser ponderadas para não cairmos na armadilha de analisar atividades demasiado amplas ou demasiado pequenas (DUARTE, 2002).

Seguindo os princípios da teoria da atividade (TA), analisamos detalhadamente as **atividades sociais** identificadas no calendário sicionatural, tentando compreender como se realizam e o que significam. Para tanto, separamos três elementos constituintes de uma atividade: 1) os

elementos estruturantes; 2) os componentes internos e que mediam a relação sociedade/natureza; e 3) a sequência lógica em que se realizam as ações ou passos que formam uma atividade. Aprofundando a compreensão destes elementos, podemos explicitar, de uma forma metodologicamente organizada, os conhecimentos indígenas associados a uma atividade.

Para analisar os **elementos estruturantes**, voltamos nossa atenção para:

a) as **necessidades** que geraram a atividade, são as carências ou ausências profundas, materiais, sociais ou espirituais, que explicam a motivação e a realização da atividade;

b) os **motivos** pontuais de uma dada comunidade para realizar uma atividade naquele momento, fator de impulso e direcionamento específico do comportamento social;

c) o **objeto material** que a atividade busca concretizar, uma ação humana busca produzir um artesanato, um plantio, uma ferramenta, um altar de oração, uma panela, uma comida, o compartilhar, a reciprocidade, a vivência coletiva, etc., um objeto concreto que resultará do trabalho em busca de satisfazer um fim social. Objeto concreto que pode ser um bem material concreto ou um sentido amplo, um processo social que agrupe as pessoas e lhes permita compartilhar e interagir.

Vemos assim, como estes três elementos organizam a composição mais geral da atividade. Por este motivo, chamamos de estruturantes.

Para **analisar as partes internas de uma Atividade Social**, buscamos identificar os diferentes elementos que

organizam a mediação entre os sujeitos, que realizam uma atividade, e sua relação com a natureza, tais como:

Objetivo Geral: indica a finalidade ampla que se pretende alcançar com a atividade;

Objetivos Específicos: finalidades específicas que compõem o objetivo geral, partes ou passos para construir o objetivo geral, organizados em sequência lógica, posteriormente indicarão o rumo do passo a passo na realização das operações;

Sujeitos: as pessoas que realizam a atividade;

Instrumentos: as ferramentas utilizadas na realização da atividade;

Comunidade: o conjunto de pessoas que participam, direta ou indiretamente da atividade e seus desdobramentos;

Regras: princípios que devem ser respeitados na realização da atividade e das ações;

Divisão do trabalho: como se organizam os trabalhos entre homens e mulheres, crianças e adultos, por faixa etária, por sexo, por região, por lugar de moradia ou outra forma de organizar os trabalhos;

Resultados esperados: Que produtos, objetos, processos resultantes da atividade são almejados.

Estes elementos estão sintetizados no esquema de Engerstrom, como analisados por Cedro e Moura (2012) e Passoni (2012), em que cada um dos elementos desta triangulação se relaciona com os outros, não formando um triângulo fixo, mas dinâmico e com diferentes pontos de interseção e articulação.



Modelo de Engerstrom (Passoni, 2012)

Assim, a relação primária entre *sujeito* e *objeto*, mediada pelos *instrumentos* (triângulo inicial), se completa com os elementos da *comunidade*, as *regras* e a *divisão do trabalho* e todos, juntos e articulados, buscam concretizar certos resultados.

A partir desta aproximação à atividade, podemos em um segundo momento, avançar na explicitação das ações e operações específicas, o que nos leva a aprofundar a **explicitação dos conhecimentos indígenas**. Aqui analisamos o passo a passo de uma ação, deixando claro a sequência lógica de ações envolvidas, refletindo sobre os conhecimentos indígenas implícitos em cada momento (CUERVO, 2008).

Como Jorge Gasché nos ensinou em suas visitas a Boa Vista, este trabalho vai afinando a análise e entrando cada vez em maiores detalhes, o que exige pesquisar e pensar e um compromisso do professor pesquisador indígena com sua autoconscientização, sobre a necessidade de desvendar e poder explicar os conhecimentos implícitos nas atividades, inclusive com o devido cuidado sobre o que deve e pode, ou não, ser explicitado.

A tarefa será agora **identificar os conhecimentos indígenas implícitos no processo da atividade**. Como Vigotski (2007, 2010) nos ensinou, estudar um processo implica em voltar a percorrer o caminho pelo qual se construiu o processo; voltar a percorrer cada degrau que permitiu a realização da atividade, é o que podemos chamar de estudar o **passo a passo** ou a **sequência lógica de operações dentro de uma ação**. Identificar quem faz o quê; que instrumentos se utilizam; os lugares onde se trabalha; os gestos técnicos que produzem objetos; a exploração e aprofundamentos sobre os conhecimentos implícitos em cada ação, cada gesto, cada objeto.

Esta explicitação envolve ainda fazer uma reflexão sobre os conhecimentos indígenas associados aos indicadores do calendário socio-natural, os quais já explicamos anteriormente. Neste exercício de explicitação, devem ser analisados os diversos conhecimentos considerados importantes pela comunidade: histórias, línguas, conceitos próprios, mitos, relatos, experiências de vida, explicações sobre a realidade, valores, etc. A este respeito, Jorge Gasche (2011) vem argumentando que os valores das comunidades são importantes no estudo escolar, alguns deles manifestam a visão de mundo da coletividade, tais como a democracia ativa que praticam as comunidades, a solidariedade comunitária, inclusive com seus problemas, a legitimidade da autoridade de respeito das autoridades indígenas, a busca por uma satisfação equilibrada das necessidades, o prazer de viver, encontrado nas atividades, dentre outros, são valores de grande importância que poderiam servir para uma refle-

xão sobre os valores imperantes na sociedade de mercado, cada vez mais individualista e menos tolerante.

Vemos assim, que este exercício de explicitação, esta pesquisa e reflexão, pode se transformar em uma guia para testar os alcances da educação intercultural, partindo dos conhecimentos próprios para assim alcançar também os conhecimentos acumulados pela humanidade, é o que veremos no próximo apartado.

O Planejamento Pedagógico e o Potencial de Uso deste Modelo no contexto do Curso Licenciatura Intercultural e do Instituto Insikiran da UFRR

O aprofundamento no estudo da Teoria da Atividade nos ajudou a compreender melhor o processo pelo qual se desenvolve uma *atividade social* e a pensar a construção de *atividades de aprendizagens* que, utilizando este modelo, buscam contextualizar propostas educativas na realidade social dos educandos, de forma a articular os processos de formação escolar e social. Isto permite que a *atividade social* se transforme em uma *atividade de aprendizagem*, onde o professor e o estudante passa a ter consciência do que está sendo estudado, buscando com que a tomada de consciência se amplie entre todos os envolvidos. Dessa forma, buscamos superar a ideia de uma educação bancária (FREIRE, 1987), a qual vê os educandos como objetos nos quais se depositam os conhecimentos, sem estímulo à criatividade e ao processo social de formação.

Para preparar o planejamento pedagógico, precisamos definir unidades de análise adequadas para apresen-

tar aos estudantes. Estas unidades de reflexão se plasam em uma atividade a ser realizada na escola, definida a partir do calendário socionatural, explicitando os conhecimentos envolvidos no processo. Ou seja, o professor oferecerá ao estudante a oportunidade de realizar uma atividade, para que na sua execução, possa refletir sobre os diferentes conhecimentos a ela associados, sejam conhecimentos culturais próprios ou conhecimentos acumulados pela humanidade.

A construção de propostas de intervenção, que podemos chamar de *atividades de interaprendizagens*, exige preparar uma ação e planejar seus diferentes passos, aspectos e componentes, tais como: o lugar onde será realizada a atividade, os meios de trabalho necessários, atividades cotidianas atuais ou as ações de “resgate” de técnicas ou conhecimentos sobre produtos que já não são mais produzidos. Implica definir estratégias de valorização do conhecimento próprio.

Em certo sentido, o planejamento de *atividades de interaprendizagens*, seguindo o Modelo Indutivo Intercultural, pode parecer a primeira vista semelhante a outras formas de organização de propostas pedagógicas, como por exemplo, a metodologia de projetos. Não obstante, há uma diferença radical desde a formulação inicial da proposta. Não se trata apenas de definir objetivos ou atividades. Estas devem surgir de dentro da relação sociedade/natureza e de sua mediação plasmada na cultura, ou seja, definidas pela importância e finalidade social da mesma. O estudo de uma *atividade de interaprendizagem* deve permitir a to-

mada de consciência sobre o significado da atividade social (LIBERALI, MATEUS & DAMIANOVIC, 2012).

Salientamos que o objetivo da educação intercultural é valorizar e explicitar o próprio, dialogando com o conhecimento acumulado pela humanidade, incluídas todas as contradições e desafios existentes. Explicitar o conhecimento próprio é importante, mas é importante esclarecer o contexto conflitivo das relações a que os povos indígenas, e a sociedade de forma mais ampla, foram submetidos. Sem idealizar a educação intercultural, utilizando-a como instrumento de leitura de mundo, como Freire (1987) imaginava: uma pedagogia libertadora e antialienante.

Seguindo a proposta de trabalho de Bertely e UNEM (2009), identificamos alguns passos que podemos seguir para construir as *atividades de interaprendizagens*, os quais são definidos da seguinte forma:

1. Escolher uma *atividade de interaprendizagens* com base no calendário socionatural de atividades, ou seja, identificar uma atividade social e, a partir de uma abstração e reflexão, pensamos e propomos uma atividade educativa a ser realizada em sala de aula. Assim, esta *atividade de aprendizagem* tem uma base social e cultural empírica e de interesse para o educando;

2. Definir a sequência lógica de variáveis da matriz curricular da UNEM, que tentando sintetizar o modelo de Jorge Gasché, resume na oração seguinte o modelo sintático de cultura: *vamos à natureza para pedir coisas que transformaremos para satisfazer uma necessidade ou fim social*. Essa frase sintetiza a relação entre quatro eixos que articulados

resumem a relação entre sociedade e natureza: a) Objeto/ Recurso Natural; b) Natureza; c) Transformação; d) Fim Social. Assim, pensar os elementos básicos que compõem uma atividade implica em partir da relação entre objeto ou recurso natural, o lugar deste na natureza, o processo de mediação entre o sujeito e o objeto a ser produzido, ou seja, o processo de transformação da natureza e, por último, o fim social do mesmo;

3. Definir ações e o espaço onde será realizada a atividade de *interaprendizagem*;

4. Determinar os materiais, recursos e participantes na *atividade de interaprendizagem*;

5. Identificar os significados e conteúdos próprios da cultura de cada povo/comunidade associada à atividade, exercício de explicitação realizado anteriormente. Identificar os temas e conteúdos para trabalhar com as línguas indígenas, tanto de forma oral como escrita;

6. Identificar os conteúdos escolares universais associados à atividade a partir da área de habilitação ou formação de cada estudante. Este exercício exige uma visão transdisciplinar, onde regulamentamos que conhecimentos científicos ou escolares vamos utilizar e como. Faz-se necessário pensar e planejar a articulação de conhecimentos próprios e os acumulados pela humanidade, ou seja, como vamos *articular* e *contrastar* conteúdos culturais com o conhecimento escolar;

7. Dosificar os conteúdos em função dos diferentes graus escolares, seja ao longo de um bimestre, um semestre, um ano, assim como ao longo de todo o processo escolar;

8. Definir critérios e instrumentos para a avaliação da unidade didática, assim como dos participantes. Acreditamos que uma avaliação em perspectiva intercultural e interdisciplinar deva enfrentar o desafio pedagógico de identificar os potenciais, assim como os desafios de cada um dos estudantes, para dessa forma, contribuir no seu crescimento e amadurecimento emocional e intelectual. Não podemos impor apenas uma avaliação produtivista e que faça os estudantes competir entre si.

Em uma perspectiva da teoria da atividade e da visão Vigotskiana da aprendizagem como instrumento de desenvolvimento coletivo, ou seja, de *interaprendizagem* (Bertely, 2011), defendemos que a avaliação seja um instrumento, tanto de reflexão sobre a prática do professor, ou seja, uma auto-avaliação reflexiva sobre seu atuar, a avaliação seja também um meio de identificar indicadores de crescimento entre os educandos. Avaliação que em seu sentido profundo, deva permitir que o estudante reflita sobre sua própria prática e processo de aprendizagem, aprendendo a ser autocrítico, de forma a identificar suas limitações e potenciais, para crescer com eles de forma integrada e equilibrada. Neste sentido, a avaliação deve permitir ao próprio estudante refletir seu processo de autoformação.

Indicadores de avaliação, além do desenvolvimento da leitura e da escrita, devem incluir o desenvolvimento dos conceitos, o esforço próprio de cada um por superar suas limitações, o esforço e dedicação, mas sem perder de vista o contexto social e familiar de cada estudante, pois cada pessoa é um mundo. Ter indicadores padroni-

zados que medem as pessoas comparando-as, umas com as outras, hierarquizando-as e estimulando a competição individualista, traz valores que contradizem o processo de interaprendizagem, pois este é por princípio: coletivo. Portanto, a avaliação, tanto conceitualmente, como nos seus instrumentos, deve ser adequada à proposta.

No curso de licenciatura intercultural do Instituto Insikiran de Formação Superior Indígena, propomos não utilizar o conceito de “competências”, ao substituí-lo por três outros, que ampliando o sentido da avaliação, buscam compreender os alcances do desenvolvimento humano. Para tanto, propomos ter clareza sobre as **atitudes**, os **valores** e as **habilidades** que devem ser desenvolvidas nas atividades educativas pelos educandos (CARVALHO, FERNANDES & REPETTO, 2008). Atitudes que busquem estimular um comportamento coerente com o desenvolvimento emocional e intelectual promovido pela escola, coerente com os valores positivos das sociedades no mundo, em especial de seu povo indígena em específico, coerente com as necessidades sociais e ambientais da comunidade e do mundo.

No campo dos valores, nos referimos ao que a sociedade considera recomendável e aceitável, o que muitas vezes implica debates e conflitos. Nesse sentido nos interessa a reflexão conjunta sobre estes diferentes aspectos. Por habilidades, nos referimos aos conhecimentos e práticas sociais concretas, tanto habilidades produtivas específicas, como de socialização. Buscamos assim, integrar orientações sobre o que é socialmente aceitável e a prática de concretizar

isso no mundo. Dessa forma, a avaliação é um instrumento complexo e a serviço do método indutivo intercultural.

Como podemos ver, todo este processo é complexo, exige estudo e preparação. Jorge Gasché (2008) nos chama a atenção para que pensemos a relação entre os conhecimentos indígenas e os acumulados pela humanidade, não como um simples “diálogo”, abstrato e idealizado, muitas vezes “angelical”, e sim como uma relação, poderíamos dizer, dialógica, na perspectiva de Bakhtin (1997), onde devemos ressaltar a **articulação** entre estes conhecimentos e os **contrastes** existentes entre eles. Desde uma perspectiva da interculturalidade e do conflito inerente à relação entre sociedades históricas, devemos ter claro o que podemos relacionar, quando e de que forma, e o que podemos diferenciar entre as sociedades, de forma a refletir sobre as possibilidades humanas de resolver problemas e situações de vida.

Neste referencial, a explicitação de conhecimentos próprios nos permite deixar conscientes estes conhecimentos, atitudes, valores e habilidades consideradas aceitáveis, boas ou não, para, assim, a partir da articulação e contraste, aprofundar o processo de criar consciência sobre o mundo. Não se trata apenas de sistematizar o conhecimento próprio. Uma vez que este já tem uma ordem e expressa processos organizados, pois a cultura e as ações humanas são sistemáticas, assim podemos compreender como toda língua e cultura tem uma gramática, uma organização própria, a qual falta explicitar.

Neste processo de planejamento educativo, é importante **graduar** os conhecimentos, organizá-los para seu

uso nos diferentes níveis de escolarização e **dosificar** os conteúdos ao longo de cada período escolar anualmente ou bimestralmente.

Finalmente, resgatamos e o trabalho desenvolvido no México pela equipe de pesquisadores, indígenas e não indígenas (BERTELY e UNEM, 2009), a qual vem contribuindo para construção de materiais educativos. Esta equipe produziu “*tarjetas*” ou “*cartões*” que resumem as *atividades de aprendizagem* apresentadas aos estudantes. Estas “*tarjetas*” inicialmente pensadas para o trabalho do professor em escolas multisseriadas, foram pensadas como “*tarjetas de autoaprendizagem*”, uma vez que o estudante poderia estudá-la e a partir dela desenvolver um processo de aprendizagem. Contudo, o debate dos indígenas do estado de Chiapas, no México, ressaltou seu caráter múltiplo e renomeou as mesmas como “*tarjetas de interaprendizagem*”, pois fomentava uma aprendizagem variada e em diversas direções, seja entre estudantes da escola, como também entre estudantes e professores.

Os “*Cartões de interaprendizagem*” possuem a seguinte estrutura interna, a qual pode nos ajudar a pensar futuros materiais educativos e a necessidade de que estes sejam coerentes com a proposta filosófica e política de educação intercultural:

1. Apresentam ao estudante uma atividade de aprendizagem (baseada em uma atividade social identificada no calendário socionatural); não um tema abstrato que pode estar descontextualizado da realidade social;

2. Iniciam com uma frase motivadora: adivinhação,

canto, poema etc., dependendo do nível escolar, que tem por missão gerar uma reflexão a partir do envolvimento do educando com a atividade proposta;

3. Estimulam e fomentam o trabalho em equipes, de acordo com a visão Vigotskiana e ao conceito de zona proximal, espaço de interação onde ocorrem as interaprendizagens;

4. Exploram os conhecimentos prévios dos estudantes sobre a atividade, identificando o que os educandos conhecem e pensam sobre a proposta;

5. Oportunizam a realização da atividade, pois diferente da educação meramente discursiva, o Método Indutivo Intercultural propõe ao estudante realizar uma atividade concreta e específica, já planejada pedagogicamente, para refletir sobre os conhecimentos, indígenas e não indígenas, a ela associados. O estudante tem que realizar a atividade, o que pode envolver a sala de aula na escola, o espaço da escola ou da comunidade como um todo, pois é nela que se concretiza a vida do dia a dia. Não significa que o professor deva ensinar a realizar a atividade, pois muitas delas os educandos aprendem no seu meio social, por exemplo: pescar e caçar, para os meninos; ou fazer farinha para as meninas. Mas, sobretudo, promover uma reflexão a partir destas atividades e, a partir da explicitação dos conhecimentos próprios, estimulando os estudantes a aprofundar a compreensão a partir da pesquisa e de novos descobrimentos, passando a compreender as motivações e objetivos profundos da atividade e da sociedade na qual o educando se insere;

6. Estimulam a exploração e aprofundamento da compreensão dos conhecimentos culturais próprios, destaca-se a importância da pesquisa na comunidade, sempre com compromisso social, destinada a ampliar e aprofundar os conhecimentos sobre a própria cultura, assim como para valorizar as pessoas e suas formas de vida;

7. Estimulam também a exploração dos conhecimentos escolares, ou seja, a pesquisa e o aprofundamento dos conhecimentos acumulados pela humanidade e que fazem parte do currículo da escola;

8. Finalmente, apresentam uma orientação das atividades a serem realizadas e do desenvolvimento da pesquisa extra-classe, de produção textual, de estudo, de produção de materiais e uso de línguas etc.

Vemos com esta proposta de material educativo, que existe uma corrente lógica, a qual começa no diagnóstico inicial do calendário socionatural, continua na explicitação das atividades sociais, se aprofunda no planejamento pedagógico nas atividades de aprendizagens, concretizam-se em materiais educativos que serão entregues aos estudantes e conclui com a execução da atividade e processo de produção e avaliação.

Contudo, não podemos pensar que é algo perfeito. Durante o trabalho enfrentamos grandes dificuldades, pois os professores indígenas não trabalham apenas em escolas multisseriadas. Existem escolas com oferta de escolaridade em nível de 5º a 9º e Ensino Médio. Esta demanda exige desenvolver estratégias de letramento e reflexão sobre a cidadania, aprofundando os processos de leitura compreensiva e de produção de textos.

Devemos considerar ainda que os povos indígenas são diferentes entre si, com línguas e tradições próprias e que participam da formação do curso licenciatura intercultural, professores de diferentes povos: Macuxi, Wapichana, Taurepang, Ingarikó, Wai Wai, Yekuana, Sapará e, mais recentemente, Yanomami.

Para um aproveitamento mais claro e direto dos estudantes do Curso Licenciatura Intercultural, estamos estimulando os estudantes sob nossa orientação para que associem diretamente o Estágio Curricular Supervisionado (ECS) à pesquisa do calendário socionatural. O estágio curricular supervisionado dura dois anos, sendo que cada fase do mesmo se desenvolve durante um semestre, ou seja, dura 4 semestres. Como professores, temos associado as quatro fases do estágio com a pesquisa do método indutivo intercultural.

Na primeira fase do estágio, cabe realizar um diagnóstico, podendo ser realizada uma pesquisa das atividades e dos indicadores do calendário socionatural, promovendo um mergulho profundo em diferentes aspectos da cultura nem sempre suficientemente analisados, assim como o levantamento de como os estudantes vem a comunidade e como a comunidade vê a escola.

Na segunda fase, associada à elaboração de uma proposta pedagógica, pode-se envolver todo o processo de explicitação dos conhecimentos indígenas a partir de uma atividade social específica e à construção de atividades de aprendizagens, como orientam a teoria da atividade e o Modelo Indutivo Intercultural. Neste processo, pode ser

elaborado um material educativo que, em coerência com a proposta aqui apresentada, seja um instrumento na hora de realizar a atividade junto dos estudantes na escola.

A terceira fase implica na execução da proposta pedagógica, a qual pode ser perfeitamente a execução da proposta emanada da análise das atividades sociais. Assim, propomos aos estudantes realizar uma atividade.

Finalmente, a quarta fase do estágio, que trata de uma reflexão sobre o processo, deve analisar os diferentes passos executados e passar a limpo a proposta pedagógica e o material educativo, de forma a contar com um material já revisado pronto para uma nova realização.

Contudo temos avançado na compreensão de que a execução não cabe apenas no terceiro estágio, pois se desde o começo envolvemos os estudantes no processo de diagnóstico e elaboração da proposta, estamos “executando e planejando” junto dos estudantes durante tudo o processo.

Concluído o estágio, o estudante da licenciatura intercultural parte para a realização do Trabalho de Conclusão de Curso (TCC), no qual o professor revisa e analisa toda a experiência de pesquisa, de produção de propostas e de execução das mesmas.

Em suma, as possíveis aplicabilidades deste trabalho são muito interessantes e abrem um sem número de possibilidades que devem ser estudadas e analisadas no sentido de fortalecer a formação do estudante indígena, do professor indígena e que estimulem a construção de propostas educativas interculturais interessantes. Por este motivo temos articulado os diferentes projetos de pesqui-

sa que fazem parte deste trabalho, para poder pensar propostas escolares interculturais que coloquem no centro do debate problemáticas voltadas para a gestão do território e para a reflexão dos desafios, dilemas e contradições que vivem as comunidades indígenas na atualidade.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A partir deste estudo, temos introduzido uma série de debates e análises críticas de diferentes conceitos, tais como: cultura, interculturalidade, colaboração, coautoria, interaprendizagem, conhecimento indígena, explicitação do conhecimento indígena, teoria da atividade, método indutivo intercultural, dentre outros. O debate baseado no Método Indutivo Intercultural se estende, inclusive, para discutir as propostas curriculares da escola indígena e a construção de Projetos Políticos Pedagógicos baseados realmente nas necessidades da comunidade e menos nas demandas do sistema escolar.

Enfrentar este desafio significa buscar novas formas de trabalho que nos permitam sair do discurso abstrato da interculturalidade, para pensar propostas em educação intercultural que, partindo do estudo da realidade, possam oferecer aos educandos uma visão crítica da sua formação como pessoas. Onde seja trabalhado o “letramento” territorial e jurídico, de forma que estes possam compreender o mundo no qual vivem e os desafios que suas comunidades enfrentam.

Por último, é importante ressaltar que este trabalho tem nos levado a repensar o trabalho de formação de pro-

fessores indígenas que desenvolvemos no curso de Licenciatura Intercultural do Instituto Insikiran de Formação Superior Indígena, em Roraima, no sentido de dar maior conteúdo aos nossos temas contextualizados, utilizando o método indutivo intercultural como uma ferramenta de concretização e contextualização.

Por tudo isto, consideramos de grande importância a troca de experiências e a reflexão autocrítica de nossa própria formação nesta experiência de interaprendizagem, colaboração e coautoria junto aos professores indígenas com os quais desenvolvemos este trabalho.

REFERÊNCIAS

ASBAHR, Flávia. A Pesquisa sobre a Atividade Pedagógica: contribuições da teoria da atividade. In: Revista Brasileira de educação. Maio/jun/jul/Ago. N° 29. 2005. (108-119).

BAKHTIN, Mikhail. Marxismo e Filosofia Marxista da Linguagem. São Paulo: HUCITEC, 1997.

BERTELY, Maria (Coodenadora). Los Hombres y las Mujeres del Maíz. México: SEP; CIESAS, 2008.

BERTELY, Maria & UNEM. Modelo Curricular de Educación Intercultural Bilingue UNEM. México, CIESAS, 2009.

BERTELY, M. (Coord.). Interaprendizajes entre Indígenas. De cómo las y los educadores pescan conocimientos y significados comunitarios en contextos interculturales. México: CIESAS-UPN, 2011.

CARVALHO, F.; FERNANDEZ, M. L. y REPETTO, M. (Orgs.). Projeto Político-Pedagógico da Licenciatura Intercultural/ Núcleo Insikiran/ UFRR. Boa Vista, Editora da UFRR, 2008.

CEDRO, Wellington e MOURA, Manoel. As relações entre a Organização do Ensino e a Atividade de Aprendizagem. In: A Teoria da Atividade Sócio-Histórico-Cultural e a Escola: recriando realidades sociais. Organizadores: Fernanda Liberali; Elaine Mateus; Maria Cristina Damianovic. Campinas, SP: Pontes Editores, 2012. (43-59)

CUERVO, Jessica Martínez. La Actividad mediada y los Elementos del aprendizaje intercultural a partir de una experiencia educativa con maestros indígenas de la Amazonía Peruana. In: Educando en la Diversidad. Investigaciones y experiencias educativas interculturales y bilingües. Coodenadores: Maria Bertely; Jorge Gasché; Rossana Podestá. Ecuador: Abya-Yala/CIESAS/IIAP, 2008. (255-278)

DUARTE, Newton. A Teoria da Atividade como uma Abordagem para a pesquisa em educação. In: Revista Perspectiva, Florianópolis, v. 20, nº 2, p. 279-301. Jul/dez 2002.

FREIRE, Paulo. Pedagogia do Oprimido. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.

GASCHE, Jorge. Niños, Maestros, Comuneros y Escritos Antropológicos como Fuentes de Contenidos Indígenas Escolares y la Actividad como Punto de Partida de los Procesos Pedagógicos Interculturales: Un Modelo Sintáctico De Cultura. In: Educando en la Diversidad. Investigaciones y experiencias educativas interculturales y bilingües. Coodenadores: Maria Bertely; Jorge Gasché; Rossana Podestá. Ecuador: Abya-Yala/CIESAS/IIAP, 2008. (279-365)

GASCHE, Jorge. Apresentação de trabalho: Que valores Sociales Bosquesinos Ensinar na Escola. Apresentação II. III

Reunião Equatorial de Antropologia (REA). XII Encontro dos Antropólogos do Norte e Nordeste (ABANNE). GT 9 - Educação e Conflito Intercultural na relação entre Povos Indígenas e Estados Nacionais. Piauí, UFPI, 2011.

GASCHÉ SUESS, Jorge. Éxitos y fracasos de una propuesta educativa basada sobre el “Método Inductivo Intercultural” e implementada en el Perú, México y el Brasil. In: Revista ISEES, n° 13, julio - diciembre 2013, pags. 17-31. (<http://www.isees.org/file.aspx?id=7605>, 30/01/2014)

GASCHÉ SUESS, Jorge y VELA MENDOZA, Napoleón. SOCIEDAD BOSQUESINA. Ensayo de antropología rural amazónica, acompañado de una crítica y propuesta alternativa de proyectos de desarrollo. Iquitos, Perú: Instituto de Investigaciones de la Amazonía Peruana (IIAP); Lima, Perú: Consorcio de Investigaciones Económicas y Sociales (CIES); Japón: Center for Integrated Area Studies, Kyoto University (CIAS); 2012.

LIBERALI, Fernanda; MATEUS, Elaine e DAMIANOVIC, Maria Cristina (Organizadoras). A Teoria da Atividade Sócio-Histórico-Cultural e a Escola: recriando realidades sociais. Campinas, SP: Pontes Editores, 2012.

NÚÑEZ, Isauro Beltrán. Vygotsky, Leontiev e Galperin. Formação de conceitos e princípios didáticos. Brasília: Liber Livro, 2009.

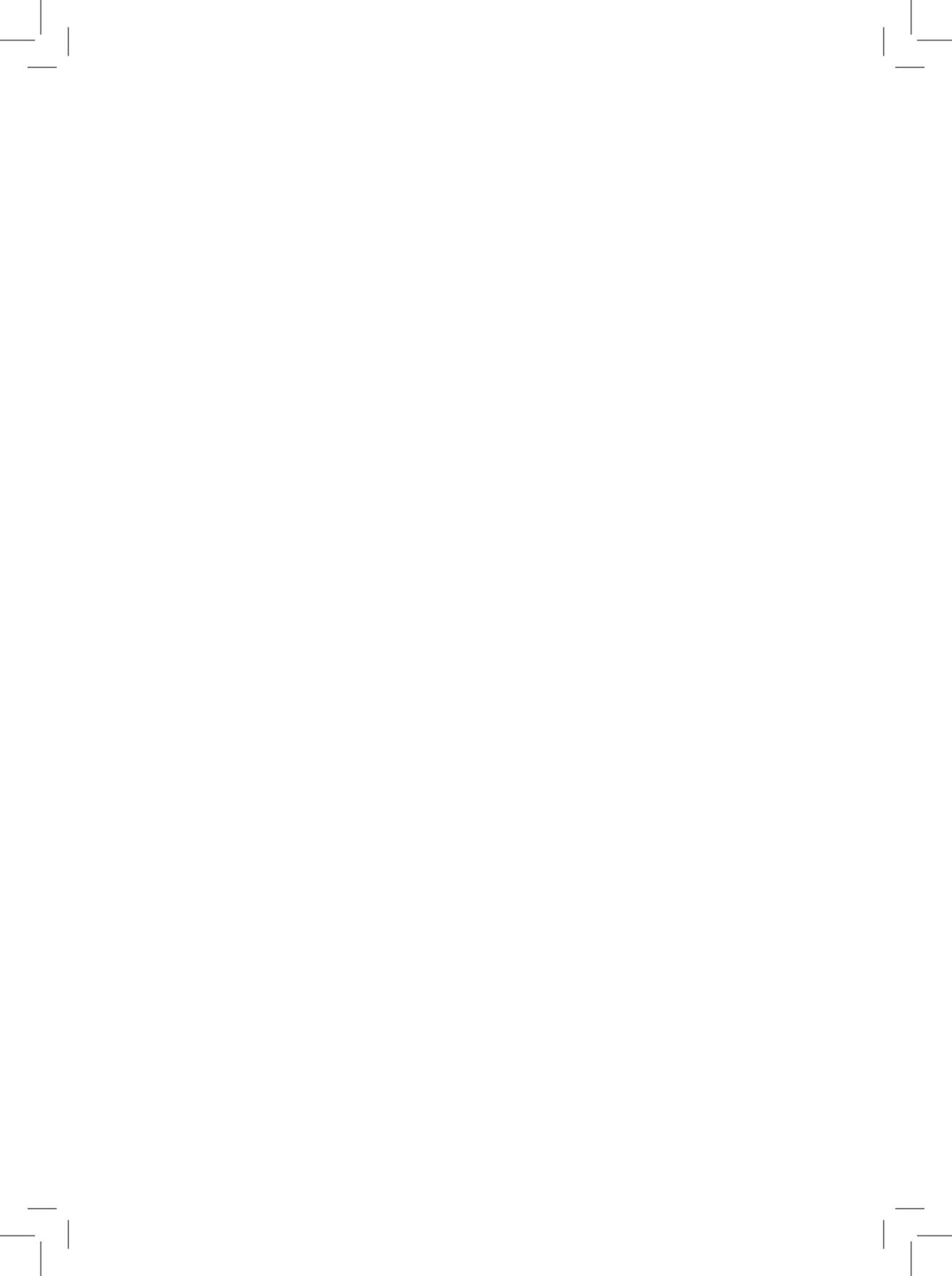
PASSONI, Taisa. Constituição de um Terceiro Espaço em um Programa de formação de Professores de Inglês: contribuições do planejamento crítico-colaborativo em aulas. In: LIBERALI, Fernanda; MATEUS, Elaine e DAMIANOVIC, Maria Cristina (Organizadoras). A Teoria da Atividade Sócio-Histórico-Cultural e a Escola: recriando realidades sociais. Campinas, SP: Pontes Editores, 2012. (175-203)

REPETTO, Maxim & SILVA, Lucilene Julia. Experiências inovadoras na formação de professores indígenas a partir do Método Indutivo Intercultural no Brasil. Revista Tellus, Campo Grande, MS, ano 16, n. 30, p. 39-60, jan./jun. 2016. (<http://www.tellus.ucdb.br/index.php/tellus/article/view/402>)

REPETTO, Maxim & CARVALHO, Fabiola. Experiencias de investigación educativa intercultural en la formación de maestros indígenas en Roraima, Brasil. Revista Desacatos 48 mayo-agosto 2015, pp. 50-65 (<http://desacatos.ciesas.edu.mx/index.php/Desacatos/article/view/1456>)

VIGOTSKI, Lev. A Formação Social da Mente. O desenvolvimento dos processos psicológicos superiores. São Paulo: Martins Fontes, 2007.

VIGOTSKI, Lev. Psicologia Pedagógica. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2010.



A CONSTRUÇÃO DA ROÇA COMO PRÁTICA PEDAGÓGICA NA ESCOLA ESTADUAL INDÍGENA DOM LOURENÇO ZOLLER⁸

Gilmar Brasil da Silva⁹

APRESENTAÇÃO

A comunidade Pedra Preta é composta por 49 pais de família e possui uma população aproximada a 290 indivíduos entre crianças, jovens, adultos e idosos. A população é formada pelos povos indígenas macuxi, ingariko e akawaio. Localiza-se na região das Serras, na TI Raposa Serra do Sol que já foi homologada e registrada, no município de Uiramutã e ao nordeste do estado de Roraima, há uma distância de aproximadamente 400 km de Boa Vista. Nela está situada a Escola Estadual Indígena Dom Lourenço Zoller.

O trabalho trata de pesquisa do calendário cultural e de experiências educativas realizadas na comunidade Pedra Preta, além de reunir pesquisa e práticas pedagógicas desenvolvidas na escola com o objetivo de contribuir para a construção de propostas pedagógicas, bem como refletir, discutir e propor métodos de ensino que sejam mais próximos da realidade da comunidade.

Para alcançar os objetivos propostos, utilizamos o método de discussão, reflexão, leitura de textos, observa-

⁸ Trabalho de Conclusão de Curso orientado pela professora Fabiola Carvalho

⁹ Graduado na Licenciatura Intercultural, na Área de Habilitação em Ciências da Natureza, bolsista PIBID Licenciatura Intercultural

ção e participação nas atividades sociais (em especial às ligadas à roça e nas atividades desenvolvidas em sala). A contextualização da realidade, análises qualitativas da vida cotidiana e a realização de oficinas também foram importantes para a pesquisa do calendário cultural.

Realizamos com a comunidade uma discussão sobre a pesquisa do calendário cultural, bem como sobre seus conceitos e sua importância para o desenvolvimento de trabalho voltado a educação escolar. Os conhecimentos indígenas macuxi e as relações com o meio em que vive a comunidade nos fez refletir, dando-nos um panorama conceitual ao buscar embasamento teórico científico para entender essas relações e conhecimento.

A comunidade realiza uma série de atividades no dia a dia, seja individualmente, em família ou coletivamente. Para realizar essas atividades, a comunidade utiliza elementos com base no tempo, na natureza, nos astros e nas categorias biológicas e humanas.

Apesar do contexto histórico de dominação, ainda resistem os costumes e tradições passados de geração para geração, que identificam um povo e que ainda precisam ser melhor pesquisados, estudados e analisados. Partindo dessa realidade, buscamos construir propostas que atendam e respondam necessidades das comunidades. Daí a importância da pesquisa, além de acreditar na convivência plural de um povo, na riqueza de conhecimento, na espiritualidade e no respeito à diversidade.

A chegada da escola na comunidade com um pensamento centrado numa perspectiva “integracionista” trouxe

transformação cultural nos modos de vida da comunidade e hoje buscamos na educação uma proposta de ensino a partir da realidade em que vive a comunidade indígena.

Acreditamos que pesquisando o calendário cultural abre-se um leque de possibilidades para elaborar currículos e propostas pedagógicas compatíveis com a vida da comunidade, sem deixar de conhecer ou estudar o conhecimento ocidental. A proposta do Calendário Cultural já é utilizada em outros povos indígenas de países como o Peru, México e no Brasil no estado do Amazonas, Minas Gerais e Bahia com resultados interessantes.

Propusemos nesse trabalho pesquisar as atividades realizadas pelas pessoas da comunidade, discutindo as relações que as levam a realizar tal atividade, bem como as influências sofridas pelo meio em que vivem, explicitando os conhecimentos neles envolvidos. A partir daí, buscamos transformar a escola em um espaço de contextualização das atividades comunitárias e individuais realizadas nos espaços festivos e religiosos para realizar o trabalho.

O PLANEJAMENTO DAS ATIVIDADES DE PESQUISA DO CALENDÁRIO CULTURAL

A proposta de trabalho surgiu enquanto acadêmico do Instituto Insikiran/Licenciatura Intercultural, durante o período do Estágio Curricular Supervisionado em cursos de extensão sobre o calendário cultural realizadas pelo sub-projeto PIBID Licenciatura Intercultural/PET Intercultural. A pesquisa contou com o apoio na forma de bolsa financiada pelo Programa Institucional de Bolsa de Inicia-

ção à Docência – PIBID/Licenciatura Intercultural, ligado a Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior – CAPES do Ministério da Educação.

Buscamos o envolvimento dos estudantes e da comunidade em geral. Os professores também contribuíram no processo, com destaque para a professora Valdirene Lima da Silva, que de modo particular utilizou outros métodos para a pesquisa do calendário cultural. De certa forma, estávamos juntos na condução da oficina sobre o calendário. Não esquecendo também do gestor da escola, Odivilson da Silva, que acabara de ser transferido de outra escola e que contribuiu com as experiências vividas na escola anterior onde o mesmo trabalhou.

Realizamos o trabalho nos 8º/9º anos do ensino fundamental da modalidade Educação de Jovens e Adultos – EJA, tendo em vista que a modalidade EJA nas comunidades indígenas é um desafio para os professores e requer um conhecimento de metodologias específicas e processos didáticos eficazes e atualizados, aproveitando a vivência dos alunos para que os mesmos possam desenvolver suas competências e habilidades.

Turmas da EJA normalmente são compostas por jovens e adultos, com idade entre 18 a 45 anos. São pessoas que tem filhos, possuem famílias e a responsabilidade de sustentá-los com produtos da roça. Alguns são Agentes Indígenas de Saúde, vaqueiros e lideranças como o próprio tuxaua da comunidade. Cada um com sua história de vida e seus motivos para estar ali. Como esses estudantes entraram na escola com interesse de aprender, observa-

mos que carregam consigo motivações, experiências e expectativas importantes a serem considerada pelo professor para o desenvolvimento do trabalho pedagógico.

Para entender o Calendário Cultural, foi necessário refletir sobre o conceito de cultura, que segundo Gasché (2009) é:

O que os seres humanos produzem no processo da vivência diária, no qual criam seus meios de subsistências, transformando a natureza; cooperando, interagindo e havendo comunicação entre si. Nesse sentido, a cultura manifesta o resultado das atividades humanas. Afirmo ainda que a cultura é concebida de forma sintática: “articula logicamente e com certo rigor as categorias que derivam do processo produtivo humano, ou seja, das atividades humanas, e conduz a uma estratégia pedagógica que desenvolve seus conteúdos a partir de uma atividade.

As relações da comunidade com o meio possibilitaram entender o processo de vida dessa sociedade, fazendo uma reflexão detalhada, aprofundada, não só teórica, mas prática e participativa do processo para se ter a noção dessa organização e construir um calendário.

Buscamos com as pessoas mais idosas os conhecimentos culturais sobre as atividades feitas ao longo do ano por meio de oficinas e observações individuais. Construímos uma ficha para o acompanhamento diário das principais atividades da comunidade através da observação direta no meio social, prestando atenção em tudo que era possível ouvindo as conversas entre as pessoas e as

situações em que havia uma relação entre os indicadores climáticos, vegetais, animais e astronômicos que influenciavam nas suas atividades.

Tentamos buscar no meio científico, modelos de relatórios e fichas para organizar nossa coleta de informações do modo mais próximo do que se pensou. Na comunidade, acontecem diariamente trabalhos de roça, encontro das famílias e parentes para beber caxiri e conversar sobre variados assuntos. Crianças e jovens em idade escolar realizam periodicamente encontros para discutir seus problemas. Além disso, acontecem festas e trabalhos comunitários e individuais. Nessa perspectiva, nos baseamos em Monte (2003), ao detalhar práticas profissionais refletidas pelos diários de professores e cadernos diários de agroflorestais, desde 1991 no Estado do Acre.

Estrategicamente, decidimos escrever sobre umas das atividades mais importantes da comunidade: a roça. A partir das atividades da roça, buscamos explicitar os conhecimentos nela envolvidos. A pesquisa resultou em um trabalho interessante, rico em informação quando analisamos os relatos, porque são ações vividas e refletidas ao longo do processo da pesquisa como podemos observar abaixo.

O CALENDÁRIO CULTURAL DA COMUNIDADE PEDRA PRETA

A seguir, apresentamos o resultado das observações, das anotações diárias, das participações nos trabalhos, nas conversas cotidianas, da oficina com a comunidade, enfim, da pesquisa geral que pude conseguir em conjun-

to com os colegas de trabalho sobre o calendário cultural acreditando ser importante para construção de propostas educativas para a escola da comunidade Pedra Preta.

Para entender melhor a organização do calendário cultural, utilizamos os meses de janeiro a dezembro dividido em duas grandes partes em tempo das chuvas ou cheia (inverno) e tempo das secas (verão) levando em consideração as chuvas isoladas em que a comunidade se baseia para realizar suas principais atividades. Apresentamos também o resumo na forma de um calendário cultural circular (anexo III).

Janeiro: O período que chove menos e as principais atividades realizadas pela comunidade são a broca das roças de mata virgem e capoeira. Queimam as roças de mata virgem que foram brocadas em novembro e dezembro. Acontecem pescarias de traíra (*Hoplias malabaricus*.) e aracu (*Leporinus friderici*) mergulhando no rio Quinô utilizando malhador e flechas. Acontecem também pescarias de piabas utilizando mosquiteiros durante o dia e tarrafas pegando cascudo durante a noite. É o tempo de tirar palha e madeiras para construção de casa quando não existe lua durante a noite. É o período em que as pessoas mais se locomovem para outras comunidades, ou outras regiões, devido às férias da escola. É comum as pessoas fazerem a limpeza usando a enxada de terreno para espera das primeiras chuvas para replantio de maniva. É época de extração de ouro que é feito manualmente nos leitos dos rios, aproveitando a seca dos rios Cotingo e Quinô. Os rios, igarapés e lagos estão secos, ficam intrafegáveis, pois são principais vias de acesso à comunidade.

Época em que a maioria dos animais está mais magra, devido à estiagem. Os animais como tatu, cutia, veado, paca percorrem os lugares mais distantes para conseguirem água e alimento (Floriano Cavalcante pesquisado pela professora Valdirene Lima da Silva). A caça é praticada com menos frequência de acordo com análises nas falas informais do senhor José Wilson, se faz “moita” para espera de caça próxima a plantas em frutos.

Período da flora do pau-d’arco e o amadurecimento dos frutos de ingá do mato, Jatobá e cabeça de macaco. Nesse tempo, as frutas silvestres estão carregadas como: amendoim de paca (*Cuniculus paca*) (urana anapîye), baco do mato e baco do veado. (Floriano Cavalcante pesquisado pela professora Valdirene Lima da Silva). Período em que os frutos da mangueira e azeitona estão maduros.

No mês de janeiro, não chove e o rio fica com água baixa, há muito vento no sentido norte/sul e frio durante a noite. O sol apresenta um círculo “chapéu” ao seu redor: indica que não vai chover, indica verão. (Laurindo Nascimento pesquisado pela professora Valdirene Lima da Silva).

Nesse período, foram detectadas muitas queimadas nos campos em decorrência das secas. Os animais silvestres, principalmente o veado, se afastam mais porque nesse período o gado bovino vai anda mais longe atrás de pasto, que está mais seco. O fogo também no campo é mais frequente nesse mês devido ao período seco.

Fevereiro: Nesse período, ainda continua a broca de roças de capoeira, ou seja, “mata fina”, e a queimada acon-

tecem calculadamente de 15 a 20 dias. Época de coivara das roças. É frequente a limpeza das roças de mandioca. Há trabalhos diários feitos por homens e mulheres na colheita da mandioca para fazer o caxiri, farinha e beiju.

Nessa época, as pessoas costumavam cercar uma parte do rio para baixar a água para pescaria com timbó, mas devido a razões prejudiciais ao meio ambiente, está sendo abolida essa prática, algumas pessoas ainda pescam com timbó, porém com menos frequência. As pessoas pescam com anzol, tarrafa e malhador nos rios, igarapés e lagos. Acontece a caça de pacas por meio da espera em “moitas” e “varridas”.

Neste mês se iniciam as aulas, portanto tem a reunião comunitária e escolar para programar o trabalho local da comunidade. Visita das Lideranças nas comunidades pertencentes ao centro Pedra Preta. Retorno das pessoas de outras localidades.

Os animais, nessa época como a paca, cutia e o veado começam a ficar gordos, mas muito pouco, devido às chuvas isoladas e às plantas que estão em frutos. Quando chove nesse mês, as cigarras começam a sair da terra. Os animais como o gado bovino andam mais longe a procura de pastos.

Nesse mês, caem as folhas do samaúma, pau d`arco, jatobá, jenipapo e da seringueira. As plantas que estão em flores são: mamão bravo, chapéu de sol, frejó, pau campo-eiro, fruto do jabuti, goiabinha do mato, apuizeiro, pau-d`arco, balata, patuá, bacaba, curitibá e buritizeiro.

Nesse período, tem pouca incidência de chuvas. Muito calor durante o dia e frio durante a noite, com muito vento.

Março: Nesse mês, acontece com maior frequência a queimada, a coivara e a destoca das roças. Segundo o senhor Domingos Santana e o senhor Floriano Cavalcante, o dia 19 é marcado para plantar milho para ser consumido no mês de junho, devido às incidências de chuva que já acontecem. Início do plantio de maniva nas roças antigo local de outras culturas do ano anterior. Trabalho de cercar as roças para impedir a entrada de animais.

Primeira voada das saúvas e a comunidade se concentra na atividade de pegá-las. Inicia a pesca com anzol nos lagos e rios que começam a encher devido às primeiras chuvas. Devido às primeiras chuvas, as famílias tiram palha para reformar a cobertura das casas.

É o mês em que as lideranças saem para Assembleia Estadual dos Tuxauas.

Os animais como tatu, paca, cutia e veado ficam gordos. O tatu está em reprodução. As tanajuras voam. As lagartas do capim aparecem. Início do tempo das cigarras. Nesse mês é o tempo das frutas maduras: buriti, jenipapo, coquinho do mato, fruto de jacitara, mutambeira e bacaba.

Início das chuvas geralmente na metade da segunda quinzena. Chuva para a saída da cigarra da terra. Inicia a formar massas de nuvens carregadas de chuva.

Abril: Nesse mês acontecem as primeiras chuvas e a comunidade costuma plantar feijão de corda, milho e maniva. Os peixes sobem na piracema, em especial o mandi. Há pescaria na cachoeira do Quinô usando o jiki, caniço, malhadeiras e linha. As famílias se concentram na atividade de pegar as tanajuras durante a manhã e tarde; também

as manivaras durante a noite. É mais frequente a caça aos tatus que saem devido à enchente. Comemora-se a Homologação da TI Raposa Serra do Sol e o dia do Índio. Pescaria para ser consumido na Semana Santa. Reforma da cobertura das casas de palha.

Os peixes sobem para desova e apresentam mais gorduras. Aparece a lagarta do capim, as tanajuras e manivaras voam. As cigarras desaparecem. Há presença de muitas andorinhas. A maioria das plantas silvestres está sem fruto. Período em que o fruto do maruwai começa a cair no chão e cascas grossas estão floridos.

Início de muita chuva e o tempo apresenta muitas nuvens carregadas de chuva. Período de grandes enchentes dos rios. A comunidade só se baseia em noite escura e clara.

Maio: As atividades se concentram mais na roça, na capina, no plantio de milho, feijão de arranca e maniva. A colheita de mandioca é mais frequente para aproveitar as manivas como sementes para plantar nas novas roças. Comemora-se o dia das mães. Nesse período termina o plantio dos legumes e outras culturas.

Nesse período, as pessoas ficam mais em casa, devido à alta incidência de chuva. Preparação dos alimentos para o armazenamento antes do inverno. A comunidade ainda se concentra na coleta das tanajuras que ainda voam. Limpeza de terrenos para plantação de manivas. A atividade de pesca ainda se concentra na cachoeira utilizando o jiqui, a vara (caniço) e a linha com anzol. As pessoas no período das chuvas praticam a atividade de garimpo nos córregos aproveitando as águas das chuvas.

Este mês continua com a piracema dos peixes como o mandi. As saúvas continuam voando. Nesse período aparece muita lagarta do capim. Últimas aparições das andorinhas. Os animais como o tatu, paca, veado e cotia apresentam mais gordura.

As plantas estão em frutos nesse período, a maioria não foi identificada, o que foi a mim apresentado foi somente o jaraí, jatobá e balata. Os que estão em flor foi o buriti, a manga brava e a comida de morcego.

O clima nesse período é de muita chuva, com tempo abafado, pouco vento, o rio tem a permanência de ficar cheio, com água barrenta.

Junho: Este é um período em que as atividades realizadas é mais capina das roças de legumes como o feijão de corda e continuação da planta de feijão de arranca, o milho, outros. O trabalho na roça é uma dificuldade devido às chuvas, a locomoção é dificultada pela lama, porém, é o período em que o mato cresce mais rápido. Nesse caso, de 15 em 15 dias é preciso estar limpando. E na metade do mês inicia a colheita do milho verde. A comunidade inicia a proteção das roças, ou seja, estão lá com mais frequência para impedir a destruição por animais silvestres, como macacos e cutias. As atividades se concentram na construção de espantalhos para afugentar os animais da roça. As atividades de pesca acontecem somente com malhador na foz dos rios e igarapés.

Tanto animal silvestre, como criações nesse período estão mais gordos. Período de muita mosca que atormenta os animais. Termina o período da piracema do mandi. Nesse mês, é tempo de muita lagarta que ataca as planta-

ções, principalmente o milho. Período que o capim está verde, as frutas silvestres começam a cair no chão principalmente jatobá, balata. O clima nesta época está muito quente, com pouco vento e continua chovendo muito. O rio, lago e igarapé continuam cheios.

Julho: Neste mês, continua com as atividades de capina de legumes até o período da colheita. Inicia a colheita do feijão de corda. Acontece a reunião comunitária de avaliação escolar. A comunidade inicia a colheita do milho verde. Faz-se a limpeza das roças de maniva usando terçado, devido à maniva estar grande. Terminam as aulas do primeiro semestre.

As pessoas saem para visitar parentes em outras comunidades, aproveitando o período de férias dos estudantes. É época que se tem mais cuidado com as roças contra determinados animais silvestres como macacos, papagaios e periquitos. Nesse período, há muita incidência de doenças como a gripe e a diarreia. As atividades na roça ainda continuam com a dificuldade devido a muita chuva e muita lama nos caminhos.

Nesse período, inicia o tempo de muito pium, em algumas partes da comunidade apresentam incidências de carapanã. Os animais como a paca e a cutia estão no período de gravidez, reprodução dos papagaios e periquitos. Períodos em que frutos do cabeça-de-macaco e curitibá-miúdo estão caindo.

As chuvas nesse período começam a dar tréguas, a massa de nuvens continua nublada na maior parte do mês. O rio começa a baixar.

Agosto: Algumas pessoas da comunidade brocam roças para um novo plantio de feijão de corda e maniva. Inicia a colheita do feijão de corda e milho verde. Limpeza das plantações das roças. As famílias se protegem contra raios, colocando carvão na porta das casas, prato e terço no meio do terreiro. Pescaria com malhadeiras no rio Quinô. Nesse período, as pessoas redobram os cuidados com animais peçonhentos, principalmente as cobras. As doenças aparecem com mais frequência como: gripe e feridas causadas pela picada do pium. A comunidade protege suas plantações dos animais. Início das aulas do segundo semestre. Volta das famílias para a comunidade.

Nesse período, acredita-se que todos os animais estão mais nocivos, principalmente a cobra, o escorpião e as aranhas. As cobras estão no período de acasalamento. É o período em que os animais carnívoros estão magros devido à falta de alimento. Tempo das mutucas, que atacam os animais domésticos. A paca e a cotia estão no período de gravidez e se alimentam dos coquinhos. Época de muito pium.

A planta pau d`arco, nesse período, está em flor e os coquinhos (marfim vegetal) estão secos. Nessa época, há bastante nevoeiro que cobre as serras pela manhã e também há muitos raios e trovões no início das chuvas. É o mês que chove muito, portanto, os rios e igarapés estão cheios.

Setembro: Inicia a colheita do milho, do feijão de corda e de arranca, separam para armazenar para o consumo e sementes. A comunidade se reserva em vigiar a plantação de milho e feijão, colocam espantalhos contra o ataque dos macacos e papagaios. Continuam os cuidados

com raios e relâmpago. Inicia a pesca com mosquiteiro, tarrafa, também na pesca utilizam o cunani para pescar aracu. Período de vacinação do gado bovino e outros animais. Em ano eleitoral, muitos políticos visitam a comunidade. Como pude observar, só nos meses de setembro e outubro no período das pesquisas vieram oito.

Queda das flores do capim. Período que as frutas nativas começam a acabar e as caça como veado, paca e cotia começa a comer os caroços de frutas (Floriano). As frutas que as caças mais comem são cutiribá grande e pequeno, bacuri, jarai, ingá rabo de guariba, jenipapo, balata, marfim e buriti (LAURIANO).

Período em que as principais caças como a paca, o veado e a cotia estão gordas (Lauriano). Os peixes também estão gordos. Nesse período chove muito pouco, portanto o rio está seco, não venta muito, tanto que durante as pesquisas choveu só dois dias no mês. Tendo em vista que as pessoas esperam a chuva do boiaçu.

Outubro: Nesse mês ainda, na comunidade tem pessoas que estão fazendo a colheita de feijão e milho, porém a maioria inicia a limpeza dos terrenos depois da colheita para plantar maniva. A atividade de imunização dos animais, no caso o gado bovino, ainda continua. É um período em que se inicia a construção de novas casas e reforma de casas comunitárias, principalmente o prédio escolar, uma preparação para o próximo ano.

Nesse mês, a comunidade faz programação de festa para a comemoração do dia das crianças. Inicia a retirada de madeiras para construção, utilizando motosserras. As

pessoas iniciam mobilização aos preparativos para a festa de formatura dos estudantes que é um evento já tradicional, que acontece todos os finais de ano.

Em ano eleitoral, muitas das pessoas se deslocam para outras localidades para votar. A maioria vota em Água Fria, outros no Cajú, Flexal, Uiramitã e Boa Vista. Muitos políticos visitam a comunidade nesse período.

É um período em que não vi muitas atividades de caça, portanto não deu para saber como quais animais estavam gordos ou magros; entretanto, como é período seco e alguns estão magros, porque anos atrás nesse mesmo período algumas pessoas pegaram tatus e estavam bastante magros e foram soltos devido não ter carne. Porém certos animais, de acordo com as pessoas com as quais conversei, o senhor José Wilsom e Pedro Brasil, que são as pessoas que mais caçam, na comunidade, afirmaram que a paca, veado, cotia e outros estão gordos. Pude observar que neste mês somente o pau d`arco está em flor, isso é visível porque é uma planta que se destaca no meio da mata e nesse tempo permaneceu em flor durante dez dias, de acordo com minhas anotações.

Nesse mês, é um período que não chove muito e durante as pesquisas choveu apenas cinco dias, o tempo é parado por que não tem muito vento e a maior parte do dia fica aberto sem nuvens no céu. Os rios e igarapés estão secos, portanto, há dificuldades para trafegar em diferentes lugares, pois os que usam o barco com motor de popa tem que puxar para se locomover. As pessoas mais idosas, como o senhor Lauro Brasil, afirmam que nesse mês tem

a chuva do boiaçu, se caso não choveu em setembro, vai chover em outubro. Também se espera a chuva do caju. Realmente nos cinco dias, a chuva deu para encher os rios e igarapés, porém logo secaram.

É um período em que a sensação térmica começa a passar de quente para frio, como algumas pessoas afirmam que é o frio de dezembro. O rio permaneceu cheio durante seis dias

Novembro: Acontece mais a limpeza das roças plantadas, que é um trabalho que diminui durante o verão, enquanto no inverno os dias de limpeza são 15 dias; no verão passa a ser bem maior. Fazem a colheita da mandioca com mais frequência, para fazer farinha. Nesse mês pude observar que cresceu o trabalho de torração de farinha de mandioca e armazenamento de manivas como sementes. Nesse mês, inicia a broca das roças em mata virgem, explicando que são poucas que ainda fazem isso, porque a maioria das pessoas da comunidade utiliza a capoeira. Qualquer chuva isolada é motivo de aproveitamento para plantar maniva nessa época.

Os trabalhos de reforma e construção de casas com cobertura de palha, ou de telha, se iniciam em outubro e continuam em novembro. Cresce a atividade de pesca usando varas (caniço) com anzol e cunani. Se as Lideranças não visitam outras comunidades em outubro isso pode acontecer em novembro, conforme a organização política da região de Serras. Ela costuma sair para fazer reuniões e levantamentos, uma preparação para a Assembleia dos Tuxauas na Região Serras.

O trabalho de extração de ouro feito manualmente nesse período aumenta nos leitos dos rios que estão secos. É o tempo de caça às cotias, pacas e tatus que ficam nos buracos.

Tempo da chegada das borboletas. Os animais, como cotia e tatu, estão gordos. Nesse período, conforme as pesquisas, o pau d'arco roxo (ipê roxo) está em flor durante dez dias e o buriti está com frutos durante quinze dias. Tempo de muita laranja que são plantadas nas roças e caju nos quintais das casas, outra como a manga está com fruto verde e a azeitona está em flor. Nesse período, choveu oito dias; porém, as chuvas isoladas, entre quatro dias e outro, o rio permanece seco o mês todo prejudicando o tráfego de barco com mercadoria. Nesse mês, a lua costuma ficar com um círculo ao seu redor, significando pouca chuva nos próximos dias.

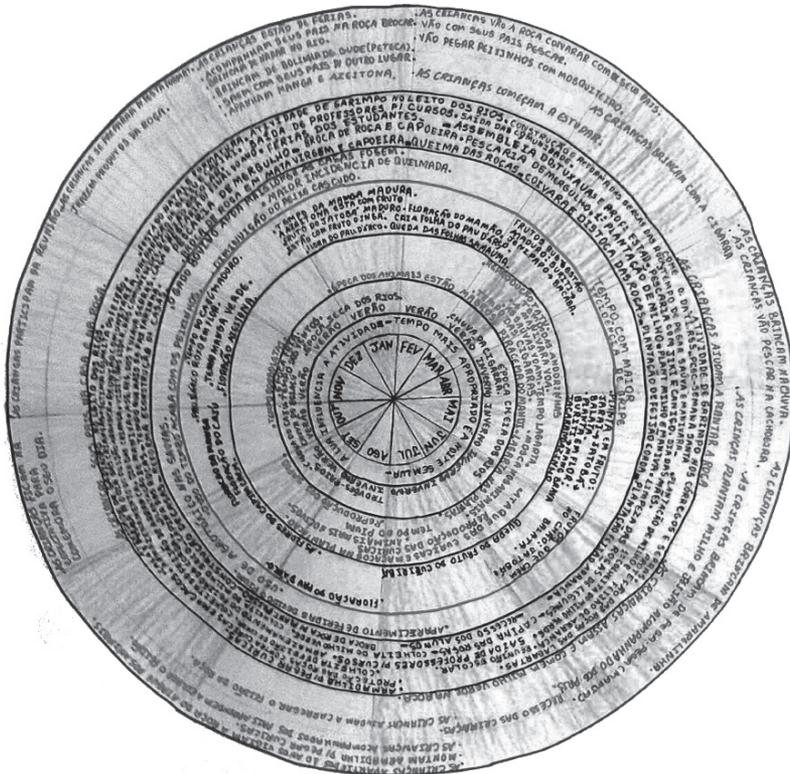
Dezembro. No início desse mês realiza com mais frequência a colheita da mandioca, torração de farinha e trabalho de fazer beiju, ou seja, é uma preparação para a festa de final de ano. Acontecem pescarias coletivas com malhadeiras, tarrafas e cunani nos rios Quinô e Cotingo. Preparação da comunidade, em especial a escola para a formatura dos estudantes, com danças e músicas tradicionais, confecção de tangas, colares e cocares.

A caça é mais frequente, pois algumas pessoas saem para outros lugares mais afastados para conseguir alimentos como carne de caças. Também nesse período é consumida muita carne bovina e se faz muita bebida como o caxiri; guardam frutas e legumes, entre outras, para a festa do final de ano. Nesse período, o movimento festivo na comunidade aumenta com a comemoração da festa de natal e final de ano. As pessoas saem em período de quatro dias para outras localidades para festa de natal.

Nesse período também, já tem pessoas brocando roças, tanto na mata virgem, quanto em capoeira. Os animais de caça como o veado, paca, cotia e o tatu estão gordos, nessa época ficam mais afastadas devido as frequentes caças (ficam velhaca).

As frutas da mangueira e azeitonas estão verdes. Inicia o tempo de ventos fortes e ondas de frio a partir das 15 horas; o rio, bastante seco, dificulta o tráfego _chove muito pouco.

Figura 3 Calendário Cultura da Comunidade Pedra Preta



Fonte: Gilmar Brasil da Silva, 2013

Atividades dos Homens e Mulheres

Normalmente, quando a comunidade não tem outra função as atividades diárias acontecem na roça. Os trabalhos de capina, plantio e colheita da mandioca, para fazer beiju e caxiri, são quase diários. Quando não são estes, a maior parte do tempo fica-se em casa. Percebi que as pessoas saem em vários horários para fazer suas atividades. Para ir à roça tem pessoas como o senhor Josias, que saem cedo às 6 horas e só volta durante a tarde às 16 horas. A senhora idosa, Ercília, também sai às 6 horas da manhã e volta às 10 horas antes de o sol esquentar. Outros vão a partir das 7 horas em diante e voltam às 18 horas.

As principais atividades da comunidade estão em torno da roça, pois é dela que sustentam suas famílias. Portanto, as tarefas que são realizadas são divididas de acordo com as condições das pessoas tanto do sexo masculino quanto do sexo feminino. Isso não significa que as mulheres não possam realizar o trabalho dos homens e vice-versa, mas analisar os trabalhos que são mais comuns aos homens e mulheres.

Os homens ficam com a tarefa de brocar a roça, de ir buscar lenha, manter limpas as roças, cavar a terra para o plantio. São responsáveis de tirar a madeira, palha e carregar materiais para construir a casa. Ficam com a tarefa de caçar, pescar e buscar alimentos para a família. Confeccionam materiais de uso doméstico como abano, jamanxim, darruana, tipiti, balaio e peneira. Ajudam as mulheres nos afazeres de casa.

Atividades dos Meninos e Meninas

A principal atividade feita pelos meninos de 12 a 19 anos, além de passar a metade do dia na escola, é ajudar na broca e derruba das roças comunitárias e individuais, isso de acordo com sua força de trabalho. Pescam com canço, tarrafa, malhador e mosquiteiro. As meninas ajudam as mães nas atividades de casa como lavar roupas, as vasilhas de cozinha, na limpeza de casa e preparar alimento; cuidar dos irmãos ou sobrinhos mais novos.

Meninos e meninas ajudam as mães a preparar o alimento como: farinha de mandioca, beiju e caxiri. Ajudam a colher mandioca, banana, cará e outros produtos da roça. Buscam água, carregam e cortam lenha para cozinhar os alimentos, cuidam das criações pequenas (galinhas). Os adolescentes participam da vida religiosa e recebem informação das lideranças e se divertem jogam futebol nos finais de semana.

São jovens considerados em fase de transição para a vida adulta; portanto as atividades desenvolvidas são acompanhadas de muitos conselhos sobre a convivência conjugal. Os meninos e meninas podem ser picados pela formiga tucandeira nos quais é passado por um ritual de reza. Como este ritual estava se perdendo, a comunidade entrou em acordo de que todo início de ano, no que diz respeito ao início das aulas que esse ritual seja praticado como forma de valorização.

Outra forma de inserção do conhecimento sociopolítico nos jovens é estimular sua participação como apren-

diz, acompanhando o tuxaua e outras lideranças nas reuniões dentro e fora da comunidade.

Os rapazes de 17 a 19 anos de idade trabalham para ter suas próprias coisas, tendo em vista que eles já se sentem autônomos, ou já batalham para conseguir empregos.

As atividades desenvolvidas pelas crianças de 08 a 11 anos acontecem mais no meio da família e algumas vezes participam nos trabalhos coletivos brocando matos baixos das roças, ciscando e jogando matos. Ajudam os pais a carregar os produtos da roça como mandioca, milho, mamão cana e outros em poucas quantidades. Ajudam a organizar a casa; varrem o terreiro, o interior da casa, lavam roupas e vasilhas sujas na cozinha. Passam a maior do tempo na escola. Desenvolvem na escola trabalhos artesanais confeccionando tangas, cocares e colares para si. Os pais os incentivam a plantar fruteira e a molhar todas as manhãs.

Essas crianças ajudam a cozinhar certos tipos de alimentos manipuláveis como batata, cará e põem para aquecer a damorida. Ajudam a mãe a raspar e lavar mandioca, sempre estão ajudando a peneirar e espremer massa de mandioca. Ajudam a mãe a carregar água e lenha. Cuidam das criações pequenas (galinha). Quando estão na roça os pais lhes ensinam como plantar maniva, milho e feijão. Na época em que as saúvas voam são despachados da escola para pegarem saúva com os pais.

Outra atividade é debulhar o milho para alimentar os animais domésticos. Acompanham seus pais na roça e na pescaria e pescam com anzol e mosquiteiro. Ajudam a cuidar dos irmãos mais novos quando os pais vão à roça.

A menina ajuda a mãe a ralar mandioca em pequenos ralos. Tanto os meninos quanto as meninas brincam de futebol, amarelinha, de bolinha de gude (peteca), brincam com os seus colegas de pega-pega (manja) nadando no rio.

Já começam a participar da reunião comunitária e escolar como ouvinte para programar o trabalho local da comunidade e participam ativamente no culto aos domingos.

As crianças de 06 e 07 anos, são pequenas ainda, porém o que se observa é que os pais já estimulam a participação nos trabalhos. As crianças não são obrigadas a trabalhar, porém sua participação acontece de forma natural. Sua ação está mais para brincadeira com coisas pequenas, raspam mandioca, colocar mandioca na bacia para lavar, jogam casca de mandioca e colocar a lenha para dentro da casa, brincam de ralar a mandioca. Buscam água em pequenos baldes e são os que mais participam do culto na igreja. Começam a participar da vida escolar; ao que se percebe, elas imitam as atividades dos adultos.

São levadas algumas vezes para a roça, com o cuidado para não danificar as plantações, sempre acompanhado pelos pais. Essas crianças querem acompanhar os pais nos trabalhos pesados.

Em se tratando da rotina lúdica, as meninas brincam de bonecas feitas de qualquer material que se pareça com uma criança. Os meninos brincam com terra, cavam buracos e fazem casinhas com pequenos vegetais, brincam de fazer pequenas roças. Brincam de bola, de amarelinha e de pega-pega (manja) no rio e terreiro de suas casas. Brinca de esconde-esconde, bolinha de gude (peteca) e sobem em pequenas árvores.

Os Indicadores Climáticos, Astronômicos, Vegetais, Animais e Seus Significados

Alguns indicadores que acontecem em várias épocas do ano são acompanhados de significados que durante a pesquisa pude observar nas falas das pessoas que viajavam, no caminho das roças e numa roda de conversas em torno da principal bebida, o caxiri. Também por experiência própria de determinadas atividades que dependem de certos fenômenos para acontecer. Me chamou a atenção o fato de que certos fenômenos levam a previsão de outros acontecimentos que influenciavam nas atividades diárias.

Quando as teias de aranha no capim estiverem com água pela manhã, é sinal de que não vai haver chuva nos próximos dias e ao apresentar muito pium de uma hora para outra, que não seja no seu período de aparecimento, é porque haverá chuva.

Quando o pássaro conhecido como cauã estiver cantando é sinal de mau presságio e que está chamando chuva. Da mesma forma quando uma espécie de perereca estiver coaxando e seu canto parece com alguma coisa sendo quebrada ou raspada é sinal de muita chuva. Assim também, acontece se os animais como o gado bovino estiver deitado sem se alimentar é também sinal de muita chuva.

Se a lua apresentar em seu contorno um círculo (chapéu) apresenta verão e se estiver com dois círculos significa muita chuva, ou “inverno”. Se a noite for escura está bom para plantar, pois não haverá pragas, também está bom para tirar a madeira e palha para a construção, pois

previne contra as pragas e a palha terá maior durabilidade. A lua é um dos astros que mais rege as atividades, dividido em noite escura ou clara no qual corresponde a lua nova e lua cheia.

Analisei também que quando se abate uma espécie de tracajás (*Podocnemis unifilis*) e se a vesícula biliar estiver muito grande o verão será muito forte.

Para finalizar, dentre outras coisas, essas observações são muito importantes e tê-los escritos nos abre a possibilidade não só por escrever, mas por refletir o conhecimento indígena para entender as relações com a natureza a fim de construir propostas pedagógicas para a escola a partir desses conhecimentos.

O TRABALHO NA ÁREA DE CIÊNCIAS DA NATUREZA: A CONSTRUÇÃO DA ROÇA COMO PRÁTICA PEDAGÓGICA

Atuando como professor na área de ciências da natureza, lotado nas disciplinas de matemática, química e física decidi implantar um trabalho pedagógico em que os conhecimentos tradicionais da comunidade fossem explicitados a partir da atividade da roça. A ideia era fazer o levantamento desses conhecimentos e depois fazer a relação com os conhecimentos universais, analisando os conflitos e as contradições.

As ações realizadas neste trabalho, após a explicitação dos conhecimentos próprios, tiveram o objetivo de induzir os estudantes aos conhecimentos universais escolares por meios das disciplinas matemática, química e física, partindo da atividade roça.

A metodologia aplicada foi por meio da indução, ou seja, os estudantes, todos adultos, pais de família e com suas histórias de vida, já possuem conhecimentos práticos quando participam da construção da roça, bastando, portanto, somente descrevê-los fazendo uma reflexão crítica sobre seus próprios conhecimentos.

Os estudantes ao serem induzidos a fazer essa reflexão crítica, necessitam buscar outros conhecimentos relativos à produção agrícola e quando recorrem aos livros, ou outros meios de informações, se deparam com números, linguagem química, física e outras, nas quais necessita recorrer às disciplinas para entender esse processo. Então as disciplinas são naturalmente associadas à essas buscas.

A Sequência Didática Aplicada com a Turma da EJA

1ª Ação: dia 18 de março de 2013.

Tempo de duração: 03 horas

Atividade Social: A ROÇA.

Subatividade: Buscando os conhecimentos sobre a construção da roça

Objetivos: Esclarecer aos estudantes o sentido da nossa aula e escrever os passos gerais da construção de uma roça.

Método desenvolvido: Expliquei para os estudantes a importância de estudar nossos conhecimentos tradicionais e ao mesmo tempo usar conceitos das disciplinas de matemática, química e física para entender a nossa realidade e os problemas que acontecem no mundo. Expliquei que contava com eles na pesquisa do conhecimento tradi-

cional e que é importantes termos isto escrito, em forma de livro ou outro tipo de material de apoio.

Esclareci também que nós professores não somos o dono do saber, estamos abrindo o espaço para que eles possam caminhar sozinhos na busca do conhecimento, e que cada um já traz consigo a experiência de vida, o saber na prática, seus conceitos do que é certo e do que é errado. Fiz com que eles enxergassem aquilo que chamamos de Educação Indígena como seus próprios conhecimentos, quando estão na roça, em uma pescaria, em uma caçada, na reunião da comunidade.

Falei também da escola é um espaço que não levou em consideração nossos conhecimentos, por não estar escrito ou não ter comprovação científica, como os conhecimentos que estão nos livros. Portanto, é mais que necessário escrevê-los e valorizá-los. Na escola, temos aprendido muitas coisas que não são necessárias para a nossa vida, mas são imprescindíveis para conhecer com mais profundidade os nossos conhecimentos e entender o mundo dos não índios.

Como uma parte da turma era jovem e outra adulta, pais de família, a experiência individual foi levada em conta, pois as pessoas mais experientes sempre põem em questão os nossos saberes e são que têm mais diálogo, são mais diretos ao afirmar determinados assuntos. E foi super importante esse diálogo dos mais jovens com os adultos, porque sempre há um relato de experiências vividas identificando os conhecimentos aí inclusos.

Pedi então que começássemos pelas principais atividades da construção da roça. Naquele momento, a comuni-

dade estava iniciando o processo de construção das roças. Aproveitando essa vivência e partindo do início da discussão sobre a roça, os estudantes mostraram interesse em esclarecer sobre o que sabem da roça. Quis provocar uma discussão a respeito de certos assuntos que era da realidade, mas que normalmente as pessoas não se dão conta.

Eles iam escrevendo em seus cadernos sobre a vegetação que estava sendo desmatada, de acordo com os conhecimentos deles. Qual era o objetivo da roça, o que se plantaria, qual era o fim? O que definia ou determinava o tamanho da roça, como se media? Qual era o material necessário para a broca, quais cuidados eram necessários? Que animais eram encontrados durante a broca?

Como eu entrava em sala de aula entre uma semana e outra, pois os horários foram divididos em quatro horas na parte da noite, fiquei no horário noturno de segunda-feira. Assim, os estudantes tiveram uma semana para realizar a atividade.

Após escrever os conhecimentos no quadro, fizemos um estudo mais minucioso e aprofundado dos casos, pois partiria para a prática com experimentos, testes para análises e reflexões para entender os sentidos, criando possibilidades de cálculos. Após as discussões, foram formuladas perguntas para melhorar o entendimento como: quando é uma roça grande e pequena? Quando falamos que uma roça é grande, como indicamos isso? As discussões acabaram que as pessoas sempre indicam com o dedo, se marca por linhas, outros disseram que é pela vista, quando dá impressão que tem muita produção. Essas foram algumas

questões de muitas que foram levantadas na tentativa de buscar explicitar o conhecimento indígena.

Os passos de construção da roça:

1. Pesquisar o local (solo)
2. Fazer o aceiro (marcar)
3. Fazer a broca
4. Esperar secar.
5. Fazer a queimada.
6. Coivara.
7. Fazer a destoca, ciscar e limpar.
8. Fazer o plantio.
9. Cuidar fazendo sempre a limpeza.
10. Fazer a colheita.
11. Fazer a limpeza depois da colheita.
12. Replantar a roça.
13. Depois de colher o produto do replantio, a roça é deixada para o reflorestamento natural.
14. A capoeira pode ser brocada novamente entre um e três anos, ou mais.

Os estudantes ficaram com a tarefa de pesquisar com a família (pais, avôs etc.) com a seguinte pergunta: como deve ser a terra e o local para colocar uma roça? E como a pessoa faz para saber e o que deve ser analisado nesse espaço?

2ª Ação: dia 25 de março de 2013

Tempo de duração: 03 horas

Atividade Social: O tamanho das roças e a escolha do terreno

Objetivo: problematizar o tamanho da roça e escrever com detalhes como é feito a escolha do terreno.

Metodologia: iniciamos com um diálogo e discussão sobre a definição do tamanho da roça. Cada estudante leu o que escreveu sobre as informações obtidas. Todas as informações foram descritas com o nosso saber, ou seja, a pergunta foi o que nós sabemos? Isso para dar possibilidade de enxergar outros detalhes a serem usados em sala de aula.

Desenvolvimento: os estudantes chegaram com a resposta da tarefa anterior no que nós transformamos em conhecimentos nossos, em aquilo que nós sabemos.

Antes de brocar a roça, é feito um planejamento, ou seja, o que leva a pessoa fazer sua roça. Se discutiu que são as necessidades de alimentação, o comércio para adquirir coisas que não se pode fabricar como o sabão, óleo de cozinha, sal, açúcar, fósforos, ferramentas de trabalho, utensílios de cozinha, gasolina etc.

A definição do tamanho da roça gerou várias discussões, pois os alunos colocaram várias possibilidades como o tamanho das famílias, suas condições de cuidar da roça, a comercialização, o tempo de uso da produção (para não faltar alimento), as criações, como galinhas, peixes, ou demonstrar a produtividade com relação ao outro.

Iniciamos escrevendo sobre a escolha do terreno. Conforme a leitura da pesquisa feita por eles, ia sendo escrito no quadro os passos dessa atividade e logo após aberta para discussão e questionamentos se caso faltasse algo a mais.

Escolha do Terreno

“Para construir uma roça primeiro nós escolhemos o local podendo ser uma mata virgem ou uma capoeira. Quem faz esse trabalho sempre é uma pessoa experiente, homem acompanhado por uma mulher. Fazemos uma caminhada pelo local, cavamos o solo. A terra tem que ser preta, ou vermelha. Local deve ser mais ou menos plano ou

inclinado. A terra tem que apresentar umidade e ser bastante fofa (conter material orgânico decomposto). A roça não pode está próxima de córregos onde passa muita água e não pode ser num local onde tem muita formiga (saúva). Sabemos que a roça não pode ser num local acidentado e onde tem muitas pedras”.



Figura 3. Ilustração da aluna Lucicleide Santana.

Fonte: Gilmar Brasil da Silva

Os estudantes foram levados a desenhar todo o processo, alguns tiveram dificuldades por não dominar a arte, portanto reclamavam e não queriam fazer.

Nesse momento em que já estava sendo escrito muitas coisas que os estudantes achavam que era somente escrever, coisa com pouco valor, o interesse foi maior porque sempre falamos de coisas que estavam na realidade deles. Coube a mim como professor a preocupação com as disciplinas que era o nosso maior foco.

Comecei a buscar temas referentes ao solo. Para a próxima aula comecei a planejar o tema para que não fugisse do foco da proposta pedagógica. Os alunos ficaram

com tarefa de escrever sobre o processo de fazer o aço da roça.

3ª Ação: dia 01 de abril de 2013

Tempo de duração: 03 horas

Tema de estudo: Os tipos de Solo

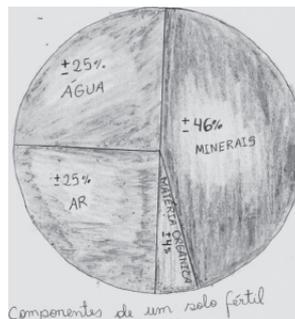
Objetivo: Conhecer os tipos de solo e saber como é sua formação.

Método e desenvolvimento: O conhecimento trazido pelos estudantes sobre a escolha do local para a roça os levou a se interessarem pelo estudo do solo, portanto, buscamos nos livros essas informações.

Então foi apresentado um gráfico mostrando a porcentagem de cada componente do solo com boas condições para o crescimento de plantas. Foi entregue aos estudantes um texto tirado do livro de Ciências e Educação Ambiental, de autoria Daniel Cruz e, também, escrito no quadro que os componentes do solo se apresentam em: i) Componentes sólidos – os minerais e a matéria orgânica; ii) Componente líquido – a água; iii) Componente gasoso – o ar.

Após a leitura do texto, perguntei se todos entenderam o texto e se o que estávamos tratando estava de acordo com os conhecimentos trazidos por eles. A maioria dos alunos comentou que entenderam o texto, porém alguns disseram que precisavam lembrar as porcentagens, outros perguntaram como eram feitos os gráficos. Também colocaram em questão algumas palavras que já ouviram falar, mas não sabiam o significado, por exemplo, o cálcio,

Figura 4. Desenho dos Alunos da EJA.



Fonte: Gilmar Brasil da Silva, 2013

o magnésio, potássio, ferro e alumínio que estavam descritas no texto.

Outro tema levantado por mim foi em relação aos microrganismos presentes no solo, que têm função fundamental na decomposição da matéria orgânica e são responsáveis pela coloração preta do solo. Como forma de provocá-los para pensarem mais, perguntei: o que são sais minerais?

Dados os questionamentos, me preparei para as próximas aulas trazendo assuntos que envolviam matemática e química para revisar a porcentagem e estudar a composição química do solo.

A tarefa que passei para eles foi que cada estudante trouxesse das roças uma amostra de solo para ser analisada, quanto à textura, cor e componentes visíveis a olho nu. Também como atividade, pedi que relatassem sobre o processo da construção da roça e dei a tarefa de trazerem informações sobre a broca da roça: como é feita, quais as técnicas, os cuidados, quais as pessoas que participam? Enfim, as informações em gerais. Também pedi que desenhassem o processo. Feito isso, passamos a escrever o próximo passo da construção da roça.

“Antes de fazer a broca temos que delimitar a roça. A pessoa sempre toma como referência uma árvore mais alta, um córrego, uma pedra grande, ou mesmo a delimitação de uma antiga roça no caso uma capoeira. Às vezes brocamos ao redor, ou simplesmente indicamos a referência. É o dono da roça que faz esse trabalho, ou seja, uma pessoa adulta e jovens entre 12 a 18 anos”.

Figura 5. Fazendo o Aceiro da Roça/ ilustração da aluna Lucicleide Santana.



Fonte: Gilmar Brasil da Silva, 2013

4ª Ação: dia 08 de abril

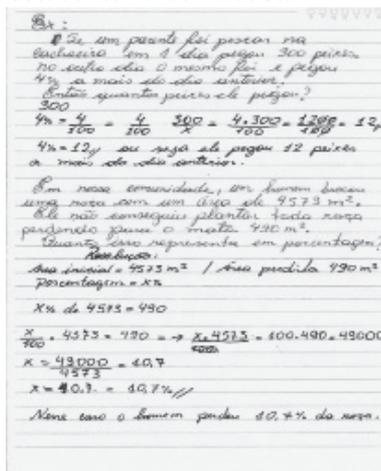
Atividade Social: Broca da Roça: Os conhecimentos tradicionais e a porcentagem.

Objetivo: compreender e calcular porcentagens, aprender como se constrói gráfico e escrever o processo da broca da roça.

Métodos desenvolvidos: pesquisei nos livros de matemática a respeito das porcentagens, expliquei que a porcentagem está presente em inúmeras situações, então é preciso saber como calcular, como interpretar e como usar. As porcentagens envolvem operações simples e é uma comparação. Coloquei no quadro alguns exemplos criados por mim para resolução de porcentagens.

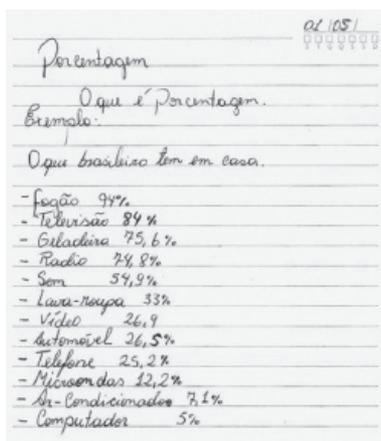
Os dados da tabela significam que a cada 100 brasileiros, 94 têm fogão em casa. $94\% = \frac{94}{100}$ (94 em 100). Os dados também mostram que 84% dos brasileiros têm televisão em casa. $84\% = \frac{84}{100}$

Figura 6. Escrita do caderno do estudante Valderi Batista.



Fonte: Gilmar Brasil da Silva, 2013

Figura 7. Escrita do Caderno do aluno Joel da Silva.



Fonte: de Gilmar Brasil da Silva, 2013

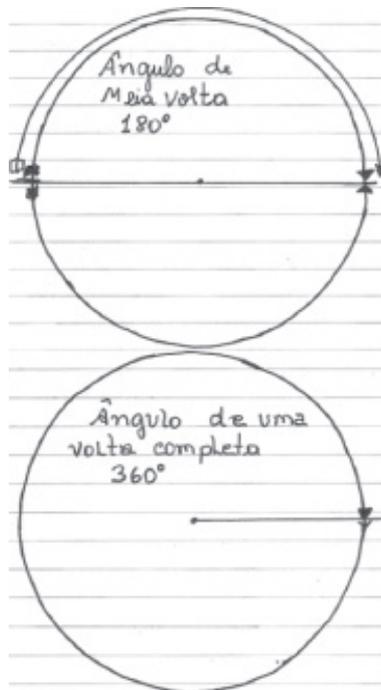
(84 em 100). As porcentagens são frações de denominador 100. Passei também exemplos usando porcentagens partindo de situações da realidade em que vivem como no caso de uma pescaria e o tamanho de uma roça. Todos disseram que entenderam essa parte da porcentagem.

Quanto aos gráficos, o que foi apresentado está na forma de círculo, então é chamado de gráfico de setores. Mas por que setores? Porque são “círculos fatiados”, e, em matemática cada fatia é um setor circular. Existem vários tipos de gráficos que precisamos conhecer e que estão nos livros, nos jornais e nos dão

informações de comparação, dentre eles: o gráfico de setores que é em forma de pizza, gráfico de segmentos, ou de linhas e gráficos de barras. Como o nosso texto estava com uma informação com gráfico de setores sobre os componentes do solo então passamos a entender como ele é feito. Para isso, é preciso estudar também os ângulos.

Conforme a atividade proposta na aula anterior, os estudantes trouxeram de suas roças o solo no qual em uma garrafa pet se montou o perfil dos solos.

Figura 8. Desenho dos alunos da EJA.



Fonte: Gilmar Brasil da Silva, 2013

Os estudantes trouxeram informações sobre a broca da roça, como é feita, quais as técnicas, os cuidados, quais as pessoas que participam, enfim as informações em gerais, o desenho do processo e, assim, elaboramos um texto com essas informações.

A Broca da Roça

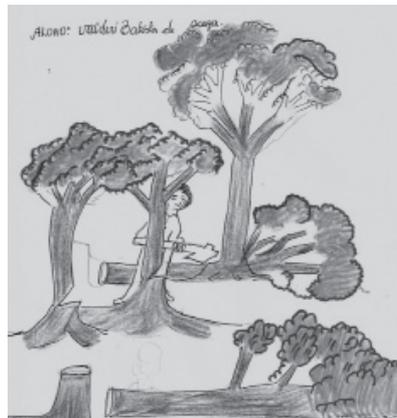
A brocar da roça geralmente é feita em mutirão de cinco pessoas em diante, pode ser uma roça individual ou uma roça coletiva, chamada de comunitária.

Quem participa da broca geralmente são pessoas de 12 anos em diante, homens e mulheres, excluindo os idosos. Uma das primeiras atividades a ser feita para iniciar a broca é amolar as ferramentas com a lima.

É trabalho dos homens adultos, tendo cuidado para não se cortar, as mulheres também fazem, porém com menos frequência. Deve-se brocar primeiro a vegetação fina com foice ou terçado. Na broca em capoeira, fazemos uma única broca sem necessitar derrubar.

Fazem-se cortes com movimentos inclinados para vegetação mais grossa e cortes horizontais para vegetação mais fina. Mantemos distância de uns quatro metros ou mais um do outro para não causar acidente. Derrubar as árvores maiores com machado exige alguma atenção e técnicas: fazer os cortes (bocas) em todas as árvores menores numa só posição (Detalhe: segundo o senhor Floriano Cavalcante antes não se fazia isso, se cortava uma por uma, derrubava e rebaixava os galhos, isso para ter uma boa queimada).

Figura 9. Estudante Delina Abrão



Fonte: Gilmar Brasil da Silva, 2013

Utilizamos também o motor serra que é mais rápido, porém, isso só é para quem sabe usar. Quando uma parte das árvores já estiver com o corte feito, se escolhe uma árvore maior e derruba em cima dos outros menores.

Devemos observar a posição do vento e cortar na posição para onde queremos derrubar e, também, observar os galhos secos, o formato da árvore e cortar no lado torto, isso é um cuidado para evitar acidentes. Sabemos que nos primeiros estalos deixamos e passamos a cortar outra árvore. Devemos sempre avisar aos outros com um grito quando uma árvore vai cair.

Cortar ou rebaixar os galhos que ficarem altos para queimar melhor. Não podemos deixar a madeira mesmo caída ligada (mamando) ao seu tronco, pois a mesma não seca. Temos que ter atenção com as cobras e maribondos (cabas), usar sapato e botas.

Figura 10. Ilustração do estudante Valderi Batista



Fonte: Gilmar Brasil da Silva, 2013

Conforme os trabalhos iam avançando na descrição das atividades da roça, os estudantes já sabiam do trabalho a ser feito. Nesse caso agora, eles se atentaram para a próxima atividade que seria a queimada da roça.

5ª Ação: dia 29 de abril de 2013.

Duração: 03 horas.

Atividade Social: A Queimada da Roça e o estudo dos gráficos de setores.

Objetivo: relatar a forma como é feita a queimada da roça e aprender como é feito o gráfico de setores.

Método desenvolvido: Da mesma maneira da aula anterior, os estudantes trouxeram as informações de suas pesquisas; então cada aluno leu o que escreveu e assim fomos construindo um novo texto.

Fazer a Queimada

Para fazer a queimada da roça em mata virgem esperamos mais ou menos um mês. Para queimar a roça em capoeira é aproximadamente quinze dias ou mais dependendo da vegetação. Uma das coisas que fazemos é o aceiro da roça para não incendiarmos a mata.

Quem faz a queimada é o homem adulto acompanhado por outras pessoas que tem também roças próximas do local a ser queimado. Os recursos que utilizamos são tabocas cortadas em tiras, também baldes, ou vasilhame com água, ou galhos de arbustos para apagar fogo, caso venha transpassar da área a ser queimada. Escolhemos um dia ensolarado, sempre observando a posição do vento.

Primeiro acendemos as tabocas e tocamos fogo ao lado contrário do vento e assim vamos rodeando ou circulando de forma rápida até a favor do vento, quando o vento levar o fogo para o outro lado ali se acaba porque é a parte que já está queimada. Antes era costume plantar sementes de abóboras, melancia e cabaça (balde) antes de fazer a queimada, que depois de queimado essas sementes nasciam com mais vigor e produtividade.

Após descrever a atividade da queima, como planejado, passei um trabalho em grupo de pesquisa nos livros

Figura 11. Representação da queimada da roça. Valderi Batista.



Fonte: Gilmar Brasil da Silva, 2013

de matemática sobre os gráficos, especialmente o de setores e pedi que fizessem um relatório sobre o que entenderam e depois trouxessem para exposição.

Os grupos levaram uma hora para pesquisar, escrever e depois voltaram para apresentação. Na minha avaliação, todos entenderam como se faz o gráfico e o que significava no texto lido anteriormente.

6ª Ação: dia 06 de maio de 2013.

Duração: 03 horas

Atividade Social: a Coivara da Roça e as Composições Químicas do Solo.

Objetivo: descrever o processo de coivara da roça e compreender o significado das principais composições químicas do solo.

Método desenvolvido: a princípio o texto lido trouxe palavras que os estudantes disseram que lhes era familiar; portanto, iniciamos o estudo para entender melhor sobre o cálcio, magnésio, potássio, ferro e alumínio.

Dei para cada estudante uma tabela periódica e sugeri que pesquisassem nos livros de química e retirassem as informações sobre os elementos que constava no texto sobre o solo. Também pedi que desenhassem em uma cartolina os átomos representativos. E, também, que procurassem entender e se tivessem dúvidas que levassem para discussão com todos.

Diante da complexidade e de grande dimensão do assunto, houve muitas dúvidas, então foi preciso planejar uma aula especificamente para entender com mais pro-

fundidade o assunto. Percebeu-se que os estudantes entenderam as funções dos elementos lidos no texto anterior. Após o trabalho escrevemos o próximo passo da roça: a coivara da roça.

A Coivara da Roça

Fazemos a coivara em grupo ou individualmente, as madeiras são cortadas em um tamanho só e são colocadas de forma organizada numa mesma posição, uma sobre a outra. As madeiras mais finas ficam embaixo e as mais grossas em cima.

Quem participa são crianças de 10 anos em diante. As

crianças menores de 10 anos acompanham os pais e na maior parte do tempo ficam brincando de carregar pequenas madeiras, são ativos até 10 horas da manhã. O homem fica com trabalho mais pesado de cortar com machado.

Organizar a coivara é essencial para uma boa queimada. Primeiro, cortamos e vamos fazendo a coivara nos locais onde geralmente não queimou direito, ou onde está mais densa de galhos e tocos. Ao tocar fogo, sempre observamos a posição do vento, sempre tocar fogo ao seu favor para que queime toda coivara.

A queima das coivaras só acontece por último, ou quando os que estão cortando e fazendo as coivaras ficam adiante, para não atrapalhar com alta temperatura e a fumaça.

Quando uma coivara terminar de queimar, sempre devemos pegar o resto que não foi consumido pelo fogo e colocar novamente para pegar fogo. Na

Figura 12. A coivara da roça



Ilustração da aluna Valderi Batista.
Fonte: Gilmar Brasil da Silva, 2013.

coivara sempre usamos terçado para cortar os galhos mais finos, os cipós e os tocos. Usamos o machado e o motosserra para cortar madeiras mais grossas. As madeiras que servem como lenha são separadas para serem levadas para casa.

7ª Ação: 13 de maio de 2013.

Duração: 3 horas.

Atividade Social: Destocando e Ciscando a Roça.

Tema 02: Os fenômenos físicos na broca da roça: Ponto de equilíbrio; ponto de gravidade; lei da ação e reação, pressão, tensão superficial e distribuição de forças em um corpo.

Objetivo: relatar o processo da limpeza da roça após a queimada. Identificar fenômenos físicos na broca da roça e entender por meio de conteúdos teórico-científicos.

Método desenvolvido: no processo de descrição sobre os conhecimentos na atividade da broca da roça, um fato interessante que chamou atenção do grupo foi quanto à derruba das árvores. Nos diálogos e discussões houve muitas conversas sobre as formas de derruba. Um dos estudantes mais experientes afirmava que antes não era assim, as pessoas derrubavam de um por um, para facilitar a queimada.

Também se explicou que hoje os mais novos não sabem derrubar, as madeiras caem para todos os lados. A forma como derruba hoje, que é cortar uma árvore até a metade deixando-a passar para a outra. Questionavam também que já houve acidentes graves, pela falta de atenção e cuidado.

Outros esclareceram que hoje já não estamos mais fazendo roça em matas virgens, só em capoeira e que isso

exige algumas técnicas de movimentos ao brocar com a foice ou terçado. Os movimentos, conforme todos afirmavam, era que os cortes para vegetação mais fina eram horizontais, para a mais grossa o movimento é inclinado, dependendo do tipo de vegetal.

Então, sugeri realizar a atividade de desenhar esses movimentos. Os alunos fizeram os desenhos, a partir dos quais pude relacionar com conteúdo nas aulas de físicas. Para entender esses fenômenos, dirigi a eles conteúdos que pudessem explicar tais situações. Para esse trabalho, formaram-se grupos de três pessoas.

As expressões chaves que dei foram: Ponto de equilíbrio; ponto de gravidade; lei da ação e reação, pressão, tensão superficial e distribuição de forças em um corpo.

O hábito de leitura, assim como a pesquisar, não são práticas desenvolvidas nos estudantes indígenas. Portanto, eles tiveram dificuldades na localização e abordagem dos assuntos. Isso porque os livros de física apresentam uma complexidade de conteúdos e uma linguagem técnica, formal que não despertava interesse. Diante de tal situação, os estudantes entregaram os relatórios das pesquisas, que foram por mim analisados. Houve pouco entendimento. Deixamos o assunto para ser discutido em outra aula. Continuando a escrever sobre os processos da construção da roça, relatamos o próximo passo.

Destocando e Ciscando a Roça

Os indivíduos que participam desse trabalho são homens, mulheres e jovens de 12 anos em diante. As criancinhas partici-

pam e ficam sempre perto da mãe. Também é um trabalho realizado coletivamente. Destocar a roça é arrancar os pequenos troncos da vegetação, ciscar, amontoar e jogar essa vegetação na beira da roça ou deixar para se decompor em forma de leira no meio da roça. Geralmen-

Figura 13. Destocando e ciscando a roça.
Dora Teixeira



Fonte: Gilmar Brasil da Silva, 2013.

te é feito depois da coivara. Isso é necessário dependendo da cultura que for plantar, pois para certas culturas não é preciso fazer a destoca, como por exemplo, se for plantar feijão de rama. Isso também depende do dono da roça, uns preferem não destocar, outros fazem essa limpeza porque fica mais fácil fazer o plantio e também capinar a roça com a planta crescida. Os recursos utilizados são enxadas, terçados, enxadecos e picareta. Quando não é feita a destoca, as raízes, cipós, pequenos troncos e galhos podem atrapalhar o plantio ou quando for capinar com a enxada, essa vegetação seca pode arrancar a planta já crescida.

8ª Ação: 15 de maio de 2013.

Duração: 4 horas

Atividade Social: A plantação da roça e a oficina de produção textual.

Objetivo: escrever as formas de plantação da roça com as principais culturas produzidas na comunidade.

Métodos desenvolvidos: para encerrar com os processos da construção da roça, foi preciso realizar uma pequena

oficina, onde os estudantes individualmente relataram suas experiências e um desenho sobre a plantação da roça.

Cada estudante optou por uma cultura que descrevessem com mais clareza as principais culturas cultivadas. Escolhemos, para este trabalho, a cultura do feijão, milho e mandioca. Após os relatos, escrevemos no quadro os passos da plantação, dando oportunidade para que todos expusessem suas opiniões. Desta forma, desenvolvemos o texto abaixo.

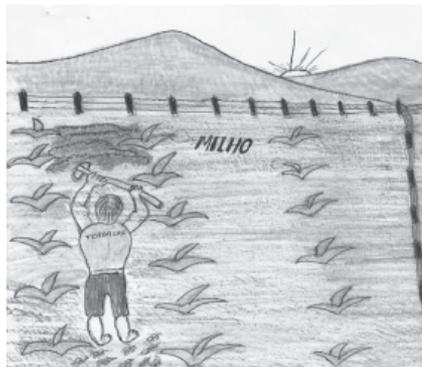
Plantando a Roça

As culturas mais cultivadas nas roças são mandioca, milho, feijão, banana, batata e cana-de-açúcar. Então foi escolhido para este trabalho os plantios de feijão, a mandioca e o milho. No trabalho de plantio, as pessoas participantes são crianças que ajudam a plantar, mas acompanhado de um adulto, os jovens que ajudam a cavar junto com os adultos, homens e mulheres.

A Plantação de Milho

Ao plantar o milho, semeamos de quatro ou três sementes quando as sementes são boas. Se as sementes são ruins, quase estragadas planta-se se cinco a seis sementes. A distância é de mais ou menos um metro e meio entre carreiras e mais ou menos um metro entre covas. Tem gente que planta só o milho com uma distância de três palmos, ou mais ou menos 50 a 60 cm e com quatro sementes, se plantar mais do que isso corre o risco de não ter produtividade.

Figura 14. Plantando a roça/desenho de Jhonison Marquis.



Fonte: Gilmar Brasil da Silva, 2013.

O tempo de plantação de milho tem que ser na noite escura, que seguindo os mais experientes, previne o ataque de insetos. Plantamos o milho sempre no início das chuvas que tem o início em meados de abril.

Plantação de Maniva

Plantar maniva depende da roça que se brocou, geralmente se planta a maniva em roça de capoeira, ou depois da colheita de milho e feijão, pois isso faz com que o solo fique mais fofo e sem muitas raízes.

Plantam-se vários tipos de manivas dependendo do tempo de maturação que vai de seis meses a um ano, podendo passar até dois anos para a colheita. Planta-se maniva mais na época das chuvas.

Para plantar a maniva tem que fazer um mutirão. Participam crianças de 07 anos em diante, mesmo se forem só brincar, mas estão lá também vendo o que se faz, e maioria são jovens e adultos. O trabalho de cavar as covas é bastante cansativo. As covas de maniva são de aproximadamente de 70 a 110 cm uma da outra e entre carreiras a cerca de 70 a 130 cm.

Cortam-se as ramas, ou manivas num tamanho de cerca de um palmo, de mais ou menos 20 cm, plantando com os brotos direcionados para cima. Há duas formas de plantio: a de mergulho e a de cova. Na de mergulho, enterra-se toda maniva numa pequena cova de uns 15, cm de profundidade colocando-se de três

Figura 15. Covas de maniva.



Fonte: Maradona Teixeira, 2013.

Figura 16. Plantando maniva.



Fonte: Valdirene Lima da Silva.

ou quatro estacas de manívoa e é mais apropriada para o plantio no tempo mais seco. Manívoa plantada em cova é diferente da de mergulho. As manívoas são cortadas em mais de 20 cm e enterra-se somente 75% da manívoa deixando o resto para fora. Essa prática é mais apropriada no início das chuvas e segundo os mais experientes, plantam em cova porque é mais fácil de colher a mandioca e a de mergulho porque todas nascem e não morrem no verão. As manívoas têm que estar sadias. Ao cortar, tem que observar o centro da manívoa e se estiver preta é tirado fora. Não se planta manívoa de mandioca que tem a casca preta, pois isso influencia na qualidade das futuras mandiocas. As mandiocas mais comuns é a do tipo conhecido regionalmente como “buriti”, que dura de um a dois anos para a colheita e a “juriti” que é colhida em seis meses.

Plantio de feijão

O feijão mais plantado e conhecido na comunidade é o tipo jaulão e carioquinha; existem outros, mas é com menos frequência. As distâncias variam conforme o número de semente que vai de 3 a 4 e a distância entre as covas é de 20 a 25 cm. O plantio dessa cultura tem que seguir o tempo certo, pois no início tem que ter muita água. Porém, depois de um determinado tempo deve ter menos chuvas. É por isso que se planta o feijão na época de muita chuva.

Plantio de milho em consórcio com feijão de corda.

Plantar milho com feijão de corda ou rama é uma maneira de aproveitar o espaço, já que o feijão pode se beneficiar do milho para crescer. O plantio pode ser de duas formas: uma com fileiras só de feijão e outra só de milho; e a outra misturada com o milho. Nesse caso, a distância das covas aumenta entre 1 a 2 m.

Assim encerramos os relatos na construção da roça tendo em vista a continuação desse trabalho em outras atividades feitas pela comunidade.

Processos Avaliativos

A proposta de avaliação foi concebida a serviço da aprendizagem dos alunos, de modo que permeasse o conjunto de todas as ações voltadas aos princípios e valores da comunidade e pedagógico.

De acordo com a UNEM (2009, tradução nossa), “a avaliação não se limitará na aprendizagem desenvolvido pelos estudantes [...] se baseia na interaprendizagem, onde aprendemos uns com os outros”. Então é eminente que a avaliação foi qualitativa, buscando de modo geral a reflexão e o diálogo, dando oportunidade ao estudante de se auto avaliar e ser avaliado. Também a avaliação foi um processo em que todos em conjunto foram avaliados, tanto o professor como o aluno.

Ao longo das atividades escolares, os estudantes sempre participaram dos trabalhos de roça, tanto no âmbito familiar, como no comunitário dando enfoque à coletividade. Nesse caso, a avaliação foi num espaço muito mais amplo envolvendo toda a comunidade. É na reunião escolar que o estudante tem vez e voz de se auto avaliar e avaliar os seus pais, professores, enfim, todos que fazem parte do seu espaço de aprendizagem.

Neste trabalho, não foram descritos os detalhes da participação no ato da atividade comunitária, porém ao passo que os mesmos participavam das atividades, dentro da sala traziam o conhecimento praticado na realidade.

O processo de avaliação dentro da sala de aula também foi realizado em função dos objetivos propostos, atra-

vés da apresentação das atividades solicitadas e da participação em todas as propostas de trabalho.

Atentei para uma avaliação mais diagnóstica, formativa e contínua, acontecendo durante todo o processo de ensino-aprendizagem. Sendo avaliadas no decorrer do processo as produções dos estudantes, as atividades realizadas e a participação dos alunos durante as aulas.

Foi perceptível que os estudantes têm suas angústias quanto ao entender os conteúdos universais; as linguagens usadas nos textos não estão compatíveis com a realidade. Porém de certo modo no contexto geral compreenderam a ideia e isso criou um confronto com o conhecimento tradicional.

Posso afirmar que os estudantes aprenderam sim, tiveram uma perspectiva melhor em procurar assuntos que lhes eram de interesse, era notável nos diálogos, críticas e reflexões quanto aos seus conhecimentos técnicos e científicos.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

As escolas indígenas do estado de Roraima, aos poucos, vêm ganhando caráter específico e diferenciado graças às conquistas e experiências realizadas pelos professores indígenas nas escolas no que diz respeito ao sistema próprio favorecido pela legislação do país.

Com essas conquistas e espaços, também vai mudando o comportamento das comunidades, especialmente no modo de fazer educação. Como qualquer sistema, esse processo não significa que está caminhando com a excelência, como todos gostariam que fosse. Existem sim, os altos e baixos que comprometem a educação escolar.

Nessa perspectiva, surge conscientemente como parte ideológica a necessidade de qualificação e formação contínua do professor, cobrando mais responsabilidade e compromisso com a educação escolar indígena. Isso só irá acontecer se houver apoio das estâncias governamentais e não governamentais, tendo em vista que na realidade existem muitos professores nas escolas sem nenhuma formação, apenas com o ensino fundamental ou médio regular e com contrato temporário.

O professor, além de não ter nenhuma formação profissional, também não busca o conhecimento por não ter prática ou porque não teve o estímulo da leitura, da criatividade, fruto desse mesmo sistema de ensino. Isso acontece na maioria das escolas unidocentes nas séries iniciais, que é parte fundamental da alfabetização.

Na prática, professores sem formação, ou que tenham uma formação fora da realidade, deixam muito a desejar. Tais professores não têm uma preparação para aproveitar as atividades comunitárias na sua prática pedagógica; não têm um diálogo com a comunidade ou pais.

A comunidade, com toda razão, quer que seus estudantes estudem a realidade em que vivem. Os professores trabalham o diferenciado com arte indígena, com as práticas de projetos em parceria com a comunidade, desenvolvendo atividades culturais como danças e cantos indígenas, ensinando a língua indígena e incentivando valores culturais e princípios próprios.

No entanto, é um diferenciado não completo, porque não atende à parte didática como um todo. E quando isso

é feito, é feito de forma limitada, apenas com atividades extras de curto prazo, não contínuas e a maioria das aulas continuam com os conteúdos distantes do contexto social, esquecendo a prática cultural. A forma como se planeja e como é dada a aula é o mesmo que acontece na maioria das escolas não indígenas.

Entendo que são diversos os fatores que influenciam e contribuem para que a educação escolar diferenciada esteja assim. Não dá para aceitar que um professor chegue às nove horas no trabalho, ou que as aulas em sala paralisem quinze (15) dias sem nenhum planejamento didático, com um discurso vazio que está trabalhando de acordo com a realidade e é assim que a escola é diferente.

Por outro lado, o processo de educação escolar indígena diferenciado já vem sendo experimentado em várias escolas, por meio de trabalhos desenvolvidos na Licenciatura Intercultural/UFRR. São iniciativas de metodologias de ensino que estimulam os professores a pensarem numa educação escolar mais conivente com a realidade. Está claro que é preciso por parte da instituição reavaliar sua proposta pedagógica, tendo em vista que já atendeu a uma demanda expressiva de professores. Ao que se percebe que, no período de formação, são desenvolvidas ações pedagógicas, porém, depois da formação os professores não dão continuidade, ao passo que são poucos os que continuam a formação no mestrado.

Por meio do Estágio Supervisionado Curricular durante o diagnóstico, percebi a necessidade de realizar propostas educacionais realmente diferenciadas, aproveitan-

do o momento em que na comunidade se discutia também a proposta pedagógica da escola. O processo de pesquisa do calendário cultural foi muito importante para minha formação, pois consegui enxergar os detalhes do conhecimento indígena com o apoio de textos teóricos dirigidos nos temas contextuais, nos cursos de extensão, e nas oficinas pedagógicas realizadas pela equipe PIBID/Licenciatura Intercultural/PET.

Mesmo com a dificuldade de entendimento da comunidade a respeito do calendário cultural, ela contribuiu para a pesquisa. Isso foi visível durante a oficina realizada na comunidade quando as pessoas se expressavam de forma segura sobre o que sabiam dos indicadores do calendário. Cada fenômeno no instante do acontecimento tem significado e se percebeu isso como explicou o senhor Domingos Santana quando caminhávamos para a roça “os animais (gado bovino) estão todos deitados, vai chover durante a tarde”, e ainda em uma conversa distraída feita por pessoas que tomavam caxiri pela manhã na casa do senhor Lauro Brasil, no dia 27 de agosto, falavam das teias de aranha coberta pela neblina da manhã no capim e que isso representava um “verãozinho” nos próximos dias.

Estas observações precisam ser bem analisadas, uma vez que esses sinais observados pelas pessoas adultas, conhecimento esse acumulado durante suas experiências de vida, fazem sentido e norteiam suas expectativas e planos futuros de suas atividades.

Tudo isso, para mim como professor pesquisador, foi importante para a prática pedagógica, quando os detalhes

do conhecimento indígena explicado aos estudantes, tira o vazio das palavras ditas que temos que trabalhar de acordo com realidade indígena quando se tem uma iniciativa.

As possibilidades de pensar planejamentos de ensino são muitas, teoricamente, quando se tem uma visão mais ampla do conhecimento indígena. A escolha da atividade de construção da roça por mim e pelos estudantes foi visto como uma das atividades, para desenvolver práticas educativas usando o método indutivo intercultural.

A roça é um tema amplo, por ter diversas atividades quando se trata de sua construção, que vai desde a escolha do terreno ao abandono. Então cada atividade apresenta detalhes que são os conhecimentos indígenas. De início foi muito confuso, a ideia de explicitar os conhecimentos indígenas, creio que só nos exercícios práticos que se tem a lógica e a dimensão dos mesmos. Surgiram perguntas ao descrever tais atividades, o que é conhecimento indígena? Onde eles estão? Confesso que tive certas dificuldades em entender isso.

Além de ser uma pesquisa para a formação acadêmica, este trabalho dentro da comunidade visou provocar análises, discussões e debates a fim de ter um conhecimento crítico da atual situação da educação escolar, bem como levar a consciência da necessidade da melhoria do trabalho dos professores.

Por fim, espero que este trabalho, que começou com a pesquisa do calendário cultural, possa contribuir futuramente para a educação escolar indígena em Roraima. Os resultados nos deram um panorama de como é a vivência

da comunidade, pois a cultura é resultado das relações sociais com o meio em constante transformação.

REFERÊNCIAS

GASCHÉ, Jorge (2009) “La motivación política de la educación intercultural indígena y sus exigências pedagógicas? Hasta donde abarca La interculturalidad?”. In: M. Bertely, J. Gasché e R. Podestá (Coords.) (em Prensa). Educando em la diversidad. Investigaciones y experiências educativas interculturales e bilíngües. Quito: Abya- Yala. Disponible em formato pdf em: www.pucp.edu.pe/invest/ridei/

CABALZAR, Aloísio; RICARDO, Beto, ALBERTA, Lúcia. Manejo do Mundo: conhecimento e práticas dos povos indígenas do Rio Negro, Noroeste amazônico / - São Paulo: ISA - Instituto Sociambiental; São Gabriel da Cachoeira, AM: FOIRM - Federação da Organizações Indígenas do Rio Negro, 2010.

MONTE, Nietta Lindenberg. Novos frutos das escolas: registro de práticas de formação / Nietta Lindenberg Monte - Rio de Janeiro, N. L. Monte. 2003, p 95: 21cm.



DIAGNÓSTICO DA SITUAÇÃO EDUCACIONAL DA ESCOLA ESTADUAL INDÍGENA TUXAUA LUIS CADETE, REGIÃO SERRA DA LUA, MUNICÍPIO DO CANTÁ

Gleidson Nicasio Rodrigues¹⁰

Artemísia Cadete¹¹

Gracilene da Silva¹²

Lenir Garcia¹³

Leilândia Cadete¹⁴

Rejane Aleixo Castro¹⁵

APRESENTAÇÃO

O presente diagnóstico teve por objetivo fazer uma avaliação da situação educacional da Escola Estadual Indígena Tuxaua Luís Cadete. Na verdade, com a realização desse diagnóstico, pretendemos avaliar a escola por meio do olhar da comunidade, escolar e não escolar: famílias, idosos, jovens, egressos, alunos desistentes, professores e lideranças da comunidade Canauanim.

O trabalho foi realizado entre novembro de 2010 e abril de 2011 e permitiu o levantamento de dados interessantes que fazem parte do contexto em que vivemos e atuamos como professores. Portanto, que precisam ser discutidos pela escola e pela comunidade, uma vez

¹⁰ Bolsista Supervisor/Programa PIBID-Licenciatura Intercultural.

¹¹ Bolsista PIBID-Licenciatura Intercultural

¹² Bolsista PIBID-Licenciatura Intercultural

¹³ Bolsista PIBID-Licenciatura Intercultural

¹⁴ Bolsista PIBID-Licenciatura Intercultural

¹⁵ Bolsista PIBID-Licenciatura Intercultural

que são problemas sociais reais dentro das comunidades indígenas.

Por outro lado, vale mencionar que os problemas são constantes na realidade das comunidades indígena de Roraima, sendo que não é diferente dentro da comunidade Canauanim. O processo de desenvolvimento é dinâmico e as mudanças são constantes. As mudanças culturais são uma realidade no contexto das sociedades indígenas e isso é preocupante e reflete no comportamento social das famílias da comunidade.

Nessa perspectiva de mudanças, e como a escola conduz discussões que buscam a qualidade do ensino dentro da concepção de educação escolar indígena, como professores, temos a responsabilidade de discutir as práticas culturais indígenas e a realidade da sociedade brasileira. Para tanto, é necessário que haja uma discussão entre escola e comunidade com o objetivo de inserir e trabalhar as novas metodologias educacionais diferenciadas dentro deste novo contexto social.

Com isso, fica evidente que o papel da escola é fundamental neste processo de mudança, uma vez que é conhecedora da realidade local e sabe das dificuldades e das mudanças que ocorrem dentro da comunidade. Neste sentido, o diagnóstico foi importante para que pudessemos ter uma ideia daquilo que a comunidade, alunos e professores pensam com relação à escola, se realmente está atendendo às expectativas de uma educação específica e diferenciada, considerando seus fundamentos culturais e políticos.

CONSTRUINDO O DIAGNÓSTICO

O diagnóstico com os alunos da Escola Estadual Indígena Tuxaua Luís Cadete foi realizado na primeira quinzena de abril de 2012. Discutimos e planejamos a metodologia das atividades que seriam trabalhadas dentro e fora da escola, pois o público alvo seriam os alunos e docentes. Dentro desta dinâmica, os professores/bolsistas PIBID foram divididos em equipes que ficaram responsáveis por pesquisar cada modalidade de ensino.

O primeiro grupo, ficou sob a responsabilidade das professoras Rejane Aleixo Castro, Elisabete da Silva Ribeiro e Leilândia Cadete, com as turmas iniciais de 1^a a 4^a série. O segundo grupo, formado pela professora Artemísia Manoel Cadete e a professora Lenir da Silva Garcia, ficou com as turmas de 5^a a 8^a série do Ensino Fundamental e, por fim, o terceiro grupo ficou com o professor Gleidson Nicasio e a professora Gracilene da Silva, com as turmas do Ensino Médio regular (1^o ao 3^o ano) e Ensino Médio EJA (1^o ano).

Os questionários já tinham sido elaborados nos encontros anteriores, o que facilitou o desenvolvimento da discussão que tivemos com a equipe, sendo que fizemos apenas algumas alterações de acordo com cada nível de ensino.

O segundo ponto discutido foi a metodologia, ou seja, a maneira como iríamos trabalhar dentro da sala de aula, sendo que o trabalho nas séries iniciais foi um pouco complicado devido ao cuidado que teríamos que ter com a elaboração das perguntas, ou seja, a dinâmica do professor se-

ria o ponto fundamental para que tivéssemos um resultado positivo. Com relação às turmas de 5ª a 8ª séries do Ensino Fundamental e Médio, o grupo ficou de aplicar o questionário em cada sala de aula, no horário de suas aulas.

Fica aqui registrado que tivemos alguns problemas: i) o tempo, que foi muito reduzido pois alguns professores estavam em processo de avaliação; ii) a incompreensão de alguns docentes com relação à pesquisa realizada com os mesmos; iii) a falta de participação dos professores.

Um dos mecanismos discutidos pelo grupo foi a participação de todos os professores que muitas vezes se omitem em participar. Diante desta situação, construímos alguns questionamentos para o professor. Muitas vezes, pensamos na situação do aluno e não refletimos sobre o nosso papel como educadores: Será que realmente o meu perfil corresponde a minha prática em sala de aula? Será que estou contribuindo com a qualidade do ensino diferenciado na minha comunidade? São perguntas como estas que elaboramos para os professores para que pudéssemos analisar e refletir essa situação.

Com o planejamento já elaborado, partimos para a ação. Em dois dias seguidos foram trabalhados com as turmas do Ensino Médio. Foram levantados vários questionamentos por parte dos alunos e isso só enriqueceu a aula. Com isso percebeu-se que os alunos têm suas próprias opiniões e que estão interessados em reivindicar seus direitos, como também, em discutir a forma de educação que é ofertada na escola.

LEVANTAMENTO DE DADOS DO ENSINO FUNDAMENTAL DE 1ª A 4ª SÉRIE

Nas oficinas trabalhadas nas séries iniciais foram abordadas várias situações preocupantes. Notamos que os professores estavam aplicando avaliações, mesmo sabendo que muitos ou quase todos os alunos não dominam a leitura e a escrita, o que é uma realidade dentro da escola. Com isso, percebemos que a escola não está alcançando seus objetivos já que tem como ferramenta a metodologia da avaliação padrão.

Os professores bolsistas trabalharam, como ferramenta metodológica questionários, mas que não foram quase utilizados porque muitos alunos não sabem ler e escrever. Por isso, os professores tiveram que mudar a forma metodológica procurando assim trabalhar com desenhos e entrevistas. Com estes mecanismos, foram levantados vários problemas pelos professores como veremos no quadro a seguir:

Quadro 1: Resultado de Diagnóstico de 1ª a 4ª Série/Ensino Fundamental

Situação Problema
<ul style="list-style-type: none">• Dificuldades na leitura e na escrita;• Falta de acompanhamento dos pais nas atividades escolares;• As crianças entrevistadas não gostam da merenda da escola;• Aluno que vem para a escola sem se alimentar em casa;• Alunos que não têm atenção dos pais em casa;• Alunos que não têm incentivo dos pais em relação aos estudos;• Alunos que saem de casa, mas não chegam na escola sem o pai saber;• Falta de acompanhamento dos pais na escola;• Crianças que iniciam com três anos de idade na Educação Infantil;• Falta de salas adequadas para trabalhar com estas crianças;• Falta de estrutura para trabalhar com crianças especiais;• Falta de acompanhamento pedagógico com os professores;• Falta do ensino bilíngue nas séries iniciais.

Os problemas acima relacionados são comuns na comunidade; muitas crianças passam por conflitos familiares e a maioria das crianças não gosta da merenda que é oferecida pela escola. Por outro lado, constatamos que os alunos que estão matriculados na Educação Infantil são crianças muito pequenas, de três anos de idade, e isso nos coloca diante de uma situação preocupante, pois priva essas crianças dos conhecimentos tradicionais e dos ensinamentos vividos no dia a dia com seus pais.

Considerando que a maioria dos alunos não têm domínio da escrita e da leitura, trabalhamos com desenhos e alguns alunos retrataram a escola que queriam. Um aluno desenhou a escola dos seus sonhos; na sua ilustração apareceu uma escola com vários corações, isso chamou bastante nossa atenção, pois tal desenho pode ter várias interpretações. Pode ser que a criança tenha tentado dizer que falta amor, compreensão ou mesmo paciência por parte dos professores.

Um outro ponto importante que podemos mencionar é o acompanhamento dos pais nas atividades dos filhos. Muitas vezes os pais jogam a responsabilidade da educação para a escola e não acompanham o rendimento dos seus filhos. Eles devem entender que a escola é apenas um mecanismo de orientação educacional e que a verdadeira educação está em casa, no convívio familiar. Com relação ao ensino de línguas, percebemos que a metodologia precisa ser repensada na escola, pois não está alcançando seus objetivos, que é o de alfabetizar as crianças na língua indígena.

Portanto, o diagnóstico nos mostrou que é preocupante a situação dos alunos de 1^a a 4^a série, pois muitos

problemas foram levantados e só podem ser solucionados se tivermos um projeto pedagógico discutido por todos, tanto a escola como a comunidade.

LEVANTAMENTO DE PROBLEMAS EDUCACIONAIS COM ALUNOS DE 5ª A 8ª SÉRIE DO ENSINO FUNDAMENTAL

O trabalho de levantamento de dados com os alunos de 5ª a 8ª série do Ensino Fundamental foi realizado dentro de sala de aula nos horários da aula das professoras bolsistas. Foram utilizados, como ferramenta de coleta de dados, questionários nos quais os alunos colocaram suas ideias com relação ao ensino que é trabalhado dentro do ambiente escolar; sobre a metodologia utilizada pelos professores e o acompanhamento da comunidade. Com este trabalho, foram levantados diversos problemas que interferem diretamente no contexto da vida social da escola.

Sabemos que a qualidade do ensino diferenciado nas comunidades indígenas ainda é um desafio muito grande e pouco se tem conquistado ao longo do tempo. Essa reflexão vem se consolidando nas discussões das comunidades indígenas que são partes fundamentais na construção deste processo. Neste contexto intercultural, foram levantadas pelos professores as seguintes situações problemas que veremos no quadro a seguir:

Quadro2: Resultado de Diagnóstico de 5ª a 8ª Série/Ensino Fundamental**Situação Problema**

- Alunos com dificuldade de leitura e escrita;
- Alunos que não sabem ler;
- Alunos que necessitam de atendimento especial na escola;
- Falta de estrutura física na escola;
- Merenda de má qualidade;
- Deficiência na qualidade pedagógica da disciplina de inglês;
- Falta de acompanhamento dos pais dentro da escola;
- Falta de livros didáticos de Wapichana;
- Falta de confecção de material na língua wapichana;
- Necessidade de se falar outra língua indígena na escola;
- Falta empenho dos professores com o ensino dos alunos;
- Grande parte dos alunos não fala a língua wapichana;
- Muitos questionam a forma como é ministrada a aula de wapichana;
- Muitos falam que pretendem estudar e aprender para ter um bom emprego;
- Outros falam que o trabalho na roça da escola e trabalhos com a comunidade é perda de tempo e não querem ser agricultores;
- Muitos reclamam que não estão aprendendo nada na escola;
- Falam que a educação diferenciada não existe e que é igual ao ensino da escola;
- Reclamam que as novas tecnologias de que a escola dispõe não estão contribuindo com os alunos;
- Falam que o laboratório de informática está parado e não existe aula de informática;
- Não sabem noções básicas de informática;
- Muitos faltam às aulas;

Assim como nas séries iniciais do Ensino Fundamental, muitos problemas foram detectados. Dentre eles citamos alguns que achamos relevantes destacar. Um dos pontos que precisa ser discutido é a Educação Especial, já que na comunidade existem alunos especiais e que a esco-

la não dispõe de estrutura adequada e profissionais qualificados para tal situação. O segundo ponto identificado foi com relação ao ensino da língua Wapichana. Houve reclamação da falta de material didático para fazer pesquisa, na metodologia utilizada e nos resultados da aprendizagem dos alunos. Por outro lado, foi questionada a disciplina de Inglês que também está sendo uma dificuldade, apenas palavras soltas são ensinadas.

LEVANTAMENTO DE DADOS COM ALUNOS DO ENSINO MÉDIO REGULAR (1º AO 3º ANO) E EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS (1º ANO)

No Ensino Médio não foi diferente, muitos questionamentos foram levantados pelos alunos como mostra o quadro abaixo:

Quadro3: Resultado de Diagnóstico do Ensino Médio Regular (1º ao 3º ano) e Educação de Jovens e Adultos (1º ano)

Situação problema
<ul style="list-style-type: none">• Estudam a Língua wapichana, mas não aprendem;• Falta de diálogo entre escola e comunidade;• A comunidade não discute a melhoria do ensino na escola;• A merenda não tem qualidade;• Falta de materiais permanentes e didáticos;• Melhoria da metodologia de ensino de alguns professores;• Estudo como mecanismo de garantia de emprego formal;• Falta de interesse do grupo docente em discutir a melhoria do ensino;• Falta de conhecimento das novas tecnologias (informática), que não têm atendido às expectativas dos alunos;• Falta união do grupo de professores;• Falta de interesse em trabalhar as oficinas pedagógicas na escola;• Falta de organização da gestão administrativa;• Falta de espaço físico para se ter uma boa aula;

- Falta de preparo do professor de língua Inglesa;
- Falta de material didático de wapichana para pesquisa;
- Não se discutem os conhecimentos da cultura indígena como disciplina;
- A escola não trabalha a educação sexual, sendo que é um grande problema na comunidade;
- A escola não direciona o aluno quando termina o ensino médio na escola;
- Grande parte são Wapichana, outros são Macuxi que vê como necessidade aprender a língua Macuxi que não é ofertado na escola;
- O aluno não considera o ensino da escola indígena diferenciado, dizem que é igual ao da escola da cidade;
- Deficiência na leitura e interpretação;
- Professores sobrecarregados de disciplinas;
- Falta de professores sem justificativa;
- Muitos querem estudar outra língua indígena na escola;
- Falta aula de educação e prática de esporte;
- Falta de acompanhamento da comunidade com a escola;
- Falta do acompanhamento da família com os filhos na escola;
- Desistência de alunos por problemas familiares;
- Falta de incentivo da família para estudar;
- Muitos têm que trabalhar para garantir o sustento da família;
- Muitos são pais e mães, tendo outras responsabilidades não tendo tempo para a escola;
- Bebida alcoólica;
- Gravidez indesejada com adolescentes;
- Falta de estrutura física para melhor desenvolver as atividades;
- Falta de parceria da escola com outras instituições;
- Falta de livros para pesquisa;
- Falta de funcionamento da sala de informática e internet;

Grande parte dos alunos que estuda no Ensino Médio são pais e mães de família e, por isso, muitas vezes a frequência escolar deixa a desejar, pois estes alunos não têm com quem deixar seus filhos. Por outro lado, estes alunos não têm apoio dos pais e precisam trabalhar para garantir o sustento da família. Outro importante ponto de

destaque é que existem conflitos familiares que influenciam nos estudos dos alunos.

Outro ponto é a necessidade de se estudar outra língua indígena na escola, ou seja, a comunidade apresenta uma realidade interessante: grande parte dos alunos são Wapichana e outros Macuxi, sendo que muitos destes alunos querem aprender a língua Macuxi como forma de comunicação com outras comunidades. Com relação à Língua indígena, notou-se que os alunos do Ensino Médio, principalmente do terceiro ano, mostraram interesse muito grande em aprender a língua Wapichana e outra língua como o Macuxi. Isso porque entendem que a valorização das línguas está sendo considerada nos vestibulares e cursos de nível superior que as universidades ofertam, ou seja, a língua indígena está sendo uma ferramenta muito importante nos cursos específicos da Universidade Federal de Roraima e isso é importante, pois reflete no interesse dos alunos que pensam em dar continuidade a seus estudos.

Os alunos também informaram que os novos recursos pedagógicos de que a escola dispõe como, por exemplo: a informática, os televisores e outros materiais que podem facilitar o trabalho dos docentes e discentes não estão sendo utilizados. Uma outra situação colocada é o trabalho extraclasse que é considerado por grande parte dos alunos como perda de tempo, ressaltam que estão assistindo poucas aulas e que muitas vezes os trabalhos fora da sala de aula não têm nenhum objetivo pedagógico. Ressaltaram que a escola precisa se organizar e o grupo de professores repensar a forma como os trabalhos são realizados junto à comunidade.

A educação diferenciada que almejamos dentro da comunidade é uma realidade. No entanto, precisamos adequar e contextualizar seus conceitos e objetivos à realidade que vivemos. Não vamos fortalecer e nem mesmo revitalizar a nossa cultura se não abrirmos o olho para as inovações que chegam em nossa comunidade. Há alguns anos atrás não tinha a energia elétrica, telefones celulares e muitos não tinham acesso à internet. Com a chegada destas ferramentas, a comunidade passou a adquirir novos hábitos; o ritmo de vida e o comportamento das pessoas mudou. Antes o tempo familiar era o que mantinha viva grande parte dos conhecimentos tradicionais; as histórias contadas pelos mais velhos, tudo isso foi substituído pela televisão, que podemos aqui afirmar que está gerando um impacto muito negativo na comunidade.

O comportamento das famílias mudou radicalmente. Hoje quase todos têm um televisor em casa e as crianças passam grande parte do tempo assistindo desenhos animados. Por outro lado, o acompanhamento dos pais com essas crianças não existe, ficando evidente que muitos não mostram interesse nos estudos. Um outro fator importante que notamos no desenvolvimento da pesquisa, e que já reflete no ambiente escolar, é o assistencialismo, ou seja, os programas de governo como o bolsa família, o vale alimentação e outros tornaram as pessoas dependentes desses recursos, sendo que muitos não trabalham mais na roça e isso atinge as crianças que quase não se alimentam em casa.

Portanto, são vários os problemas apresentados por esta pesquisa. A escola como um todo precisa repensar seus conceitos de escola indígena e trabalhar realmente em coletivo com a comunidade, discutir seus problemas e buscar soluções que sejam viáveis a todos.

LEVANTAMENTO DE DADOS COM PROFESSORES: AVALIAÇÃO DO ENSINO NA ESCOLA

A escola pode ser considerada uma ponte de informação dentro da comunidade. Entretanto, temos que pensar que a escola não funciona sozinha, depende de alunos e principalmente da sua organização, ou seja, quais são seus objetivos. Tudo isso deve ser considerado dentro da proposta pedagógica e todos que fazem parte têm que ter o conhecimento e, principalmente, o compromisso de cumprir com os objetivos.

Com isso, o grupo fez também o levantamento de dados com o grupo de professores com o objetivo de saber suas opiniões e sua avaliação com relação ao ensino dentro da escola. Dentro desta dinâmica foram levantados vários pontos que veremos no quadro a seguir:

Quadro 4: Resultado de Diagnóstico com os professores

Situação-problema
<ul style="list-style-type: none">• Falta de Planejamento Pedagógico;• Falta de acompanhamento pedagógico;• Ensino fragmentado na escola;• Falta de compromisso dos professores com a qualidade do ensino;• Falta de diálogo da gestão com o grupo de professores;• Falta de discussão de novas metodologias;• Falta de aulas da língua wapichana para os professores não falantes;• Falta de organização e planejamentos dos trabalhos extraclasse;• Falta de conhecimento da legislação que garante a educação escolar indígena;• Deficiência na leitura e escrita dos alunos do Ensino Fundamental;• Falta de planejamento nos trabalhos realizados junto à comunidade;• Falta de conhecimento com relação ao ensino fundamental de nove anos;• Dificuldades com alunos da Educação Especial de 1ª a 8ª série do Ensino Fundamental;• Falta de conhecimento da educação infantil que hoje é uma realidade na escola;• Falta conhecimento do Projeto Político Pedagógico;• Falta de formação para professores;• Falta diálogo entre professores;• Falta fazer o diferenciado dentro da escola;• A escola não oferece espaço adequado para desenvolver um bom trabalho;• Falta de estrutura física;• Domínio da língua indígena wapichana;• Cumprimento do calendário diferenciado;• Falta de discussão sobre o currículo da escola;• Falta de resultados com projetos da escola;

Como vimos, o diagnóstico levantou várias situações mencionadas pelos professores. Isso demonstra que existem problemas que precisam ser melhorados dentro da escola, mas também o que se percebeu é que falta diálogo entre a

gestão e o próprio grupo de professores. Muitos reclamam da falta de espaço físico para se trabalhar e fazer o acompanhamento pedagógico por parte do gestor pedagógico.

Um ponto interessante que chamou a atenção é de que existem alguns professores que não conhecem os fundamentos legais da Educação Escolar Indígena, que é uma preocupação. Desta forma, perguntamos como um professor que não conhece esses princípios pode contribuir para a qualidade e especificidade do ensino na escola? São questões como estas que devemos analisar para poder ajudar os nossos colegas no ambiente escolar.

Por outro lado, os professores indagaram o ensino da língua, sendo que muitos não são falantes, mas têm interesse em aprender e isso é importante uma vez que a escola indígena se define como bilíngue, ou seja, como pode uma escola exigir de seus alunos a língua indígena se os professores não falam. Neste sentido, para que a escola tenha autonomia na qualidade do ensino diferenciado todos precisam ter o domínio da língua.

Um caso interessante que existe na escola é uma aluna da 5ª série B e que não fala o português, apenas a língua wapichana. Como nós professores não falantes vamos poder desenvolver um bom trabalho com esta aluna se não podemos nos comunicar ou mesmo entender o que ela fala? Como dito anteriormente, há falta de formação para os professores que trabalham na educação infantil, os mesmos só têm ensino médio e estão encontrando dificuldades para atuar em sala de aula.

Por outro lado, os docentes falam sobre a importância de se discutir o currículo da escola. A falta de conheci-

mento do Projeto Político Pedagógico (PPP) é um dos problemas. A escola tem uma versão de PPP, mas não segue a forma como é definida, ou seja, muitos professores que chegam à escola não têm o conhecimento de como funciona diferenciado, não há um direcionamento pedagógico nela e com isso o ensino se torna fragmentado.

Nesse contexto, novos conceitos e modelos de educação são impostos pelo sistema escolar brasileiro para a escola indígena: o ensino de nove anos, a Educação Infantil, a Educação Especial e o modelo de Projeto Político Pedagógico.

Portanto, grande parte dos problemas mencionados nas modalidades de ensino, ou mesmo nas questões pedagógicas, são elementos de discussões e um desafio para a escola e comunidade. Encontrar soluções imediatas não é possível, mas se adequar às novas realidades é; sem deixar de fortalecer os conhecimentos culturais indígenas. No entanto, o diálogo e as discussões só serão viáveis a partir do momento que todos estiverem comprometidos com a efetivação de uma escola realmente diferenciada.

RESULTADO COM ALUNOS DESISTENTES DA COMUNIDADE CANAUANIM

A pesquisa foi realizada com quinze pessoas de diferentes faixas etárias e com diferentes níveis de escolaridade, todos desistentes por não estar frequentando a escola devido a uma série de problemas que enfrentam diariamente no contexto da vida comunitária.

A situação das comunidades indígenas apresenta ainda um quadro muito preocupante com relação à ques-

tão educacional. Muitos alunos não conseguem concluir os estudos e mesmo tendo a oportunidade de estudar na sua própria comunidade, estão fora da sala de aula. Nesse sentido, o objetivo do diagnóstico foi questionar tal situação. Durante as entrevistas, surgiram diversas temáticas de grande interesse que devem ser discutidas pela comunidade e, principalmente, pela escola. Como mostra o quadro abaixo, foram detectados vários problemas:

Quadro 5: Resultado de Diagnóstico com Resultado com Alunos Desistentes

Situação problema
<ul style="list-style-type: none">• Falta de incentivo por parte da família com os estudos;• Falta de apoio financeiro;• Preocupação com os filhos e afazeres da casa e da família;• Gravidez precoce;• Conflito familiar;• Trabalho como garantia do sustento familiar;• Muitos são pais de família;• Trabalho na cidade;• Falta de alternativas de emprego na comunidade;• Mães solteiras.

Muitos relatos revelam que o incentivo dos pais foi decisivo na continuidade dos estudos, ou seja, a única alternativa era trabalhar na roça ou migrar para a cidade à procura de trabalho para assim garantir o sustento da família. Mesmo assim, a realidade e as oportunidades de emprego na cidade não são reais, muitos acabam trabalhando como domésticas tendo como pré-requisito o nível de Ensino Médio, o que dificultava ainda mais a situação destas pessoas.

Por outro lado, as dificuldades no acompanhamento dos filhos pequenos exigem muito tempo, e acaba interferindo nos estudos deixando claro que o problema é a falta de planejamento familiar. Mesmo com tantas dificuldades, os entrevistados acreditam que o estudo é a melhor alternativa e que pode mudar a realidade social de cada família. Por isso, muitos esperam retomar os estudos, pois todos têm sonhos que acreditam realizar através dele.

Diante desse quadro, fica evidente que o objetivo do diagnóstico é trazer para o debate essa realidade que muitas das vezes não conhecemos. Neste sentido, o papel da escola é fundamental na sistematização de propostas que garantam a permanência de alunos na escola e isso tem que se refletir dentro da proposta pedagógica.

CALENDÁRIO CULTURAL DA COMUNIDADE CANAUANIM

*Artemísia Cadete*¹⁶

*Gracilene da Silva*¹⁷

*Leilândia Cadete*¹⁸

JANEIRO

Atividades dos membros da comunidade: escolha do local da roça; broca e derruba; capina e broca da roça com manival; fazer farinha; fazer beiju; trabalhos comunitários; trabalhos comunitários e escola; reunião do Barro Vermelho; reunião comunitária Campinho; apresentação dos funcionários; planejamento/plano de curso; construção de casas. Não pode caçar e nem pescar no período santo. Caça ao veado, pesca em lagos e igarapés. Quando plantar ramo na roça no dia santo terá muita produção na roça; várias destas atividades são comuns ao verão (dezembro, janeiro, fevereiro).

Astronomia: A pessoa que tirar madeiras no período da lua clara (lua cheia) sofrerá as consequências: lagarta e cupim; as pessoas pescam na noite escura (sem nova) e quando os igarapés estão baixando suas águas; na lua cheia, ao anoitecer, período bom para matar veado quando é feito moitá; na noite escura, é tempo bom para tirar palha de buriti, madeira; noite escura: tiração de madeira, de palha, varrida para matar paca e tatu.

¹⁶ Bolsista PIBID-Licenciatura Intercultural

¹⁷ Bolsista PIBID-Licenciatura Intercultural

¹⁸ Bolsista PIBID-Licenciatura Intercultural

Principais atividades das crianças: férias para os alunos; ajudar os pais nos trabalhos da roça; balar passariño; pescar; ir para a roça; molhar as plantas de manhã e tarde; ajudar a mãe a descascar mandioca; peneirar massa; jogar bola e pescar com seus irmãos.

Clima: chuva no período da lua cheia e lua nova para segurar as frutas; início do vento forte; chuva só na lua cheia e lua nova; bom para secar roupas; chove muito pouco; no céu as nuvens marcam a direção do vento. Janeiro a março tem vento forte e pouca chuva. Quando morre uma pessoa, chove para apagar os rastros (chuva do falecido);

Vegetais: floresce o tucumã, tucumai, naja, jatobá; caju e manga maduros.

Animais: a cutia se alimenta do jerimum.

FEVEREIRO

Atividades dos membros da comunidade: limpeza do pátio da escola; início do ano letivo; reunião da comunidade Barro Vermelho; encontro dos professores de língua wapixana regional; reunião comunitária do centro – Canauanim: broca e derrubada da roça da escola; reunião do Campinho; queimada da roça; fazer farinha; arrancar mandioca; raspar e ralar a mandioca; tirar goma e fazer a farinha de tapioca; trazer a mandioca da roça na bicicleta.

Atividades das Crianças: aprender arrancar batata; descascar batata; encher o cocho com água para as galinhas; quando aparece o anel ao redor da lua nova, meninas que estão no período para entrar na mocidade começam a ser preparadas; noite escura: tiração de madeira, de palha, varrida para matar paca e tatu.

Vegetais: o pião roxo serve para rezar em crianças; a vassourinha serve para rezar em crianças com quebranto, serve como remédio para os rins.

Animais: os porcos do mato se alimentam da macaxeira, tucumai, da mandioca e batata; cutia se alimenta do tucumã.

MARÇO

Atividades dos membros da comunidade: encontro pedagógico na escola; reunião comunitária do Campinho; reunião comunitária do Barro Vermelho; reunião da Associação de Pais e Mestre com a comunidade; plantio da roça da escola; aniversário da escola do Campinho; reunião comunitária do centro; plantio de buritizeiro; palestra sobre saúde; paixão de Cristo (Semana Santa); as pessoas saem para pescar, nos lagos, nos igarapés e nos rios; as mulheres fazem beiju, caxiri, farinha; alguns dias de descanso para as pessoas, não pode fazer nada; coivara da roça escolar. Tirar arumã para fazer cesto, peneira e tipiti. **Atividades das Crianças:** as meninas fazem: lavar vasilhas pela manhã; ajudar sua mãe a lavar roupa; aprender a varrer o terreiro; jogar lixo.

Clima: chuva da Semana Santa; chuva do santo São José (bom para plantar); vento forte; vento forte do Oeste para o leste.

Vegetais: arumã; flora da madeira casca grossa, do miricataka, goiabinha, algodoeiro; murici (só flora quando é queimado); alho bravo serve como remédio; escada de jabuti (o chá serve para diarreia); a garganta da guariba serve para doença.

Animais: cio do tatu; o chocalho da cobra cascavel vai crescendo conforme seu período de vida e serve como remédio; a gordura do peixe pirarara serve como remédio (pneumonia); o cabelo do nariz da paca serve para o cachorro ser caçador; a patinha da cutia serve para o cachorro ser corredor e caçador; o barro da formiga preta serve para curar a criança, para ela ser corredora e andar ligeiro; o casco do jabuti e os ossos servem para defumação; qualquer osso de caça serve para defumação ao redor da casa; a paletinha do jabuti serve para criança não pegar quebranto (mal olhado); praga de mosca.

ABRIL

Atividades dos membros da comunidade: reunião da comunidade Campinho; reunião da comunidade Barro Vermelho; reunião comunitária do Centro; palestra sobre saúde/saúde da mulher; plantação de milho, maniva, macaxeira e jerimum. Comemoração do dia do índio.

Atividades das Crianças: lavar vasilhas; pela manhã, ajudar sua mãe a lavar roupa; aprender a varrer o terreiro; jogar lixo; carregar água, encher garrafa; ir para escola.

Clima: chuva da Semana Santa para plantar milho, melancia; abril a agosto chuva forte, enchentes.

MAIO

Atividades dos membros da comunidade: reunião do Campinho; reunião Barro Vermelho; reunião do Centro; continuação das plantações na roça; dia do Trabalha-

dor; dia das mães/escola e comunidade, plantação de maniva na lua crescente.

Atividades das Crianças: ajudar, pela tarde, na roça a plantar melancia, milho, jerimum; ajuntar coivara.

Clima: início do inverno.

Vegetais: no início das chuvas tempo em que nascem todos os tipos de plantas nativas e domésticas; murici estão maduros.

Animais: praga de carapanã; saúva, cupins e outros insetos. Praga no milho (lagarta)

JUNHO

Atividades dos membros da comunidade: ajuri familiar; reunião da comunidade Barro Vermelho; reunião do Centro Canauanim; reunião do Campinho; limpeza do pátio da escola pelos alunos e comunidade; trabalho na roça da escola, capina e broca do manival; fazer farinha; seminário de apresentação dos trabalhos de professores e alunos para a comunidade; reunião de pais e mestres; arrancar mandioca; raspar e ralar a mandioca; tirar goma e fazer a farinha tapioca; trazer a mandioca da roça na bicicleta; pescarias.

Atividades das Crianças: neste período, as crianças ficam em casa, por causa da chuva e das doenças, época de virose.

Clima: chuva forte, enchente dos igarapés; sangramento dos igarapés.

Vegetais: floração da batata; floração das plantas frutíferas domésticas e nativas.

Animais: reprodução dos tatus; subida dos peixes para os lagos e igarapés para desova dos peixes e reprodução.

JULHO

Atividades dos membros da comunidade: reunião comunitária do Barro Vermelho; reunião comunitária do Campinho; reunião comunitária do Centro; palestra sobre saúde na escola; caça na roça; recesso na escola; reinício das aulas.

Atividades das Crianças: recesso de 10 dias de aula; se não foi concluída a plantação, as crianças ajudam a terminar.

Clima: continua a enchente.

Animais: tatus com filhotes; doenças nos pintos; período não muito bom para criação doméstica.

AGOSTO

Atividades dos membros da comunidade: reunião da comunidade do Campinho; feira produtiva do Barro Vermelho; reunião da comunidade do Barro Vermelho; reunião do Centro; fazer farinha; arrancar mandioca; raspar e ralar a mandioca; tirar goma e fazer a farinha tapioca; trazer a mandioca da roça na bicicleta; varrer os quintais; comemoração dia dos pais.

Atividades das Crianças: período perigoso; andar no mato com muito cuidado; as crianças ficam em observações pelos pais.

Clima: relâmpago e trovão muito forte; época que os relâmpagos queimam árvores grandes como buriti, jatobá,

paricarana e casa que tiver fio descascado, arame; espelho atrai raio; pequena tempestade (quando jogam prato no terreiro na direção do vento).

Vegetais: leite de ucuuba.

Animais: Animais peçonhentos venenosos; quando as galinhas estão chocando o relâmpago muito forte pode gorar os ovos de qualquer animal.

SETEMBRO

Atividades dos membros da comunidade: reunião da comunidade Barro Vermelho; reunião centro Canauaninim; palestra sobre saúde na escola; reunião Campinho; caçada na mata e na roça (porco do mato); caçada na varrida (paca e tatu); fazer caxiri para os trabalhos: como broca, derruba; fazer farinha; arrancar mandioca; raspar e ralar a mandioca; tirar goma e fazer a farinha de tapioca; trazer a mandioca da roça na bicicleta; varrer os quintais; dia da árvore (palestra de conscientização na escola); aniversário da Escola Tuxaua Luiz Cadete; preparação para o intercultural; festa intercultural; dia do idoso; caçada na roça (matar veado mateiro e cutia); colher os produtos da roça (jerimum, milho, batata); pesca no igarapé de linha com isca de muxiua e de malhador; fazer beiju; capina no quintal; período para roçar; período bom para fazer farinha e secar o beiju.

Atividades das Crianças: preparação das saias, do cocar para apresentação da dança do parixara para seus pais; no período de vacina todas as crianças são obrigadas a ir no posto; ir na roça acompanhado dos pais para apanhar jerimum, a juntar milho.

Clima: setembro a dezembro verão forte, chuva só nos dias de lua cheia e lua nova.

Vegetais: troca de folhas das plantas nativa e domésticas; fruto como jatobá, jutai; flora do marimari; nestes meses as lenhas estão secas para fazer fogo.

Animais: porco do mato gordo, alimento macaxeira, tucumã, batata; paca (alimento, milho, manga); cobra sucuriju esta gorda (a gordura serve para remédio); aviso (quando o besouro serrador canta é para colocar a roça); quando o caititu sai em bando para o lavrado é por que o verão vai ser forte e o próximo ano não vai ser muito farto (setembro e outubro); período do peixe gordo.

OUTUBRO

Atividades dos membros da comunidade: reunião comunitária do Campinho; reunião comunitária do Barro Vermelho; reunião comunitária do Centro; escolha do local da roça; noite escura para caçar, tirar madeira, tirar palha.

Atividades das Crianças: juntar jerimum; descascar mandioca; peneirar massa; levar as mandiocas para lavar; balar passarinho, rolinha, juriti, periquito.

Clima: na segunda chuva tem flora das plantas; início do vento do verão; período do peixe gordo.

Vegetais: frutos nativos como marfim; jaquitiriba.

Animais: animais gordos: paca, tatu, veado, porco do mato; cio do veado.

NOVEMBRO

Atividades dos membros da comunidade: reunião comunitária do Campinho; festa da damurida; reunião comunitária no Barro Vermelho; reunião comunitária do Centro; fazer caxiri para os trabalhos de derruba; fazer farinha; arrancar mandioca; raspar e ralar a mandioca; tirar goma e fazer a farinha; carregar mandioca da roça na bicicleta.

Atividades das Crianças: ir acompanhado pelos seus pais acender velas para seus entes queridos no cemitério; jogar bola; brincar.

Clima: chuva para segurar o maturi do caju, a manga, buriti e outras; chuva dos finados; época de pouca chuva, continua em dezembro até março, cada vez com maior escassez de chuvas.

DEZEMBRO

Atividades dos membros da comunidade: fazer caxiri; reunião com pais e mestres; formatura; festejo de Santa Luzia; Natal e festa na comunidade; noite escura para caçar, tirar madeira, tirar palha; na noite escura as pessoas não podem andar sozinho; festas em cada família, Natal e fim do ano; na noite escura cuidado com os seres lendário (canaimé).

Atividades das Crianças: descascar mandioca; peneirar massa; levar as mandiocas para lavar; balar passariño, rolinha, juriti, periquito.

Vegetais: frutos estão madurecendo

PRINCIPAIS PROBLEMAS SOCIOAMBIENTAIS QUE AFETAM A COMUNIDADE

No período seco, por falta de conscientização, as queimadas no campo e nas roças podem espalhar incêndios pelo lavrado e matas. No período das chuvas, ocorrem muitas doenças como gripe e diarreia. Além disso, hoje na comunidade há uma escassez crescente de animais para caçar e pescar. O desmatamento em grande escala devido ao crescimento das famílias é outro problema. Em decorrência disso, em áreas de capoeirão muitos pés de najás são derrubados, contribuindo para as queimadas das roças nas coivaras. Além disso, há uma crescente escassez da palha e do fruto de buriti; de cipó titica; do fruto da bacaba. E a pesca indiscriminada com uso de timbó é um problema. E, finalmente, identificamos o uso crescente de espingarda como um fator importante para a diminuição das caças.

Quadro 6: Principais atividades sociais realizadas pelos estudantes do Ensino Médio, faixa etária de 16 a 19 anos

IDADE	ATIVIDADES SOCIAIS	ATIVIDADE FAMILIAR	TEMAS PARA PESQUISA ESCOLAR
16	Escolha do local da roça; Broca e derruba; Coivara e plantação da roça; Pesca e caça; Espera da caça;	Ir cedo para a roça acompanhado pelos pais; Colocar roça no período certo; Fazer caxiri para os trabalhos como:	Acompanhar visitas domiciliares pelos agentes saúde Armar as madeiras da casa; Broca na roça Carregar as madeiras;
17	Armadilha para caça; Busca de najá para tirar as iscas (MUXIUA);	broca, derruba, coivara, plantação; Fazer “segura peito” para iniciar os trabalhos;	Carregar feixe de maniva ou no saco Cobrir casa Construir casas Corta coivara Cortar maniva para plantação
18	Tirar minhocas para isca; Capina e broca da roça com manival; Fazer farinha Arrancar mandioca Raspar e ralar a mandioca Tirar goma e fazer a farinha de tapioca; Trazer a mandioca da roça na bicicleta; Fazer beiju Trabalho individual (ajuri) Trabalho familiar e vizinhos no ajuri Construir casa Tirar palha de najá Quebrar e cobrir as palhas A contagem da ferra do gado e vacinação; Reuniões mensais da comunidade Reuniões das lideranças nos domingos após culto; Culto dominical; Festa da padroeira Santa Luzia Nas festas comemorativas, dia das mães, dos pais, dia das crianças e dos idosos;	Uma das filhas fica na casa para fazer os deveres e cuidar de seus irmãos quando está sendo amamentado até seus cinco anos; Coar caxiri; Ir junto com seus pais a partir dos seus cinco anos para roça observar os trabalhos; Fazer farinha A partir dos cinco anos peneirar massa; Arrancar mandioca Tirar lenha para torrar farinha; Empresa da massa; Espremer massa no tipiti; Descascar e ralar a mandioca Tirar goma e fazer a farinha de tapioca; Trazer a mandioca da roça na bicicleta; Fazer beiju (só é feito no verão) Trabalho individual (ajuri)	Cuidar da casa Doenças na comunidade Espera da caça Espera da caça individual Fazer beiju; Fazer roça Fazer varrida para caça; Quebrar palhas Queimar a roça Reuniões comunitárias Torar farinha; Trabalhos comunitários Vamos capinar e brocar o manival Vamos derrubar a roça Vamos para a roça Vamos pescar/caçar Vamos trabalhar no ajuri

	<p>Luto na comunidade acontece quando um membro da comunidade morre (criança, jovens, mulher e ancião) o luto é de dois dias.</p> <p>Vacinação, acontece conforme a campanha nacional e o cronograma da equipe de saúde indígena;</p> <p>Palestra sobre saúde na escola mensalmente, conforme a situação de algumas doenças na comunidade;</p> <p>Visitas dos agentes indígenas domiciliares para acompanhar a saúde das famílias;</p> <p>De mês em mês verificação do peso das crianças que estão no período escolar;</p>	<p>Trabalho familiar e vizinhos no ajuri</p> <p>Construir casa, o pai constrói juntamente com ajuda dos filhos maiores;</p> <p>Capina no terreiro da casa;</p> <p>A mãe e as filhas varrem as folhas do terreiro;</p> <p>As cinco horas os anciãos levantam para trançar seus artesanatos (jamaxim, cesto, tipiti, peneira, fiar algodão e outros)</p> <p>Meninas doentes não participam dos trabalhos, não vão na roça e nem passam perto do igarapé</p> <p>Mulheres que estão amamentando não podem receber e nem pegar nada de alguém que está de luto</p> <p>Quando a família está em luto não participa dos trabalhos, não pode tomar banho no igarapé;</p>	
--	--	--	--

USO DAS PLANTAS MEDICINAIS PELOS WAPICHANA NA COMUNIDADE INDÍGENA CANAUANIM: ENSINO DE CIÊNCIAS E EDUCAÇÃO INTERCULTURAL¹⁹

Rejane Aleixo Castro²⁰

APRESENTAÇÃO

As plantas medicinais são espécies vegetais que possuem em sua composição substâncias que ajudam no tratamento de doenças ou que melhorem as condições de saúde das pessoas. Já os medicamentos fitoterápicos são produtos industrializados obtidos a partir da planta medicinal (ANVISA, 2010).

É importante trabalhar os temas relacionados à medicina tradicional indígena como proposta pedagógica por ter uma infinidade de informações importantes para o fortalecimento da cultura indígena, conhecimentos esses que estão ficando no anonimato das populações tradicionais.

Quando sugerimos o tema Medicina Tradicional vimos a necessidade de resgatar os valores culturais e conhecimentos indígenas que estão ligados ao processo de construção de um plano diferenciado que atenda às necessidades de cada comunidade escolar. Nesta pesquisa, foram contextualizados dentro do planejamento vários conhecimentos com relação às plantas mapeadas como: ambiente, clima etc.

¹⁹ Trabalho de Conclusão de Curso orientado pela professora Fabíola Carvalho

²⁰ Bolsista PIBID-Licenciatura Intercultural, graduada na Área de Habilitação Ciência da Natureza

O uso e conhecimento de plantas para tratamento, cura e prevenção de doenças é uma das mais antigas formas de prática da medicina. O conhecimento sobre plantas medicinais simboliza muitas vezes o único recurso terapêutico de muitas comunidades e grupos étnicos (MACIEL et.al., 2002; VEIGA JUNIOR et al., 2005).

É bastante comum nas comunidades tradicionais a prescrição das plantas medicinais mesmo não sendo conhecidos seus constituintes químicos. Estes hábitos são arriscados pois, apesar de muitas plantas serem úteis ao homem, algumas contêm substâncias que exercem efeitos adversos.

Portanto, uma mesma planta pode apresentar tanta ação terapêutica quanto ação tóxica. A distinção entre as substâncias medicamentosas e tóxicas existe somente na dosagem, na finalidade e modo de preparo (ARNOUS et. al., 2005; GOMES, et. al., 2002, MORGAN, 2003).

Mesmo com os grandes avanços que ocorreram na medicina nas últimas décadas, as plantas ainda apresentam uma grande contribuição para a manutenção da saúde. Muitas comunidades utilizam a vegetação nativa no combate a enfermidades (SOUZA; FELFILLI, 2006).

Há um crescente interesse mundial por produtos derivados da biodiversidade e, nesse aspecto, o Brasil é privilegiado, mas ainda há muito a ser explorado. A população brasileira vem conseguindo importantes avanços em relação à pesquisa e à utilização de fitoterápicos. A fitoterapia é uma das novas práticas que pode ser implementada nas unidades de saúde do Sistema Único de Saúde desde o anúncio, pelo Ministério da Saúde, da Portaria 971, de 4 de

maio de 2006 (BRASIL, 2006), dentro da Política Nacional de Práticas Integrativas e Complementares (PNPIC).

Com essa portaria, o governo visa a garantir o acesso a terapias alternativas aos seus usuários, como a fitoterapia. Esta política abrange desde o cultivo da planta medicinal, a pesquisa farmacológica, a produção do fitoterápico, esclarecimentos à população, desenvolvimento tecnológico e, inclusive, exportação desses produtos.

USO DAS PLANTAS MEDICINAIS PELOS WAPICHANA DA COMUNIDADE INDÍGENA CANAUANIM: ENSINO DE CIÊNCIAS E EDUCAÇÃO INTERCULTURAL

Mapeamento das Plantas Medicinais do Canauanim

O uso de plantas medicinais no Canauanim tem diminuído muito. Muitas pessoas já não valorizam os remédios feitos a partir das plantas medicinais e cada vez menos famílias se utilizam destes conhecimentos. Preocupados com essa situação, os alunos do Ensino Médio fizeram as entrevistas com os moradores detentores desses conhecimentos após a construção de um planejamento para fazer o mapeamento das plantas medicinais da comunidade.

Para fazer esse mapeamento, os alunos foram divididos em três grupos: pesquisaram as plantas medicinais encontradas nos quintais, na mata e no lavrado. Fizemos esse levantamento porque a diversidade de plantas medicinais da comunidade ainda era desconhecida. Com a pesquisa, levantamos informações sobre as plantas e sua utilidade.

A pesquisa foi sistematizada em sala de aula, levando em consideração os seguintes critérios: i) nome científico; ii) nome na língua wapichana; iii) para que a planta é utilizada? iv) qual parte da planta é utilizada (casca, entrecasca, folhas, frutos, sementes e raízes). A tabela a seguir mostra os resultados da pesquisa.

Tabela 1. Plantas medicinais encontradas nos quintais das casas, matas e área de lavrado no Canauanim.

Plantas medicinais		
Quintal	Lavrado	Mata
Ata	Angico	Aroeira
Anador	Azeitona	Capeba
Algodoeiro	Caimbé	Carapanaúba
Abóbora	Cajueiro	Copaíba
Alfavaca	Lacre	Cipó alho
Abacaxi	Mirixi	Cajui
Acerola	Quebra pedra	Jatobá
Babosa		
Boldo/ folha		
Capim santo		
Crajiru		
Cidreira		
Elixí paregórico		
Goiabeira		
Hortelã		
Jucá		
Limoeiro		
Língua de pirarucu		
Mastruz		
Noni		
Pião branco		
Terramicina		
Romã		

Fonte: Rejane A. Castro

Depois de realizado o levantamento das plantas medicinais presentes nos quintais, no lavrado e nas matas, iniciamos um trabalho de pesquisa para estudar o nome popular, científico, na língua wapichana a família de cada planta pesquisada, e sua utilidade como mostra a tabela 2.

Tabela 2. Levantamento das Plantas Medicinais encontradas na Comunidade Canauaninim

Nº	Nome Popular	Nome Científico	Nome na Língua	Família	Parte Utilizada	Para que serve?
01	Ata	<i>Annona sp</i>	A'ata	Annonácea	Folhas e sementes	Anemia, caspa.
02	Anador	<i>Justicia pectoralis</i>	-	Acanthaceae	Folhas e ramos	Bronquite, alivia azia, alivia dores musculares e dores em geral.
03	Algodoeiro	<i>Gossypium Barbaldense L.</i>	Kinharidi	Malvaceae	Raízes	Hemorragia uterina, Menstruação abundantes, Afecções do rins.
04	Abobora	<i>Curcubita Sp.</i>	Kawiam	Cucurbitácea	Sementes	Verminhos
05	Angico	<i>Albizia polycephala</i>	-	Fabaceae	Entrecasca	Diarreia, tosse, asma
06	Alfavaca	<i>Ocimum brasiliicum L.</i>	-	Lamiaceae	Folhas	Acalmador de tosse, problemas digestivos
07	Abacaxi	<i>Ananás sativus</i>	Na'ana	Bromeliácea	Fruto	Mal digestão, inflamações.
08	Acerola	<i>Malpighia puniceifolia.</i>	Zupu'Wydý	Malpighiaceae	Frutos	Gripe, resfriado e diarreia.
09	Azeitoneira	<i>Syzygium jambolanum D.C</i>	-	Mirtaceae	Cascas, folhas e sementes	Diabetes, prisão de ventre, diabele, diarreia, gases gastrointestinal,
10	Aroeira	<i>Schinus terebinthifolius Raddi</i>	-	Anacardiaceae	Casca, semente e folhas	Febre, tosse, bronquite, diarreia, infecção vaginal, inflamação do útero
11	Babosa	<i>Aloe vera L.</i>	-	Liliaceae	Folhas (gel das folhas)	Inflamação, queda de cabelo, queimaduras e ferimentos.

12	Boldo	<i>Plectranthus barbatus</i> Andrews	Purau maxin	Lamiaceae	Folhas	Fígado, maldigestão
13	Capim santo	<i>Cymbopogon nitratos</i> (DC)	Pimid Zakary	Poaceae	Folhas	Diarreia, tosse, febre Problema estomacal, colocac intestinal e uterinas.
14	Crajiru	<i>Arrabidaea chica</i>	-	Bignoniaceae.	Folhas verde/ seca	Anemia, câncer, cólica intestinal, corrimento vaginal, feridas, hemorragias, inflamação.
15	Cidreira ou (erva cidreira)	<i>Melissa officinalis</i>	-	Lamiaceae	Folhas e flores.	Prevenir doenças cardíacas, controlar a pressão, dor de cabeça,
16	Cipó alho	<i>Adenocalymna aliaceum</i> Mart.	-	Bignoniaceae	Folhas	Gripe, sinusite e reumatismo
17	Capeba	<i>Pothomorfę umbellata</i> L.	-	Piperaceae	Raiz folha	Fígado, baço; malária inchação
18	Carapanauba	<i>Aspidosperma nitidum</i> Benth.	-	Apocynaceae	Casca	Malária
19	Copaiba	<i>Copaifera</i> sp.	-	Caesalpinaceae	Folhas, casca, óleo	Inflamações, feridas e machucados abertos, catarro no peito, gripe, resfriado e garganta inflamada.
20	Cajui	<i>Anacardium giganteum</i> L.	-	Anacardaceae	Entrecasca	Gripe e inflamação

21	Caimbé	<i>Curatella americana</i> Linn.	-	Dilleniaceae	Entrecasca, flor	Artrite, diabetes e Pressão alta, tosse, bronquite e Resfriado
22	Cajueiro	<i>Anacardium occidentale</i> L.	Tubuchi	Anacardiáceas	Folhas, casca, fruto (sementes)	Feridas, infecção da garganta, diarreia
23	Elixir paregórico	<i>Piper callosum</i> Ruiz pav.	-	Piperaceae	Folhas	Cólica menstrual e intestinal, gases, diarreia, estômago
24	Goiabeira	<i>Myrtaceae</i>	Autak Kady'naa	Psidium guajava L.	Broto	Diarreia
25	Hortelã	<i>Mentha piperita</i> L.	-	Lamiaceae	Folhas e óleo	problemas do fígado , vômitos, dor de dente, gripe, tosse, bronquite
26	Jatobá	<i>Hymenaea courbaril</i>	-	Fabaceae	Frutos, folhas, casca, resina	Asma, cólicas, vermes, feridas na boca, laxante, tosse, hemorragia
27	Jucá	<i>Caesalpinia ferra</i>	-	Leguminosae	Entrecasca, frutos	Diabetes, infeções gastrointestinais, hemorragias, asma, cólica intestinal e tosse
28	Limoeiro	<i>Citrus limon</i> (L.)Burm	-	Rutáceas	Folhas e frutos (casca e suco)	Combate dores reumáticas, diarreia, azia, caspa e doenças do fígado
29	Lacre	<i>Vismia</i> sp.	-	Clusiaceae	Casca, folha, látex	Impingem e ferimentos por inseto, coceira
30	Língua de pirarucu	<i>Kalanchoe brasiliensis</i> c.	Pinnata	Crassulaceae	Folhas	Dor de ouvido, conjuntivite, Gastrite, queimadura.

31	Mastruz	<i>Chenopodium Ambrosioides</i>	Maturuz	Chenopodiaceae	Folhas/ sementes	Rouquidão, fraturas, gripe, asma, tuberculose, vermes
32	Mirixi	<i>Byrsonima spp.</i>	-	Malpighiaceae	Casca, entrecasca, folhas	Feridas e diarreia
33	Noni	<i>Morinda citrifolia L.</i>	-	Rubiaceae	Folhas e frutos	Diabetes, dor nos olhos, malária e inflamação
34	Pinhão branco	<i>Jatropha curcas L.</i>	-	Euphorbiaceae	-	Combate asma e cicatriza
35	Quebra perda	<i>Plyllanthus niruri L.</i>	Pukuz'marú'n	Euphorbiaceae	Folhas e frutos	Afecções urinária, vesícula
36	Romã	<i>Punica granatum L.</i>	-	Punicaceae.	Casca do fruto	Inflamações boca e garganta
37	Terramicina	<i>Alternanthera brasiliana</i>	-	Amaranthaceae	Folhas	Bexiga, fígado, hemorroidas, dores e feridas

Fonte: Pesquisa realizada pelos alunos do primeiro anos do Ensino Médio da Escola estadual Indígena Tuxaua Luiz Cadete no ano de 2013 sob a orientação da professora Rejane Aleixo Castro.

Descrição das Plantas Medicinais Cultivadas Pelas Famílias do Canaúanim

Nome Popular: Capim Santo

Nome Científico: *Cymbopogon citratos* DC

Família: Gramineae

Nome na Língua: Pinid Zakaryb

Origem: Originária da Índia

Trata-se de uma planta muito comum no Brasil, que se adapta melhor aos solos úmidos onde se desenvolve com espontaneidade, florescendo no mês de setembro (CRUZ, 1979). É utilizada também no Uruguai e na Argentina; Cresce em hortas, pastagens e lavouras de inverno.

Esta planta, muito conhecida no Brasil, é fácil de ser cultivada. Basta destacar as mudas com raiz de uma touceira-mãe, podar as folhas, deixando apenas cerca de 20 cm de talos, fazer covas bem adubadas com 15 cm de profundidade, a cada meio metro, plantá-las regando-as diariamente. Preferem locais ensolarados. Rapidamente começam a brotar e se espalham formando novas touceiras com folhas aromáticas e corantes nas extremidades. Com folhas longas e estreitas, ásperas e com margens cortantes, medindo entre 60 e 80 cm, não desenvolve tronco, mas caules ligados diretamente às raízes, de onde saem as folhas de cor verde limão em forma de torceiras. Na comunidade, esta planta é muito conhecida e utilizada pelas famílias que quase em todas as casas podemos encontrá-las.

Propriedades: Antiespasmódico, antimicrobiano, inseticida e repelente, analgésico.

Figura: Capim Santo



Fonte: Rejane Castro, 2010

Indicações: Diarreias, dores de estômago, problemas renais, calmante, febre, ansiedade, cólicas menstruais e intestinais, dor de cabeça, dor muscular, feridas e gases.

Princípio Ativo: Óleos essenciais contendo geraniol, citral, mirceno, cimbogonol, limoneno e dipenteno.

Modo de Usar: A planta atua como repelente natural de insetos, masela pode ser consumida em forma de chá ou utilizada em forma de compressas para acalmar dores musculares.

Chá por infusão, colocar 1 colher (chá) das folhas picadas de capim santo em uma xícara e cobrir com água fervente. Tapar, esperar amornar, coar muito bem e beber em seguida. Tomar de 3 a 4 xícaras por dia.

Compressas: Preparar o chá e depois mergulhar um pedaço de pano limpo nele, aplicando na região dolorida. Deixar atuar por pelo menos 15 minutos.

Partes utilizadas: Folhas.

Efeitos colaterais: Crises de sonambulismo, em doses elevadas há relatos de delírio, sono mais prolongado e letargia estendida.

(CRUZ, G.1979); tua saúde.com.

Nome Popular: Mastruz

Nome Científico: *Chenopodium ambrosioides* L. (mastruz)

Família: Família: Amaranthaceae

Nome na Língua: Maturuz

Origem: América Central e do Sul.

O Mastruz é uma planta medicinal herbácea, originária da América

Figura: Mastruz



Fonte: Rejane Castro

Central do Sul, cheiro forte, desagradável e característico que ocorre em todo o país como espontânea, sendo planta daninha em algumas regiões do país. As folhas e frutos acumulam óleo essencial rico em ascaridol, princípio ativo responsável pelo efeito vermífugo da planta (Lorenzi & Matos 2002).

Propriedades: anti-inflamatória, expectorante, vermífuga, cicatrizante, aromática, sedativa, abortiva, digestiva, antifúngica, antimicrobiana e antiviral.

Indicação: O mastruz serve para o tratamento de rouquidão, circulação, pé de atleta, fraturas, gripes, hemorroidas, tuberculose, asma, parasitas intestinais, repelente de insetos, bronquite, resfriados, contusões.

Princípio Ativo: Esteroides, saponinas, terpenos e ascaridol dentre outros

Modo de Usar: Podem ser usadas folhas, flores e sementes em infusões, misturado com leite, tintura, xarope, extrato ou essência, no tratamento de uso interno ou compressas.

Infusão de mastruz: colocar uma xícara de café, da planta fresca com sementes, em 500 ml de água fervente e deixar repousar por 10 minutos. Depois coar e beber uma xícara de 6 em 6 horas. Esta infusão é indicada para o tratamento de problemas de estômago.

Contraindicações: O seu uso é contraindicado para gestantes, lactantes e crianças até 2 anos, pessoas debilitadas ou com doenças hepáticas e renais.

Partes utilizadas: folhas, flores e sementes

Efeitos colaterais: Os efeitos colaterais do mastruz incluem irritação na pele e mucosas, dor de cabeça, vômito, aborto, danos no fígado, náuseas e transtornos visuais

caso seja usado em doses elevadas. (TUA SAÚDE.COM, LORENZI E MATOS, 2002)

Nome Popular: Terramicina

Figura: Terramicina

Nome científico: *Alternanthera brasiliana* (L.) O. Kuntze

Família: Amaranthaceae

Fonte: Rejane A. Castro

Origem: América do Sul

Planta nativa do Brasil

A terramicina tem folhas lanceoladas ou oval-alongadas, vermelho-arroxeadas, planas, verdes quando jovens e avermelhadas quando maduras são membráceas, lisas, inteiras, pode alcançar mais de 2 m de comprimento. As flores insignificantes são pequenas, brancas. Inflorescência globosa, pequena, verde-esbranquiçada. Largamente utilizada na medicina caseira pelos índios, que lhe atribuem nomes que descrevem seus usos.



Fonte: Rejane Castro

Propriedades: analgésicas, anti-inflamatórias e também age como antibiótico potente, depurativa, diurética, digestiva.

Indicações: Bexiga, fígado, hemorroidas, dores. Nas Guianas as folhas são usadas como adstringente e antidiarreica e a planta inteira em maceração para prisão de ventre.

Modo de Usar: Infusão de uma colher de sobremesa de flores em um litro de água. Tomar 3 a 4 xícaras de chá ao dia. (PLANTAS QUE CURAM, NUNE 2007).

Nome Popular: Ggoiaba

Nome científico: *Psidium guajava*

Família: [Myrtaceae](#)

Nome na língua wapichana:

Autak Kady'naa

Origem ou Habitat: É originária do Sul do México e do Amazonas Colombiano.

A goiaba foi domesticada no Peru

há centenas de anos, segundo arqueólogos. Ainda hoje é muito apreciada nos trópicos e usada medicinalmente. Embora tenha perdido a importância econômica, seu fruto continua sendo muito apreciado e abundante. Nos trópicos é chamada de maçã dos pobres.

Árvore de até 10 metros de altura com folhas aromáticas, tronco liso, casca fina, cor de cobre que se solta facilmente exibindo uma casca esverdeada embaixo. É nativa da América do Sul, desde a Venezuela até o Rio de Janeiro e cultivada em todos os países de clima tropical. São bem conhecidas suas variedades mais comuns, a de frutos com polpa vermelha e a de polpa branca. Para fins medicinais deve ser podada e regada frequentemente para estimular a produção dos gomos que irão originar as folhas que são a parte medicinal da planta.

Propriedades medicinais: Adstringente, antibiótica, aperitiva, cicatrizante, emenagoga, estomáquica, laxante, antibiótica, digestiva, tônica.

Indicações: Afecção da garganta, aftas, bronquite, catarro intestinal, diarreia, disenteria, estômago, febre,

Figura: Goiaba



Fonte: Rejane Aleixo

gengivite, hemorragia, inflamação, tosse, vermes, Cólera infantil, disenteria, escorbuto, fermentações gastrintestinais, gastroenterite, hemorragia interna, incontinência da urina, inchaço dos pés, tuberculose

Princípio Ativo: taninos, triterpenos, flavonoides, óleos essenciais, vitamina C, além de muitas fibras.

Modo de Usar: Preparo do chá como medicação antinfeciosa e reidratante oral: 20 a 30 brotos para 1 litro de água fervente. Adicionar uma colher (sopa) de açúcar e uma colherzinha (café) de sal e administrar à criança em doses bem pequenas e frequentes, se possível, a cada cinco minutos.

Para o preparo de 1 xícara (150ml), colocar 4 brotos e adicionar água fervente. Deve ser tomado na dose de uma xícara a cada duas a quatro horas ou de hora em hora nos casos mais severos.

Partes utilizadas: folhas jovens ou brotos, cascas secas, frutos.

Contraindicação: usar com cautela em pacientes que toma medicação para o coração, pois possui ação depressiva do sistema nervoso.

Efeitos Colaterais: o uso excessivo de goiaba verdes pode prender o intestino

Uso medicinal: chá das folhas para tratamento de diarreia de 2 a 3 vezes ao dia; o fruto pode ser usado como alimento remineralizante. A decocção das folhas e a casca, por via externa para enfermidades de pele e varizes. A fruta seca pode ser utilizada em casos de hemorroidas. (RUDDER 2002, *PLANTAS QUE CURAM*, LORENZI E MATOS, 2002)

CUIDADOS NO USO DAS PLANTAS MEDICINAIS

Para a correta utilização de plantas medicinais, faz-se necessário que tenhamos alguns cuidados como: I) saber identificar a planta (nome e propriedade); II) qual a parte da planta que deve ser usada; III) colher a planta na época certa e no horário entre 8 e 10 horas da manhã, pois neste horário as plantas possuem maior concentração dos princípios ativos; IV) secar a planta à sombra e em lugar arejado e limpo; V) guardar as ervas secas em vidros ou caixas bem fechadas e protegidas do sol, luz e insetos; VI) sementes devem ser usadas quando secas e nunca verdes (COIAB, 1994).

O remédio caseiro feito de plantas medicinais pode ser feito de várias maneiras. A infusão é o método usado para folhas e flores. O método é colocar a planta na vasilha de vidro, louça ou barro e despejar água fervendo em cima, abafar com uma tampa imediatamente e deixar em repouso por dez minutos.

A decocção é o método usado para raízes, sementes e cascas, método: colocar a planta em água fria e levar ao fogo deixando a panela tampada, quando abrir a fervura, marcar o tempo, deixar ferver durante 5 a 10 minutos.

A maceração ou tintura é utilizada para folhas, flores, raízes, cascas e sementes. O método é colocar a planta no diluente, que pode ser o álcool, cachaça, vinho, glicerina e deixar alguns dias para extrair as propriedades das plantas. Normalmente, fica de 7 a 15 dias no diluente. Depois colocar em frascos (vidro) escuros. Usar em gotas ou em colherinhas (COIAB, 1994).

Os remédios devem ser dados conforme a idade. Não devemos abusar do uso das plantas, pois o uso inadequado pode trazer graves consequências para a pessoa. A dosagem deve ser feita de forma correta, como segue abaixo:

1. Chá (por infusão ou decocção), acima de 18 anos: 4 xicara de chá por dia;
2. Adolescente de 12
3. 10 a 17 anos: meia xicara de chá, de 4 a 5 vezes ao dia;
4. Criança de 6 a 11 anos: 1 xicara de café, 4 vezes ao dia;
5. Criança de 3 a 5 anos: meia xicara de café, 4 vezes ao dia;
6. Criança de 1 a 2 anos: uma colher de sopa, cada 2 horas;
7. Criança de 6 a 12 meses: uma colher de chá, cada 2 horas;
8. Criança menor de 5 meses: uma colher de café a cada 2 horas;

RECEITAS DE REMÉDIOS CASEIROS FEITOS A PARTIR DAS PLANTAS MEDICINAIS NO CANAUANIM

Para fazer o levantamento das receitas de remédios caseiros utilizados pelos wapichana do Canauanim, realizamos uma oficina de produção de remédio caseiro, com alunos do 1º ano do ensino médio em parceria com os AIS da comunidade, onde foram fabricados os seguintes remédios: pomada para micose, Coceira e Frieira; Pomada

para massagem; Misturas de entrecascas para lavar ferida; garrafada para inflamação e infecção, xarope para gripe, garrafada para inflamação e infecção; garrafada para infecção urinária, Remédio para inflamação do útero

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Buscamos conhecer os saberes e práticas de cuidados realizados por meio do uso de plantas medicinais na comunidade Canauanim e a inserção dos conhecimentos indígenas no currículo da escola. A investigação teve como base de análise e de estudo o conhecimento do próprio ser humano, advindo de sua cotidianidade, experiência e vivência, pois os sujeitos da pesquisa permitiram que elementos importantes acerca de seus conhecimentos sobre o uso de plantas medicinais fossem descortinados.

Ao entrevistar e observar a comunidade, observamos um mundo de significados, experiências e peculiaridades que foram fundamentais para construção das considerações deste trabalho. Entre as constatações da pesquisa, está o fato de que a maior parte dos saberes e das práticas referentes ao uso das plantas medicinais foram adquiridos no ambiente familiar e tem a figura dos anciãos como os principais detentores e difusores desse conhecimento.

No Canauanim, ainda existe o interesse dos entrevistados em cultivar a sua própria planta medicinal, assim como o sentimento de querer dar continuidade a essa prática complementar de cuidado à saúde. A justificativa apresentada pelos entrevistados foi de que os produtos naturais, colhidos na hora e sem o uso de agrotóxicos são

menos agressivos e prejudiciais para a saúde, principalmente se comparados aos medicamentos industrializados. Assim, o uso de plantas medicinais assume grande valor na vida destas pessoas.

Um dos medos relatados entre os que usam as plantas medicinais é o grande desinteresse por parte dos mais novos em dar continuidade a essa prática de cuidado milenar. Acredita-se que esse desinteresse seja fruto de uma sociedade de consumo que, por meio de uma propaganda de mercado, tem influenciado cada vez mais a opinião das pessoas, principalmente na formação de valores e hábitos dos mais jovens.

As comunidades são frequentemente convencidas pela mídia a utilizarem medicamentos industrializados que prometem combater as mais diferentes doenças. Como consequência, o poder curativo das plantas é desvalorizado, pois o gosto pelo novo e prático, em especial entre os mais jovens, tem contribuído, juntamente com outros fatores, para que o conhecimento tradicional sobre as plantas medicinais seja esquecido pelas novas gerações.

Portanto, acredita-se que a pesquisa aqui realizada tenha grande relevância não só para a comunidade Canaúanim, como também para toda a sociedade indígena, pois é inaceitável que nossos conhecimentos tradicionais não sejam valorizados pelas novas gerações.

Além disso, é relevante enfatizar a necessidade de um maior domínio desse saber pelas famílias, alunos e lideranças a fim de poder ministrar cursos sobre o uso de plantas medicinais na saúde para as comunidades, bem

como, implantar no currículo da escola a valorização da medicina indígena bem como a oficina de produção de medicação caseira.

É nesse contexto de conflitos entre o saber científico e popular que a escola indígena assume grande importância, pois ao valorizar a pluralidade dos conhecimentos culturais, intermediará o saber científico com o popular. Diante disso, a escola não pode continuar negligenciando esse tipo de saber tão utilizado pelas pessoas em seus contextos de vida, principalmente, hoje, que a educação intercultural procura trabalhar o indivíduo em sua totalidade, respeitando suas diferenças e contextos sociais, na perspectiva da integralidade.

Visto que os dados levantados na pesquisa permitiram inferir que a comunidade apresenta algumas características favoráveis como: o gosto pelo uso de plantas medicinais como prática de cuidado à saúde, o conhecimento popular sobre as potencialidades curativas de algumas plantas, a vontade de saber mais sobre o uso de plantas medicinais, acreditam na eficácia do chá caseiro, apresentam vontade de transmitir e dar continuidade a este saber adquirido.

Os dados da pesquisa também revelaram a importância destes saberes e práticas de cuidados complementares. Por isso, devem ser incluídos na formação e na educação permanente dos alunos através de propostas pedagógicas diferenciadas. E mais: a escola deve inserir no currículo os valores culturais e conhecimentos tradicionais dos povos indígenas, a fim de melhor compreender os saberes e práticas culturais.

As plantas medicinais são importantes para a qualidade de vida das comunidades indígenas, no entanto é necessário discutir e inserir propostas pedagógicas diferenciadas nos currículos das escolas e que valorizem de fato os conhecimentos tradicionais dos wapichana, consolidando assim uma educação diferenciada e intercultural. No entanto, esse desafio de trabalhar os conhecimentos indígenas não é apenas do professor indígena ou da escola, mas é uma situação que deve ser encarada por todos educadores, pesquisadores, pais, comunidade e, sobretudo, as famílias.

REFERÊNCIAS

AGÊNCIA NACIONAL DE VIGILÂNCIA SANITÁRIA - ANVISA 2010

ARNOUS, A.H; SANTOS A.S; BEINNER, R.P.C. Plantas medicinais de uso caseiro - conhecimento popular e interesse por cultivo comunitário. Revista Espaço para a Saúde, Londrina, v.6, n.2, p.1-6, jun. 2005.

BRASIL. Diário Oficial da União. Portaria 971, de 4 de maio de 2006. 2006a.

BRASIL. Diário Oficial da União. Decreto 5.813, de 22 de junho de 2006. 2006b.

MACIEL. M, A. PINTO, A.C. VEIGA JR. GRYNBERG, N.F., ECHEVARRIA A. Plantas medicinais: a necessidade de estudo multidisciplinar Quím. Nova, maio 2002, vol.25, no. 3, p.429-438.

SOUZA, C. D. de; FELFILI, J. M. Uso de plantas medicinais na região de Alto Paraíso de Goiás, GO, Brasil. *Acta Botânica Brasileira*. v. 20, n. 1, p. 135- 142, 2006.

VEIGA JUNIOR, Valdir F.; PINTO, Ângelo C.; MACIEL, Maria Aparecida M. Plantas medicinais: cura segura? *Quím. Nova*, São Paulo, volume. 28, número. 3, jun. 2005



CAÇA E PESCA NO CANAUANIM E VALORIZAÇÃO CULTURAL NO ENSINO MÉDIO²¹

Gracilene da Silva²²

APRESENTAÇÃO

Da década de 1990, vem ocorrendo um aumento da população do Canauanim e junto com isso transformações sociais, econômicas, na nutrição e na saúde. Desse período para cá, aumentou o comércio e o consumo de alimentos que antes não eram consumidos, entraram novas tecnologias, chegou a energia elétrica e os eletrodomésticos. Além disso, ocorreu a abertura da estrada e a entrada de marretiros que possibilitou trocas e aquisição de produtos industrializados como sal e o açúcar.

Antes da chegada de energia e dos programas sociais na comunidade, os wapichana do Canauanim dedicavam grande parte do seu tempo em atividades relacionadas à produção de alimentos e de criação de animais domésticos (galinhas, pato e porcos) e realizavam expedições de caça e de pesca, preparavam a roça e colhiam seus produtos.

Atualmente, os alimentos culturais vêm sendo substituídos aos poucos por alimentos industrializados, e as consequências dessa transição nutricional vem aumentando os casos de diabetes, hipertensão e obesidade.

²¹ Trabalho de Conclusão de Curso orientado pela professora Fabíola Carvalho

²² Bolsista PIBID-Licenciatura Intercultural, graduada na Área de Habilitação Ciência da Natureza

O presente trabalho faz uma reflexão sobre a importância da atividade tradicional de caçar e pescar na comunidade Canauanim a partir da pesquisa do calendário cultural, descrevendo os conhecimentos tradicionais dos wapichana sobre essas duas atividades culturais.

A construção do calendário cultural da comunidade deu-se a partir da pesquisa dos seguintes indicadores: animais, vegetais, astronomia, clima e problemas socioambientais e de saúde, bem como, da investigação das atividades sociais dos membros da comunidade: mulheres, homens, jovens e crianças. Além disso, fizemos a leitura do livro “Manejo do Mundo” (CABALZAR, 2010) e da “Enciclopédia da Floresta” (CUNHA, 2002), além de bibliografias específicas de Roraima para embasar nossas discussões (BARBOSA & MELO, 2010; BARBOSA, XAUD & SOUZA, 2005; BENSUNSAN, 2008).

Discutimos na Escola Estadual Indígena Tuxaua Luiz Cadete, a importância da inserção dos valores culturais do povo wapichana na formação escolar. Nossa ideia foi construir uma proposta pedagógica para o Ensino Médio que avaliasse questões relacionadas ao uso dos recursos naturais, tendo como foco principal a caça e a pesca.

O trabalho foi desenvolvido durante o estágio curricular supervisionado em que fizemos um diagnóstico sobre o papel da escola na comunidade e elaboramos uma proposta pedagógica para discutir o padrão de uso da caça e da pesca pelos wapicha no Canauanim.

Contamos com o apoio do programa PIBID (Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência), no

qual fui bolsista de 2010 a 2013. Por meio do PIBID/Licenciatura Intercultural, participamos de oficinas de leitura e preparação da equipe e da metodologia do trabalho.

A partir dessas atividades, desenvolvemos uma proposta pedagógica coletiva no Canauanim com o propósito de pesquisar a nossa própria realidade, nossos conhecimentos tradicionais, a cultura, a biodiversidade e as mudanças que vêm ocorrendo ao longo dos anos. Nossa pretensão foi realizar um trabalho pedagógico que não ficasse só em sala de aula, mas que fosse discutido com todos.

CONHECIMENTOS TRADICIONAIS WAPICHANA ENVOLVIDOS NAS ATIVIDADES DE CAÇAR E PESCAR

A Caça

Antigamente no Canauanim a caça era abundante, existiam muito mais árvores nativas de grande porte e as poucas famílias não usavam a espingarda. Para caçar era preciso aprender técnicas para rastejar, perseguir e acuar a caça. E assim acontecia, a população caçava com cachorro e fazia armadilha (badogue e kurutu), faziam espera, moitá e varrida na vereda do animal. Nos últimos tempos, as formas de manejo do meio ambiente têm mudado e o mau uso da terra tem levado à diminuição de alguns animais na comunidade.

As roças sempre atraíram animais e por isso são utilizadas como locais de caça. Algumas espécies silvestres são caçadas com armadilhas como arapuca (juriti, rolinha, perdiz, nambu e galega), além de outras aves que faziam

parte da alimentação como o papagaio, aracuã, padapada, patori, marreca, pato bravo, mutum etc

Além da preocupação em produzir o alimento, era preciso construir as ferramentas e seus utensílios como armadilhas, canoas, cestos, darruanas, arcos e flechas e rezar para o cachorro ser caçador. Havia todo um tempo necessário para realizar as tarefas.

Para ser um bom caçador é necessário acumular muitos conhecimentos. Um bom caçador ou pescador tem que conhecer a época de chuva e da seca. Um bom caçador deve conhecer, também, o comportamento de cada caça e sua relação com os frutos, os diferentes modos de alimentação de cada animal: os frutos que comem e em que época estão maduros; o período para preparar, plantar e colher os produtos da roça.

Para caçar na mata é importante aprender a se orientar. De acordo com os conhecimentos tradicionais, para ser um bom pescador, os homens não podiam deixar as moças pegar nas suas tralhas e nem passar perto ou por cima delas, visto que a caça é uma atividade realizada por homens ou rapazes podendo ser individual ou coletiva. Quando a caça ocorre individualmente, geralmente o homem passa a noite na mata, quando ela é coletiva, para uma festa na comunidade, por exemplo, os homens passam dias acampados no mato.

Não é fácil ser um caçador. Aprende-se a caçar observando os mais velhos, acumulando experiência pessoal. O homem passa por vários processos de observação. As crianças wapixana iniciam o processo de observação na pescaria

e na caça em torno de cinco anos com seus pais. Os pais observam se os filhos vão ser caçador ou pescador. Depois disso, é quando ocorre a cura para ser caçador. Primeiro, o menino acompanha seu pai. Depois de ter observado, ele vai sozinho para perder o medo e deixar ele na mata.

No Canauanim, os utensílios mais usados nas caçadas são armadilhas, arcos, flechas e tudo o que é importante para garantir uma boa caçada. Essas armadilhas são construídas pelos homens no dia a dia.

Para fazer uma caçada e levar comida para casa é importante ser marupiara, conhecer os hábitos dos animais, se anda ou se alimenta a noite ou de dia, do que se alimenta, se anda sozinho ou em bando, como são os rastros que deixam no chão, onde costumam se esconder, que cheiros têm na época da reprodução. São estratégias de encontrar os animais e fazer a caçada e fazer armadilhas. Os cães também ajudam a localizar os animais no mato.

Um marupiara, seja ele pescador ou caçador, traz a darruana cheia de peixes quando sai para caçar e a embiara cheia de caça. Já o panema chega da pescaria e da caçada e não traz nada.

Os caçadores usam vários tipos de capturas chamadas de jiqui, arco e flecha, espinhel, galho de mirixi e o timbó. Ao longo do tempo, tiveram acesso às tralhas dos brancos como consequência do contato e do aumento de famílias que foram migrando para esta comunidade.

A caça é mais frequente no verão que se inicia em setembro e vai até março. Nos meses de agosto a setembro todas as caças estão gordas: o tatu, paca, caititu, queixada,

anta. A caça que não engorda é a cutia. A caça normalmente acontece em noites de lua cheia e nova, tanto no verão quanto no inverno, mas a chuva atrapalha as caçadas. A caça acontece mais em dias não chuvosos.

A lua e suas diferentes fases tem grande relevância tanto para a atividade de caçar quanto para a de plantar. Quando a lua está cheia as caças saem cedo. Quando a lua aparece, os caçadores saem à procura de caça e sempre estão atentos para a hora da saída da lua, que depende da fase da lua. Quando a lua sai cedo não é bom para caçada.

A cutia, por exemplo, costuma sair para se alimentar entre às 16h30 e às 6:30h. Elas roem tucumã e inajá e outras frutas nativas e, na roça, comem jerimum, batata, macaxeira e milho.

Ouvir a pisada da paca e do tatu depende das folhas: se estão secas ou molhadas. Quando as folhas estão molhadas o caçador não escuta as pisadas. Em noites escuras, entre 19h e 21h é fácil ver a pisada do veado mateiro, observando sua alimentação: piritó, marfim, mutamba, jerimum, miri preto da ilha, folha de batata e folha da maniva. Nesse horário também, acontece a pisada da anta, tanto no horário da nascente da lua e no pôr da lua. Em noites escuras o tatu sai à procura de comida no baixão, nas veredas e caminhos.

A hora da pisada da paca costuma ocorrer entre às 19h em noites escuras nas veredas, na saída da lua nova, quando o caçador alimenta a mesma com caroço de manga, crueira da mandioca, milho, buriti, jutai, mutãmba, tauarí para facilitar caça. Quando acontece uma chuva rápida a cutia costuma aparecer na roça para se alimentar e o caçador sai à procura da caça.

O tempo da floração e de frutos é também tempo de fartura para os animais. Os veados mateiros se alimentam de marfim de janeiro a março, de folha olho de batata no mês de junho até no final do inverno, na roça de milho seco nos meses de setembro a outubro, de feijão verde no mês de agosto e de tauarí em outubro. Já os veados campeiros se alimentam de miri (novembro), miricataca e mirixi (agosto e setembro) e murici (junho a julho). Nesse período, eles estão gordos. É comum caçar porco do mato na roça e na mata, paca e tatu varrida e veado mateiro e cutia na colheita da roça.

Existem muitos conhecimentos indígenas sobre alimentação e caça. Algumas caças fazem mal, mas existem rezas para comer e fazer as caçadas, quando há um impedimento. Uma caça que faz mal é o veado roxo. Quando a mãe está de resguardo com bebê recém-nascido os pais da criança não podem comer esse animal, pois a criança passa mal, chora e pode chega até a morrer. Se os pais comerem até seus cinco anos a criança ainda se sente perturbada espiritualmente. Quando o pai está com um filho recém-nascido ele não pode caçar e nem comer a caça, mas tem reza. A reza é feita para a criança não ser perturbada espiritualmente pelo animal. As mulheres no período de resguardo só podem comer peixe se ele for benzido.

Muitas partes dos animais são utilizadas para tratar doenças. O fel ou bÍlis da paca, por exemplo, é usada para tratar a malária e para mulher não ter filho, mas tem que ser benzida. O pelo da cutia com algodão, flecha e maruai serve para defumar crianças assustadas com espanto. O

tutano da canela do veado serve para reumatismo. O osso torrado do rabo do veado serve para o reumatismo e para fortalecer os ossos de criança e adultos. E o chá da cabeça da paca serve para a mulher parir rápido.

Muitas partes dos animais também são utilizadas para outras funções. O chifre do veado campeiro serve para fazer remate e acabamento do tipiti e o couro do veado serve para fazer laços, cabrestos e tambor.

A Pesca

Os wapichana têm vários conhecimentos tradicionais relacionados à caça. Uma menina menstruada, por exemplo, não pode pegar na flecha e no arco, se pegar o caçador fica *panema*. O flechador e a irmã não podem comer a primeira *embiara*.

Hoje no Canuanim, dentre as principais atividades dos homens, destacamos a pesca com arco e flecha e com caniço. À noite os pescadores facheavam com terçado, a luz era de poronga e o fogo de palha de buriti. Atualmente, as tralhas mais utilizadas para pescar pelos wapichanas são o caniço, a linha e o anzol, o malhador, zagaia, flecha e arco e jiqui. Linhas e anzóis já eram produzidos pelos Wapichana antes da introdução destes artefatos equivalentes feitos de nylon e os anzóis feitos de alumínio. Os pescadores já tinham suas técnicas tradicionais e suas formas próprias de pescar.

O timbó antigamente era muito utilizado pelas pessoas no verão. Essa planta é muito venenosa. Ela solta um leite e esse leite contamina a água deixando os peixes

tontos. Depois de meia hora os peixes começam a morrer. No verão, os lagos e igarapés começam a secar. Quando a água começa a baixar, no mês de novembro, fica bom para pescar nos lagos, utilizando galho de mirixi e timbó. No período seco, quando as águas diminuem, a comunidade pesca mais.

Antes na comunidade, tudo era controlado, os igarapés e lagos tinham dono, não era permitido tomar banho, lavar prato sujo de pimenta e qualquer outra coisa que cheirava a sangue. Se alguém fizesse isso ocorria um grande temporal com fortes chuvas. Quando houve a demarcação, limitou-se o acesso das pessoas nos igarapés grandes que estão ao redor da comunidade.

Segundo Lourival Solon, pescador da comunidade, “depois que nossa terra foi demarcada, começamos a nos perguntar o que iria garantir a segurança alimentar das nossas famílias na comunidade, porque o peixe começou a ficar mais escasso”.

A pesca acontece de verão a inverno, mas ocorrem diferenças nos peixes que são pescados em cada período. No início da enchente, os peixes que são pescados são os cascudos, cangati, jiju, piaba no igarapé. Os pescadores saem em busca de inajá para tirar as iscas muxiua e procuram minhocas para iscar. A pesca no igarapé é luta com caniço, com iscar de muxiua e de malhador. A pesca acontece nos igarapés quando as águas estão baixando, nos igapós, no período da enchente e nos lagos no verão.

No igarapé surrão, os peixes mais encontrados são o peixe cachorro, cará cabeça gorda, piranha pequena, pacu,

mandi preto, piaba, jagundá, mandi rajado, piaba larga, pongo preta, aracu, matrixã, mamuri. No igarapé cachorro é comum pescar o cascudo, mandi branco, pacu, cará da boca grande, jiju e traíra. Esses são os peixes que são pescados com linha de naylon e anzol. As iscas mais utilizadas pelos wapichana são o muxiau, a minhoca e piaba. Os peixes pescados com a isca muxiua são a piaba, cara cabeça gorda e o cara bére. Com a minhoca pescamos mandi, cangati, cascudo, sarapó.

A pesca com caniço acontece no verão e no inverno e as plantas que são utilizadas para fazer o caniço são a envireira, o bambu e a taboca porque são plantas que flutuam na água. O anzol que é utilizado durante a pesca depende do tamanho do peixe e da espécie, pois não é qualquer peixe que é fígado no anzol com qualquer isca.

As Plantas que os Wapichana Utilizam na Caça e na Pesca

Os arcos são feitos de troncos de pau rainha, piritó, pau d'arco, pau roxo e coração de nego. Todas essas árvores são utilizadas na confecção do arco. Inicialmente retira-se uma ancha da madeira medindo 1,5 e 2 metros que depois é lavrada com facão até ficar na medida certa.

O manejo da flecha ocorre nos meses de fevereiro a março. A flecha é uma planta nativa. A utilizada para homens adultos é maior (2 metros). Os jovens a partir dos 10 anos usam aquelas menores (1,5 cm). O tamanho varia de acordo com a força do menino.

Os antigos já fiavam linhas de pesca utilizando uma planta denominada *curauá*, que também é usada na con-

fecção da corda do arco. O pescador passava leite de madeira para reforçar a fibra.

A pena do mutum cortada ao meio é usada nas flechas que, quando confeccionadas, ajudam o caçador a ter um alvo certo. Outra pena que serve para o enfeite das flechas é a de arara. A forma das pontas das flechas varia. A ponta da flecha é feita de ferro com três cortes para fugar a *embiara*, zagaia com três pontas de ferro, taguara feita de madeira resistente, osso de jacaré.

As Armadilhas Utilizadas na Caça e na Pesca

O badogue é uma armadilha utilizada para matar o tatu *peba* e a *paca*. É armada na vereda ou caminho do animal. Esta armadilha é feita do cano de uma espingarda com cartucho espoletado e chumbo. Para fazer o badogue utiliza-se tira de borracha para amarrar, liga de soro e prego. O caçador coloca o badogue em um lugar estratégico amarrando uma linha de nylon em cima da vereda, depois que o caçador arma o gatilho. Quando o tatu *peba* e a *paca* passam e pisam na linha, a arma dispara o tiro. Essa armadilha é feita no inverno e verão.

Outra armadilha utilizada é a espera na varrida na vereda do animal. As caças esperadas são o tatu e a *paca*. Ele já fez o processo da varrida, já sabe que a caça chegará próximo às 18h, por isso nesse horário o caçador sai para esperar a caça. Em noites escuras o tatu sai cedo e a *paca* sai um pouco mais tarde. A espera acontece quando ele arma sua rede cerca de dois metros e meio de altura e utiliza a lanterna e a espingarda.

A arapuca era a armadilha mais utilizada quando tinha muitos nambus, galega na ilha, juriti e perdiz. As pessoas colocavam milho para pegar galega na beira de ilha. Os nambus eram atraídos com milho ou arroz na beira da roça e na mata. Geralmente colocavam quando iam para a roça, às 6h00 e às 17h30, pois nesses horários os nambus saem para se alimentar.

Já o moitá é feito para esperar caças, como o veado mateiro na roça ou na mata. Na roça, quando ele está comendo folhas como o olho da batata, milho seco, folha de macaxeira, folha de maniva. O caçador faz seu moitá em noites escuras. É armado com dez paus para armar a rede na altura de 3 metros para avistar a caça e uma lanterna com seis bolbilhos.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A pesquisa do Calendário Cultural poderá se tornar muito importante para a escola e a comunidade, pois abre uma gama de possibilidades de trabalhos pedagógicos. O trabalho de pesquisa nos permitiu pensar alternativas de ensino, tanto do conhecimento indígena, quanto do científico. E, ainda, pensar alternativas para construir propostas curriculares para a escola envolvendo os estudantes e a comunidade, o que resultou em um trabalho interessante para todos nós.

O aprendizado mais importante deste trabalho foi o fato de desenvolver uma proposta pedagógica e, ao mesmo tempo, familiarizar os alunos do Ensino Médio com metodologias de estudo e pesquisa, ou seja, ensinar as téc-

nicas para realizar entrevistas, exercitar a leitura e a produção de textos, sistematizar as entrevistas e preparar os trabalhos que serão apresentados.

REFERÊNCIAS

BARBOSA, R. I.; MELO, V. F. (Orgs.). **Homem, ambiente e ecologia**. Boa Vista: FEMACT, 2010, 644p.

BARBOSA, Reinaldo Imbrozio; XAUD, Haron Abrahim Magalhães; SOUZA, Jorge Manoel Costa e. **Savanas de Roraima: etnoecologia biodiversidade e potencialidades agrossilvipastoris**. FEMACT. Boa Vista. 2005, 202 p.

BENSUSAN, Nurit. **Seria melhor mandar ladrilhar?** Biodiversidade como, para que, por quê. Brasília: Universidade de Brasília, 2008, 252 p.

CABALZAR, A. (Org.). **Manejo do mundo: conhecimentos e práticas dos povos indígenas do Rio Negro, Noroeste amazônico**. São Paulo: ISA, 2010.

CARVALHO, Fabíola (Org.). **História, Cultura e Meio Ambiente em Roraima: Perspectivas Interculturais**. Boa Vista-RR: Universidade Federal de Roraima- UFRR, 2008.

CUNHA, M. C. da; ALMEIDA, M. B. de (Orgs.). **Enciclopédia da floresta**. São Paulo: Companhia das Letras, 2002.



O PROGRAMA PIBID NA ESCOLA ESTADUAL INDÍGENA TUXAUA LUIZ CADETE: AS ATIVIDADES TRADICIONAIS E A FORMAÇÃO DO GRUPO DO PARIXARA²³

Leilândia Cadete²⁴

APRESENTAÇÃO

Iniciamos os trabalhos do Programa PIBID na escola do Canauanim em maio de 2011. Inicialmente participamos de várias oficinas coordenadas pelos professores da Licenciatura Intercultural (Fabíola Carvalho, Maxim Repetto, Jovina Mafra dos Santos, Ananda Machado e Maria Alejandra Rosales).

Durante as oficinas, discutimos a metodologia de pesquisa do calendário cultural da comunidade e, ao mesmo tempo, realizamos um diagnóstico sobre como a comunidade via a escola. Após essa fase inicial, iniciamos a pesquisa do calendário cultural pesquisando os indicadores astronômicos, de clima, vegetais, animais, problemas sociais e de saúde e as atividades dos membros da comunidade e das crianças.

A equipe que organizou todo o roteiro de pesquisa na escola foi composta pelos bolsistas PIBID e o bolsista supervisor. Alguns professores que não eram bolsistas também se dedicaram às atividades. Cada bolsista realizou o diagnóstico dentro de sua área de habilitação. Reali-

²³ Trabalho de Conclusão de Curso orientado pela professora Fabíola Carvalho

²⁴ Bolsista PIBID-Licenciatura Intercultural, graduada na Área de Habilitação de Comunicação e Artes.

zamos oficinas, trabalhos de campo e visitas às residências para conversar, entrevistar os moradores. Em seguida, passamos para a fase de sistematização dos trabalhos e de produção de materiais didáticos com os alunos. Como aluna da área de habilitação “Comunicação e Artes”, decidi trabalhar a atividade “Dançar Parixara” como forma de valorização cultural dessa atividade na escola e comunidade, pois o parixara nos últimos tempos tem sido esquecido pelos jovens.

A partir daí, passei a observar as atividades relacionadas com a dança do parixara. Constatei que as bebidas, comidas e os artesanatos são indissociáveis dessa atividade. Aspectos ligados à astronomia, como o tempo de colher as sementes para a produção de indumentárias, ou seja, os indicadores vegetais têm relação com essa dança. Muitas partes de animais, como as penas das aves, são usadas nas indumentárias. Discutir isso com os jovens é importante porque muitas vezes não atentamos para coisas que estão presentes em nosso cotidiano e existem na comunidade. Para embasar nossos trabalhos com os alunos, na escola realizamos diversas leituras de bibliografias sobre o tema (BARBOSA & MELO, 2010; BARBOSA, XAUD & SOUZA, 2005; BENSUNSAN, 2008; CABALZAR, 2010; CUNHA, 2002).

É importante usarmos essa discussão como elementos pedagógicos sempre como forma de fortalecer a cultura. Precisamos deixar de discutir a cultura de forma muito superficial. Por isso, este trabalho foi fundamental como prática pedagógica de valorização cultural.

“KANAWA”U BANNAU: PARIXARA E VALORIZAÇÃO CULTURAL COMO FERRAMENTA PEDAGÓGICA

O Artesanato Usado no Parixara

Os materiais mais utilizados para a fabricação do artesanato wapixana são as sementes, a palha de buriti, madeiras, penas e ossos de animais. Nós escolhemos os materiais para a fabricação do artesanato no meio ambiente que nos cerca. Cada povo tem sua forma própria de produzir artesanato, que vai se transformando em belas artes e esses conhecimentos são repassados dos mais velhos para os mais jovens, mantendo, dessa forma, as características únicas de cada povo.

O artesanato wapixana é muito conhecido e é uma das grandes riquezas de nossas comunidades. Existem muitos tipos de artesanato: colares, pulseiras, brincos, anéis, saias, cocar e, também, artesanato que além de serem utilizados como instrumentos de caça e pesca, são utilizados nas danças e rituais de algumas comunidades, como o arco e a flecha, a cabaça e a cuia. A cabaça é usada para colocar o caxiri e servir na cuia aos componentes do grupo de parixara quando solicitado na apresentação.

Os brincos são bijóias usadas durante a dança do parixara pelas mulheres e são produzidos pelos componentes do grupo com a finalidade de se enfeitar durante os eventos. Alguns são feitos de coquinhos de diversos formatos e com ótimo acabamento. E alguns usam as sementes e penas de aves.

Os cocás são produzidos com a finalidade de enfeitar a cabeça, alguns são feitos de taboquinha e de penas

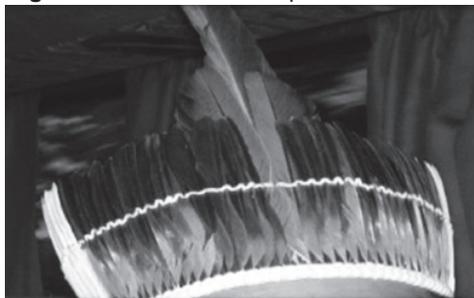
de papagaio. Os mais usados são os confeccionados com pena de arara, de mutum e tucano de acordo com a criatividade do artesão. Os cocás femininos são diferentes dos cocás masculinos, que são feitos de penas curtas. O cocar é usado apenas em ocasiões especiais, como é o caso do cocar masculino feito com as rapinas de arara-azul ou vermelha, que tem uma simbologia muito grande para o índio por representar o chefe da comunidade ou do grupo, como é identificado o representante do Grupo de Parixara. Apresenta a marca de respeito e de autoridade. As Figuras 12 e 13 mostram cocás feitos de taboquinha e penas de aves, respectivamente.

Figura12. Cocá feito de taboquinha.



Fonte: Leilândia Cadete, 2012.

Figura13. Cocá feito com penas de aves.



Fonte: Leilândia Cadete, 2012.

Os colares mais usados pelo Grupo do Parixara são confeccionados com caroço de tucumã e de jatobá. Usamos semente de capim como o olho de santa luzia, olho de boto, tucumã, caroço de jarina, buriti, patoá, semente de açaí, olho de mutum e outras sementes que não se decompõem com facilidade para fazer os colares. Os fios de curawá, de algodão fiado, e a fibra retirada do buritizeiro também são muito utilizados para fazer colares.

Os Instrumentos Usados no Parixara

Os instrumentos wapixana mais comuns são o tambor (feito de coro de veado) e o batedor (feito de cuité e com grafismos wapixana). Temos ainda a flauta de bambu, o chocalho feito de coquinho de tucumã, o apito feito de taboquinha e de barro, feito por outros povos. A Figura 14 mostra um tambor wapixana.

Figura 14. Tambor wapixana



Fonte: Leilândia Cadete, 2012.

Os Cantos do Parixara

Os cantos do parixara são todos cantados na língua wapixana. Uns são de autoria do próprio grupo e outros foram compostos por indígenas da região. Esses cantos têm um papel muito importante de agradecimento à natureza e servem para chamar a chuva para se ter um bom plantio e uma boa colheita dos produtos cultivados na roça. São usados também para chamar os animais para perto dos locais onde os caçadores vão caçar, para afastar os maus espíritos da comunidade e agradecer a presença do público. Os cantos ensinam que devemos viver sempre unidos e compartilhando o que temos, como viviam nossos antepassados, além de chamar todos para as comemorações. Os cantos procuram motivar o público a viver em união e transmitem a mensagem de união.

Kasara'a kariwei-nhau [2x]

yryy idiu wabaian kutyyz,bakyry,naapain kupay[2x]
waynau wapichan nau,waynau zyn-nhau kasaraa
kariwei nhau [2x]

yryy idiu watuman wabadin,wauin napain wariwyn [2x]
waynau wapichan nau waynau duinaiura kasara-
kariwei nhau yryy idiu watyzytan.wadupau,wanizun
,napain waawarib [2x]

waynau wapichan nau waynau zun-nhau kasara-
kariwei-nhau [2x]

yryy idiu watybybun,watuman,waximeka patu.
midudmizu.[2x]

kawizii nhau kawizii nhau waynau wyryy man-
awayn kawiziinhau [2x]

waynau wyryy manawyn kawizii-nhau wapichan
naik makuch nhau wai-wai-nhau naik

Yekuwau nhau ingariko nau naik taurepang kayzyb
sannau wapichan nau karuwan sannau makuch nhau
yamomami naik yekuwau nau inhau wyryy kanuk sannau

[4]mari mari

Wakunaypan nii ,mari mari diaanan [3x]

Waki-waki -wen nii,waribenau diit [3x]

Wadu-di dudianan,waribenau diit [3x]

Wakunaykian nii aizii.waribenau tym [3x]

Wakuptinhanan nii waribenau tym [3x]

[5]

Paricharanau

Waynau paricharanau

Kanauwau sannau[2x]

Waparicharapan nii wadukuznau kawan [2x]

Waynau paricharanau

Watyzayzu nii parakari [2x]

Sawaru

Wa nikeyzu nii damuryd

Wa dukuznau kawan[2x]

Waynau paricharananau

Watum nii wazakapyn[2x]

Wapawaayzu nii pauribei

Wa dukuznau kawan[2x]

[6]

Waynau wapichan nau
Wamakuz-nii wazakapyn it
Kainhaa wadupau naa pain
Kainhaa wasuparan.
Wakawan dun,wazakapyn it
Wasuutan wakaniz ydaynaan
Wakiwen wabazianan wakaniz
La-la-la-la-la-la
Wabazian daynaan
Wachichikpan naa waipiein
Daynaan waniztan naa
Wakaniz bii wanizutpan
Daynaan wamanaryan
Wachizuda naa wabadi
La-la-la-la-la-la
Wabazipen,wabazipen kaipan wakadyz
Wachichikpan, wachichikpan
Kaipan wakadyz.
Wanizutpan,wanizutpan kaipan wakady

As Vestimentas e as Pinturas do Parixara

As vestimentas femininas também são diferentes das masculinas. Os cocás são feitos com penas de aves de papagaio, arara, tucano e galinhas e a pintura é feita de urucum para afastar o mal olhado. O jenipapo bravo dá o tom da tintura corporal e dos utensílios. As blusas são confeccionadas de sementes coletadas na floresta. E a darruana, uma bolsa indígena, é feita da palha de buriti e serve para carregar objetos. Os colares são feitos de sementes do ca-

roço de buriti, jatobá, coquinho, açaí e olho de santa luzia como mostram as Figuras 15, 16 e 17.

Figura 17, 18,19. Vestimenta da mulher, homem e criança



Fonte: Leilândia Cadete, 2012.

As vestimentas das crianças podem ser simplesmente uma saia de palha ou podem ser feitas completamente com algodão fiado e tecido e com sementinhas, porque assim as crianças ficam mais tempo com o traje sem se preocupar em tirá-los.

As cores mais usadas pelo grupo para pintar o corpo é o vermelho, muito vivo do urucum e o negro esverdeado da tintura do suco do jenipapo. A escolha dessas cores é importante porque o gosto pela pintura corporal está associado ao esforço de transmitir ao corpo a alegria contida nas cores vivas e intensas.

Os Passos

Os passos realizados durante a dança do parixara são variados: para frente e para trás, levantando os pés

(tanto para frente quanto para trás), todos juntos em roda uns ao lado dos outros e, às vezes, uns atrás dos outros em pares. Durante o parixara, todos se dão o braço e andam juntos para a frente e para trás, devidamente enfeitados com muitos artefatos.

Durante as entrevistas, quando perguntamos como surgiu o parixara do povo wapixana, não obtivemos muitas informações. Segundo a senhora Tarcila Pereira, uma das componentes do Grupo do Parixara do Canauanim, há muitos anos seus pais contavam que praticavam a dança como uma forma de oração e que o pajé era o chefe dos cantos e que era uma reza muito forte e muito séria. Segundo ela, todos mantinham o respeito e seus pedidos eram atendidos. Quando cantavam chamando a chuva, ela vinha.

Nessa época, a dança era como qualquer religião existente hoje e não havia a influência de nenhuma religião. Essa era a forma de agradecer tudo o que faziam. Pedindo ajuda para a produção de alimentos, diversões e outros afazeres. Após as orações, todos se reuniam para comer a damorida e tomar o caxiri juntos.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O projeto PIBID foi de fundamental importância para o trabalho porque muitos aspectos da cultura wapixana estão deixando de ser praticados no Canauanim. Hoje, a cultura de outros povos vem ganhando espaço dentro da comunidade e se a escola não trabalhar com mais seriedade o fortalecimento desses aspectos culturais, muitos de-

les poderão desaparecer completamente. Nesse sentido, o Programa PIBID foi essencial por promover discussões em oficinas, orientar o planejamento de atividades, ajudar na aquisição de material de consumo e alimentação, além de fornecer transporte para a execução de atividades.

O objetivo do trabalho foi expandir o conhecimento sobre a dança do parixara e promover pesquisas sobre as atividades relacionadas com essa dança. A formação do grupo permitiu que fossem trabalhadas e valorizadas na comunidade e na escola várias atividades tradicionais wapixana.

Durante a execução dos trabalhos, pudemos observar muitos aspectos positivos e negativos dentro da comunidade. Positivos no sentido de o trabalho ter gerado um diálogo com as pessoas da comunidade que possuem talento, conhecimentos culturais e a facilidade de criar cantos na língua wapixana. Descobrimos os artesãos que existem lá e construímos lindos artesanatos. Outro aspecto positivo foi que o grupo reuniu várias pessoas que ainda vivenciam a tradição dos antepassados. Muitos deles afirmam que é por necessidade e outros dizem que praticam essas atividades para que elas não fiquem no esquecimento, como é o caso de atividades como ralar mandioca, fiar algodão, fazer artesanato e outras artes indígenas.

Muitas pessoas do Canauanim ainda mantém a culinária indígena viva em suas refeições do dia a dia, se alimentam com a damorida, tomam o caxiri, como alimento, e desenvolverem várias atividades tradicionais.

O aspecto negativo que o trabalho nos mostrou foi que muitos moradores negam sua própria identidade

como povo wapixana. Observamos que para a escola promover uma motivação nos alunos, ou na própria comunidade, deve haver um trabalho sério, que envolva todos e que seja realizado com muita cautela para que os alunos tenham ânimo e participem do processo. É um trabalho que deve ser realizado aos poucos, que motive pela própria ação, mas que respeite a decisão individual dos alunos e pessoas da comunidade.

Nesse sentido, concluímos que não é fácil realizar um trabalho de valorização cultural na escola e na comunidade, mas não é impossível promover ações de revitalização de diversas atividades culturais visando mostrar para os alunos, e para a própria comunidade, o papel e a importância da cultura como nossa maior riqueza: a dança do parixara, as orações e o respeito com os espíritos da natureza, as atividades de produção de alimentos, de caça, de pesca, de cuidados com a natureza, com a saúde etc.

Infelizmente, embora quiséssemos envolver toda a comunidade nas atividades do grupo, não obtivemos esse êxito. Por isso, devemos trabalhar para manter viva a cultura wapixana e repassar os conhecimentos aos jovens, às crianças, praticando a cultura, ressaltando sua importância e fazendo valer a concepção de muitos idosos que durante as entrevistas nos disseram acreditar que existe uma relação muito forte entre a dança do parixara e a natureza.

Para muitos componentes do grupo, principalmente aqueles que têm mais conhecimento, a dança do parixara é uma forma de retribuir à natureza tudo o que ela nos oferece como alimento, alegria de viver em união com os demais parentes, além de atrair bons fluidos e fartura.

A partir deste trabalho, pretendemos motivar as demais comunidades indígenas de Roraima, e principalmente os alunos das escolas indígenas, a valorizar sua própria cultura. Diante do que conseguimos produzir, fica claro que propostas pedagógicas como essa podem ser trabalhadas nas escolas indígenas de Roraima e gerar processos importantes de discussão sobre o papel das nossas culturas. No Canaunim o Grupo do Parixara foi criado, fortalecido e consolidado.

REFERÊNCIAS

BARBOSA, R. I.; MELO, V. F. (Orgs.). **Homem, ambiente e ecologia**. Boa Vista: FEMACT, 2010, 644p.

BARBOSA, Reinaldo Imbrozio; XAUD, Haron Abraham Magalhães; SOUZA, Jorge Manoel Costa e. **Savanas de Roraima: etnoecologia biodiversidade e potencialidades grossilvipastoris**. FEMACT, Boa Vista, 2005, 202 p.

BENSUSAN, Nurit. **Seria melhor mandar ladrilhar?** Biodiversidade como, para que, por quê. Brasília: Universidade de Brasília, 2008, 252 p.

CABALZAR, A. (Org.). **Manejo do mundo: conhecimentos e práticas dos povos indígenas do Rio Negro, Noroeste amazônico**. São Paulo: ISA, 2010.

CARVALHO, Fabíola (Org.). **História, Cultura e Meio Ambiente em Roraima: Perspectivas Interculturais**. Boa Vista-RR: Universidade Federal de Roraima- UFRR, 2008.

CUNHA, M. C. da; ALMEIDA, M. B. de (Orgs.). **Enciclopédia da floresta**. São Paulo: Companhia das Letras, 2002.



AS HISTÓRIAS DOS ANTIGOS - KUTYAINHAU - E A ESCOLA²⁵

Lenir da Silva Garcia²⁶

APRESENTAÇÃO

As histórias dos antigos, como são contadas de geração a geração, têm como objetivo principal manter a cultura, hábitos e costumes do povo indígena. Portanto, o objetivo do presente trabalho aqui apresentado, de forma bem resumida, foi recuperar algumas histórias existentes ainda na comunidade Indígena Canauanim, envolvendo os conhecedores dessas histórias. Ou seja, o nosso principal objetivo, foi valorizar os contadores de histórias da comunidade, assim como, as memórias diversas do nosso cotidiano, para assim, favorecer ao leitor e ouvinte o conhecimento dessas histórias da cultura indígena. Valorizar o ato de narrar e estas narrativas, consiste em preservar um conjunto de ideias e reflexões sobre a origem do homem e do mundo wapichana, para que a riqueza de conhecimentos, de experiências e de valores morais passados de geração para geração sejam fortalecidos e, por fim, para que a escola possa trabalhar com essa fortuna que faz parte de nossas vidas.

²⁵ Trabalho de Conclusão de Curso orientado pela professora Isabel Maria Fonseca.

²⁶ Bolsista PIBID-Licenciatura Intercultural, graduada na Área de Habilitação de Comunicação e Artes.

NARRAR: UMA ATIVIDADE EMINENTEMENTE SOCIAL

O presente texto aqui apresentado é um breve resumo de meu Trabalho de Conclusão de Curso obtido por meio de atividades de pesquisa e pedagógicas desenvolvidas na escola Estadual Indígena Tuxaua Luiz Cadete. A escola Luiz Cadete fica localizada na comunidade Canauanim, na Terra Indígena Serra da Lua.

As atividades aqui apresentadas foram desenvolvidas durante o meu Estágio Curricular Supervisionado do curso de Licenciatura Intercultural, da Universidade Federal de Roraima, acrescidas de minhas atividades didático-pedagógicas e metas traçadas, conforme o plano de trabalho do Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência- PIBID.

A nossa pesquisa foi realizada com os moradores da comunidade indígena Canauanim e com alunos da escola. A pesquisa visa o fortalecimento de narrativas contadas pelos antigos moradores, com a intenção, principal, de valorizar o ato de narrar histórias e os conhecimentos ancestrais onde se ensina a preservar a natureza.

O objetivo do trabalho foi recuperar as histórias dos antigos existentes na comunidade, envolvendo os conhecedores dessas histórias e, sobretudo, valorizar os contadores de histórias antigas, assim como as memórias diversas do nosso cotidiano para favorecer, desse modo, ao leitor e ao ouvinte o conhecimento da cultura indígena.

A importância de fortalecer as histórias dos antigos na Comunidade Canauanim, se dá pela garantia da per-

manência dos nossos valores culturais e de trabalhar na escola da comunidade os nossos conhecimentos para a construção da nossa educação escolar indígena.

Para tanto, o nosso trabalho aqui apresentado está dividido da seguinte maneira: primeiro expomos nossa proposta pedagógica, cunhada e aplicada na escola juntos aos alunos. Em seguida, apresentamos uma discussão breve do que debatemos sobre o conceito de mito, qual a sua função e sobre o que os contadores de histórias envolvidos pensam sobre o valor dessas histórias para a vida da comunidade, e por fim, oferecemos algumas dessas histórias antigas colhidas junto à Comunidade Canauanim.

O Ensino na Escola das Histórias dos Antigos - Kutyainhau: Uma Proposta Pedagógica

A nossa proposta pedagógica de trabalhar com as histórias dos antigos da comunidade Canauanim decorreu após um Diagnóstico realizado na Comunidade e na Escola Estadual Indígena Tuxaua Luiz Cadete, em 2012. Desse modo, para a elaboração dessa proposta de trabalho na escola foi necessário, na primeira fase de Estágio Curricular Supervisionado, a realização do diagnóstico envolvendo, em especial, os alunos do 6º ao 9º ano do ensino fundamental, mas também, os idosos, os jovens, as lideranças, enfim, a comunidade em geral. O levantamento dos dados para o diagnóstico foi feito através da escrita e da oralidade por meio de questionários e entrevistas aplicados tanto na escola, quanto nas casas dos pais dos alunos e dos idosos que vivem na comunidade do Canauanim.

Obtendo o resultado do levantamento de dados e de informações e conhecendo melhor a situação e analisando as dificuldades encontradas, foram então, apresentados e articulados, em reuniões, alguns pontos negativos, referentes a algumas colocações: por exemplo, alunos que estudam a língua indígena e não a valorizam, porque alguns pais que são falantes da língua indígena não repassam para os filhos; falta de interesse do próprio aluno no ensino da língua wapichana; famílias que não estimulam seus filhos a estudar em casa; alunos com dificuldades na leitura e escrita; falta de apoio dos pais na escola e, por fim, a ausência participativa dos contadores de histórias na escola.

De todos os pontos colocados e debatidos em reuniões, este último chamou muito à atenção e decidimos, então, buscar meios para valorizar estes contadores de histórias antigas e melhorar a motivação dos alunos em escutar, ler e escrever. Com a proposta aceita por todos, procuramos, enfim, desenvolver nossas atividades na escola e na comunidade.

Baseado nesse diagnóstico, e em nossas reflexões, procuramos elaborar uma proposta valorizando os conhecimentos e as histórias dos antigos com a perspectiva de mudanças na aprendizagem dos alunos tanto na língua portuguesa quanto na língua wapichana, buscando novas metodologias, tecnologias e práticas docentes, envolvendo, de tal modo, a participação da comunidade e, em especial, dos contadores de histórias da comunidade.

Em nossa prática pedagógica, foram desenvolvidas muitas atividades: seminários; pesquisas de campo; en-

trevistas orais; questionários; fotografias; filmagem; construção de textos com gravuras em cartolinas; produção de livros artesanais; narração oral e escrita e, além disto contamos com a participação de anciões narrando histórias na escola e em suas casas.

Na atividade extraclasse, tivemos a oportunidade de irmos à casa de alguns contadores como o professor Casimiro Manoel Cadete que ao participar dessas atividades sentia-se muito orgulhoso de poder repassar esses conhecimentos aos alunos. Outras vezes, como já foi dito, os contadores de histórias foram narrar as histórias na sala de aula, orientando, ensinando o respeito à mãe natureza.

Vale ressaltar que o apoio do PIBID foi de suma importância para o desenvolvimento da pesquisa e da aquisição de materiais usados para os trabalhos que foram desenvolvidos em sala de aula, sem este apoio seria quase inviável realizar nossas atividades.

Buscamos algumas estratégias para produção de materiais pedagógicos a serem desempenhados de maneira contextualizada respeitando a diversidade de ensinamentos próprios e ancestrais, as quais devem, ao nosso ver, ser mais explorados, discutidos e vivenciados no meio escolar e comunitário. Procuramos, assim, dar ao leitor e ao ouvinte uma compreensão de que as narrativas trabalhadas repassam vários ensinamentos: espirituais, morais, psicológicos e físicos. Visando, desse modo, o amor e respeito a cada ancião da Comunidade.

Trabalhamos também com a produção textual por meio de cartazes, onde os alunos com os textos coletados

na comunidade, apresentaram em cartolinas as histórias para a turma e para os convidados que conosco compartilharam o nosso trabalho.

Com a ideia de destacar a importância das nossas próprias histórias e de nossos mitos para a educação e dos valores morais destes conhecimentos fez-se necessário a produção de materiais didáticos específicos para futuros trabalhos em relação à temática. Além do conjunto coletado junto aos moradores da comunidade, foi feito um vídeo onde as histórias são narradas pelas crianças, pelos jovens e pelos idosos, no caso, o seu Casimiro Manoel Cadete e a senhora Joyce Edoino Xavier, e com a participação de outros professores e alunos. Sendo financiado, também, pelo PIBID.

Buscamos, desse modo, incentivar os alunos e professores a preservar e valorizar as narrativas contadas pelos nossos moradores, valorizando os idosos, os historiadores vivos de nossas histórias antigas, com seus conhecimentos sábios e não deixando, deste modo, as nossas tradições serem negadas, ou mesmo, esquecidas.

O que vimos e sentimos com as nossas atividades pedagógicas nesse processo foi a criação de um laço afetivo maior entre escola e comunidade. Todos nós ganhamos e, sobretudo nós professores, saímos mais alegres e motivados em busca de inovação e qualidade pedagógica na escola. Afinal, assistir ao vídeo das histórias narradas pelas crianças, jovens e nossos historiadores indígenas, em conjunto com a comunidade no primeiro momento foi uma diversão, um enorme prazer e alegria a todos.

BREVES COMENTÁRIOS SOBRE O CONCEITO DE MITO E SUA FUNÇÃO SOCIAL

O mito, como aprendemos, tem uma importância cultural em se tratando da função social e cosmológica que se manifesta na diversidade dos povos. Segundo Sérgio Medeiros (2002, pág.22), referindo-se às narrativas orais, relata “as narrativas mitológicas são potencialmente manifestadas de diversas formas: ora conto, depois mito, finalmente símbolo ou fragmento e depois novamente conto”.

Sérgio Medeiros (2002, p. 22) destaca ainda que autores estruturalistas como, por exemplo, Koch Grünberg, que coletou muitas narrativas indígenas em Roraima, estabeleceram uma técnica eficaz para verificar as narrativas orais publicadas em suas antologias e apresentaram que aquilo que eles denominavam mito - era um objeto intertextual - porque a sua organização e seus personagens dialogavam com vários outros mitos próximos ou distantes quer no espaço quer no tempo.

Everardo Rocha (1985, p. 7) acresce, portanto, que “o mito é uma narrativa. É um discurso, uma fala. É uma forma de as sociedades espalharem suas contradições, exprimem seus paradoxos, dúvidas e inquietações”. Pode ser visto, então, como uma possibilidade de se refletir sobre a existência, o cosmos, as situações de “estar no mundo e, ainda, sobre as relações sociais”.

Conforme, ainda, Everaldo Rocha (1987, p. 9) no dicionário Aurélio, o mito pode ser: “um fato, uma passagem dos tempos fabulosos; uma tradição que, sob a forma de alegoria,

deixa entrever um fato natural, histórico ou filosófico; e no sentido figurado, coisa inacreditável, sem realidade”.

A partir destas ideias, sentidos, depreendemos que o mito carrega consigo uma mensagem. Uma mensagem que não está dita diretamente, ou seja, uma mensagem cifrada. O mito esconde, desse modo, alguma coisa. O que ele procura dizer não é explicado literalmente. Não “está na cara”. O mito não é, portanto, “objetivo”. O que ele afirma ou faz, de toda evidência, é com muita sutileza. Ou seja, o mito “fala enviesado, fala bonito, fala poético, fala sério sem ser direto e nem óbvio” (ROCHA, p. 9).

Os sábios da Comunidade Canauanim contam essas histórias com o objetivo de repassarem os ensinamentos antigos, educando, prevenindo e orientando a quem se interessa. O certo é que durante nossa vida devemos seguir esses conselhos repassados através das narrativas mitológicas, valorizando de fato esse conhecimento indígena, que é tão rico.

Conforme o senhor Casimiro Manoel Cadete, o morador e professor mais velho da comunidade Canauanim, comenta (em entrevista que colhi em 2013 e 2014) sobre as narrativas mitológicas, que:

“O mito é um costume antigo do povo indígena e muitos deles não existem mais. Para muitos os mitos indígenas tem valor, e a nova geração, eles não dão mais valor e aprendem outras coisas e quando vem procurar comigo, esses jovens não sabem o valor que eles têm. Para mim, ensinam boas coisas que hoje quase não existe no nosso meio, naquela época existia e hoje só me procuram para saber como viviam

antigamente. Por isso essas histórias têm valor, o valor do passado. Hoje nem todos os avós tentam repassar as coisas boas para seus netos. Antigamente, quando anoitecia meus avós e meus pais contavam histórias ensinando também os bons costumes. Atualmente, alguns pais não ensinam até mesmo a falar a língua indígena, por isso as maiorias dos jovens não dão importância a própria língua”.

Com relação aos seres mitológicos, o senhor Casimiro Cadete, atrela o significado desses personagens a uma relação direta com a natureza “porque tem um significado em relação à natureza, existe a crença e o respeito às entidades encantadas”. E continua a sua reflexão “se o povo indígena não valorizar as histórias dos antigos, os mitos, vai ocorrer uma mudança desagradável, pois esses conhecimentos são tradicionais e ensinam o respeito a natureza e o homem”.

Em se tratando de como as histórias ajudam a fortalecer a cultura indígena, o historiador indígena argumenta “elas fazem parte do nosso cotidiano, ajudam ensinando através dessas histórias”. E para os jovens nos dias atuais, as histórias dos antigos tem uma importância essencial “porque é nossa cultura, serve para ensinar muita coisa, nem todos sabem das entidades, das histórias e o ensinamento que ela repassa”.

Continuando a sua reflexão, enfatiza que é necessário a comunidade valorizar essas histórias, esses conhecimentos que lhe é próprio “as famílias têm que valorizar essas histórias. Por intermédio delas garantimos a educa-

ção indígena envolvendo: a medicina tradicional, a crença, (como ser um bom caçador, pescador, tirar palha e madeira não pode ser qualquer dia e cada lugar tem um dono e respeito aos mais velhos". E, na sua sabedoria, lança o desafio como proposta para a comunidade Canaunim.

E, por fim, que os pais são os principais responsáveis e que precisam repassar essas histórias para as crianças por meio do ato de narrar e ajudar a escola "através dos contos das histórias, explicando" porque "algumas estão sendo esquecidas, porque muitas pessoas não dão valor e tem valor sim e segurança. Principalmente a história do seu lugar".

Dessa forma, acreditamos que os mitos são histórias, ora conto, ora fragmentos que são repassadas de geração em geração, onde se esclarece os fenômenos da natureza e da vida do homem e de seu lugar com suas contradições, paradoxos, dúvidas e inquietações. E por fim, podemos dizer que o mito é uma forma de educar e de respeitar a natureza da qual fazemos parte e de as sociedades espalharem possibilidades distintas e parecidas de "estar no mundo".

ALGUMAS HISTÓRIAS ANTIGAS - KUTYAINHAU

Apresentamos aqui as histórias mitológicas que colhemos na comunidade Canaunim durante a nossa pesquisa.

A Mulher Porca

Narradora indígena: Irene da Silva

Na comunidade da Serra da Lua, havia uma mulher que praticava magia negra. Ela tinha uma caixa de madei-

ra que ninguém da casa deveria pegar, era um mistério e todos tinham medo do objeto! Porém, todos os filhos eram grandes e nenhum pequeno. Um desses filhos era curioso em saber o que tinha nessa caixa que todos tinham medo de mexer.

Certa manhã, sua mãe preparava uma damurida com carne de guariba bem ardosa e gostosa que seria o segura-peito. Enquanto todos estavam sentados no chão comendo ao redor da panela de damurida, contentes e malinando um do outro.

A mãe feliz disse:

-Hoje todos vamos à roça capinar, o mato está crescendo rápido! E como de costume, todos se arrumaram pegando seu terçado, enxada, cabaça cheia de água, farinha, pedaços, beijus, pimenta canaimé e um pedaço de carne de tamanduá moqueado. Pois iriam voltar da roça somente às 17h. Depois que todos estavam preparados foram andando rumo à roça. Quando lá pelo meio da caminhada o curioso falou:

-Arê! Agora que lembrei da flecha e do arco, pois tenho que pescar para o almoço e amanhã. Então ele retornou, chegando sozinho em casa. Foi em busca da caixa misteriosa, procurou, procurou até que encontrou. Mesmo com medo, começou a abrir, quando conseguiu tomou um susto bem grande que quase mija nas calças, ele viu vários pedaços de couros de animais: porco, onça, cavalo e outros.

Com a voz trêmula disse:

-Será que é minha mãe que à noite transforma-se em porca e corre atrás das pessoas aqui na Comunidade?

Depois da surpresa, ele foi entender o porquê que sua mãe não queria que ninguém mexesse sua caixa de segredos malignos.

Foi através da ousadia que pôde proteger a si mesmo e aos seus irmãos. Pois percebeu que sua querida mãezinha era a “Porca que corria atrás das pessoas na comunidade”.

Maiku

Narradora indígena: Joyce Xaxier

Maiku é um homem baixinho, braços e pernas grossas um pouco cabeludo. Ele mora na mata, na serra onde há laje ocada é dono das queixadas e dos caititus. Quando meu bisavô era vivo, sempre falava para seus filhos tomarem cuidado quando fossem caçar, pois ele era pajé Maratá.

Ele dizia:

-Tomem cuidado com o Maiku, vocês não vão dormir muito na mata, tem que fazer fogo para espantar o bicho.

Certo dia, quando o filho dele foi caçar na mata. Lá pelas tantas da noite, ouviu um barulho de pisadas de animais, ficou atento para saber o que era, minutos após apareceu duas queixadas. Então ele pegou a espingarda, mirou e atirou nelas, após isso foi procurá-las. Encontrou apenas uma delas, a outra que estava baleada, escondeu-se entre os matos dificultando cada vez mais e nessa procura deparou-se com um homem baixinho e forte, nisso tomou um susto que quase caiu, porque na mata não morava ninguém só os animais selvagens. Com o ocorrido pegou somente a que tinha encontrado e voltou para casa, chegando foi entregando o animal para a minha bisavó. Entretanto, ele já estava doente com febre.

Ele falou:

-Papai meu corpo está todo dolorido e ardendo.

Meu bisavô respondeu:

-Deixa tá. Foi preparar uma defumação e defumou o doente, deu banho nele com ervas do mato. Só assim ele sobreviveu. Por isso meus avós sempre disseram:

- Cuidado! Não podem balear caças, porque eles têm dono; o nome dele é Maiku.

Mapinguari

Narradora indígena: Joyce Xaxier

Ele é da mata virgem, protetor dos animais e também come gente.

Minha mãe disse:

-Ninguém pode gritar na mata, pois se o Mapinguari ouvir ele vai responder vindo de onde estiver, chegando cada vez mais perto, vai fazendo temporal para pegar a gente e levar nas costas para casa dele, depois comer.

Caipora

Narrador Indígena: Raul José da Costa Castro

Muitas pessoas não dão importância, principalmente à nova geração a essas histórias indígenas.

Caipora é bicho da serra, ele é dono do peixe e da caça.

Meu primo e eu fomos caçar cedo aproximadamente 5h da tarde na mata e estando na espera, lá pelas tantas da noite ouvimos um grito:

-Hei! Hei! Depois ouvimos um barulho de xicaca batendo e de repente aparece o caipora montado no ve-

ado com sua xicaca e outros veados também vinham juntos correndo na mata. Ele era todo cabeludo, estava com cachimbo grande que fumaçava, isso porque ele gosta de fumar tabaco.

Quando for caçar, ao ver rastos de caças é só colocar tabaco nesse lugar depois o caçador vai ter uma boa caçada.

O Canaimé

Narrador Indígena: Casimiro Cadete

Meu pai Luiz Cadete foi pescar a cavalo no lago Maiua, chegando lá flechou alguns peixes. Na volta, passando por uma gruta funda de repente apareceu um homem que segurou as rédeas do cavalo, meu pai gritou:

-Solta!

Porém o homem não soltou. Então ele disse:

-Se você não soltar, eu te flecho!

Por não soltar, meu pai flechou na mão do homem e nisso soltou a rédea. Quando ia seguindo saiu da gruta outro homem segurou na rédea, daí papai fez o mesmo com ele, avisou e depois flechou, outro homem saiu da gruta e ele cometeu a mesma ação dos anteriores, então meu pai avisou e depois flechou, sendo atingido largou, vendo a situação de perigo em que se encontrava, pois tinha apenas três flechas. Ele correu, correu em direção a sua casa e antes de chegar em casa tinha de passar por uma ilha, e ao passar por ela encontrou no meio do caminho as três flechas enfiadas no chão; parou e recolheu suas flechas e continuou seu trajeto de volta a sua casa e não contou o ocorrido. Passou três dias com febre sem que ninguém lhe desse remédio,

passado os três dias ele ficou bom e foi contar o acontecimento a sua família sobre os canaimés.

A Moça que teve o Filho Cobra **Narrador Indígena: Irene da Silva**

Em uma maloca distante, havia uma família que tinha uma linda moça. E como de costume todas as manhãs sua mãe preparava o segura-peito e quando todos estavam sentados no chão com seus pratos comendo, sua mãe dava conselhos dizendo:

-Filha, quando estiver no teu tempo (menstruada), não vá tomar banho no igarapé e nem vá à roça. Pois o cheiro de seu sangue atrairá os bichos.

Como a moça era teimosa, certo dia, estando menstruada, foi tomar banho no igarapé que ficava próximo a sua casa e quando retornava encontrou no meio do caminho um lindo rapaz, que perguntou:

-Posso visitar sua casa?

A moça desconfiada, porque nunca tinha visto esse rapaz na maloca, respondeu:

-Não! Nem te conheço, como posso leva-lo para minha casa?

Durante três dias, quando a mãe ia para a roça o rapaz misterioso aparecia e ficava com a moça.

Passados alguns dias, a mãe começou a desconfiar das atitudes da filha que andava meio estranha! Então ficou prestando atenção nas atitudes, certa que descobriria algo. Dito e feito com alguns dias de expectativa percebeu o crescimento da barriga da filha, e perguntou:

-Você está grávida? Quem é o pai da criança?

A filha nada respondeu. A mãe estava muito triste porque sua filha estava naquela situação e não tinha marido.

Quando a barriga da moça estava bem grande, começou a dores e quando foi dá à luz, não era uma criança e sim uma cobra. Quando a mãe viu ficou com muito medo, pois nunca na sua vida tinha visto uma coisa tão horrível e pediu que a filha matasse aquele filho. Porém a filha já tinha se apegado a seu filho cobra e não aceitou matar. Ela apenas lembrou dos conselhos da mãe e que quando estava menstruada tinha ido ao igarapé e conhecido um lindo rapaz que seria a cobra transformada em homem para poder engravidá-la.

Certo dia, a mãe da jovem que não queria de jeito nenhum o neto cobra mentiu dizendo à filha que queria levar a criança a roça, pois não queria ir sozinha. E a filha inocentemente deixou. Então a avó embrulhou bem o neto, colocou no jamaxim e lá se foi rumo à roça e no meio do caminho desviou indo em direção ao rio que ficava longe de sua casa e chegando lá pegou o menino e jogou no rio sem dó.

Ao retornar a sua casa disse à filha que o menino tinha fugido, que procurou e não encontrou. Sua filha ficou muito triste, chorou muitos dias atrás do seu filho que apesar de ser uma cobra mesmo assim o amava.

O Menino que Virou Tatu **Narrador Indígena: Ivonia Solon**

Havia uma família de índios que morava no meio da mata geral, um homem, uma mulher e duas crianças,

uma de sete anos e outra de três anos de idade. A família sobrevivia da caça e pesca e de frutas silvestres coletadas nas matas.

Um certo dia, o homem saiu para pescar, ele e seu filho mais velho de sete anos. Pegou sua darruana, seu arco, flecha e saiu para pescar no rio que ficava a uns dez quilômetros de sua casa, a mulher ficou em casa com seu filho caçula, ela resolveu então ir até um pé de cajuí juntar alguns frutos que caíam e levou consigo o filho, ela resolveu então subir lá no alto para balançar o pé. O filho ficou embaixo esperando por sua mãe, a mulher ficou lá em cima e por alguns instantes distraiu-se e quando desceu teve uma grande surpresa, não encontrou mais o filho, procurou, chamou, gritou, mas não conseguiu achar nada. Ela começou a chorar e se desesperou, saiu ao encontro do marido e narrou o que tinha acontecido.

O marido também ficou desesperado e saiu em busca do menino, procurou e varou a noite, mas não conseguiu achar nada. Todos os dias ele procurou por seu filho, os meses se passavam e nada de encontrar o menino perdido.

Um dia um caçador disse ao homem ter visto um grande tatu canastro carregando em cima de seu casco um menino, e mais uma vez o índio saiu à procura de seu filho, mas nunca viu o tal tatu. Outro caçador disse ter visto o mesmo tatu canastra com o mesmo menino em cima dele, disse que ele estava peludo no peito as orelhas estavam pontudas e suas unhas estavam grandes.

Já se passavam quase seis meses e o índio saiu para caçar, fez uma espera e saiu. Para sua surpresa, ele avistou

o tatu canastra com o menino, seu peito era peludo, orelhas pontudas, unhas e um pequeno casco nas costas, mas o rosto era de uma criança e provavelmente era seu filho, ele matou o tatu canastra e pegou o pequeno tatu e levou casa para mostrar a sua mulher, mas ele era apenas um filhote de tatu canastra normal, não tinha mais nenhuma semelhança humana e já estava morto e a mulher não acreditou que aquele era seu filho. O homem, então, deixou o pequeno tatu perto da mata e a tardezinha voltou no mesmo lugar para ver o que tinha acontecido com o tatu. Ele tinha desaparecido. Os antigos acreditam que não podia deixar crianças só em casa, principalmente, quando estavam na mata que o tatu canastra carregava as crianças e depois elas se transformavam em tatu.

A Jiboia

Narrador Indígena: Ana

A jiboia é danada para pegar almas de pessoas apaixonadas. Certo dia, um homem casou-se com uma mulher e tiveram dois filhos. Mas um dia houve a separação do casal. Então o marido pensava muito na ex-mulher, até que um dia ficou doente e toda as noites sonhava com uma mulher e no sonho morava com ela.

Um dia, no acampamento, o homem não conseguiu mais dormir e levantou. Os companheiros dele diziam que ele estava casado com a jiboia. Ela vinha na forma da mulher dele e já estava chegando perto dele e o mesmo não acreditava.

Certa noite, a jiboia chegou lá pelas três da madrugada. Ele ouviu o barulho que fazia. Os companheiros mataram a jiboia. Ele ficou mais doente.

Na época, tinha um pajé que disse que a jiboia estava levando ele porque queria fazer relação sexual com ele. Então o pajé deu banho nele de água fria com pimenta que nem sentiu, porque quem está tomado por bicho não sente. Queimou os olhos dele com fumaça de pimenta. O pajé tratou dele, benzeu a comida e a água porque a jiboia já estava cuidando dele, dando água e comida. Após o tratamento começou a sentir um pouco a pimenta, riscaram o corpo dele inteiro com vidro, deram mais banho com pimenta. No terceiro banho sentiu dores quando estava passando pelo o processo de cura, porque o bicho largou dele, e ficou curado. Se não fosse isso ele tinha morrido.

É fácil para a jiboia pegar uma pessoa apaixonada, porque fica com o coração e o espírito fraco.

A Onça e o Macaco

Narrador indígena: Laison de Sousa Cadete

Era uma vez um macaco na floresta, só que nesse dia ele estava com preguiça, não queria andar para lugar nenhum. Foi quando viu uma onça passando e pensou: Vou fingir que estou doente, foi quando ele colocou vários pedaços de algodão grudados em seu corpo para parecer doente.

A onça soube da notícia que o macaco estava doente e foi visitar e quando o viu perguntou:

- O que aconteceu com você compadre macaco?

O macaco respondeu:

- Tô doente!

A onça pergunta você não quer ir pra festa compadre macaco?

Então o compadre macaco disse:

-Mas como se estou doente!?

Comadre onça falou:

- Vou te carregar nas costas.

Nisso, o macaco foi e subiu nas costas da onça e foram embora caminhando rumo à festa, e o macaco falou:

- Vou pegar um esporão com o compadre Urubu para espantar os mosquitos da sua bunda. Ele foi e pegou o esporão e continuaram seguindo seu caminho, ao ver muitos mosquitos na bunda da onça, o macaco foi dar uma esporada nos mosquitos; porém acertou na bunda da onça que assustada gritou:

-Ai!! Compadre macaco você furou minha bunda!!

O macaco fala:

- Eu errei o mosquito e acertei em você! Então eles continuaram caminhando, quando chegaram à festa a onça perguntou:

- É aqui, compadre macaco, que o senhor irá ficar?

O macaco responde:

- Aqui não, comadre onça, é mais pra frente.

E seguiram, mais à frente a onça pergunta outra vez:

- É aqui compadre?

E novamente ele disse:

- Aqui nada!

Com raiva dá uma esporada na bunda da onça. A onça grita

-Ai compadre macaco você me enganou!

E o macaco pulou das costas da onça, correu e chegou na casa dele. A onça procurou e procurou, mas não encontrou e falou:

- Esse macaco se escondeu! Amanhã vou procurar ele de novo.

Então o macaco fez a armadilha pra onça e depois foi ao encontro dela quando ela diz:

-Você tá aqui, agora vou te pegar!

O macaco correu para a armadilha.

A onça correu atrás dele dizendo:

- Vou te pegar agora!

Quando a onça foi pegar o macaco ela caiu na armadilha. O macaco pegou o pau e bateu nela, matou, cortou- a toda, levou pra casa e comeu assada. Nem sempre o mais forte vence.

Como surgiu o Timbó

Narrador indígena: Fábio Williams Jhony

Certo homem tinha plantação de abacaxis na sua roça. Todas as vezes que ia para a roça via alguns abacaxis comidos. Decidiu ir mais cedo para saber quem comia os abacaxis. Foi quando viu uma anta e decidiu esperar outro dia para matá-la. No outro dia, estando à espera, não apareceu a anta e sim uma mulher, e como o homem ficou interessado na mulher, aconteceu o primeiro namoro e tiveram relação. Desse dia em diante, todos os dias que ia para a roça a mulher aparecia e mantinham relações sexuais, até que ela ficou grávida. E como o homem não conseguia matar a anta os familiares decidiram matá-la, porque estava acabando com os abacaxis.

O homem que estava triste propôs à família:

-Quando vocês a matarem, cortem a barriga e retirem a criança.

A família armou uma emboscada e mataram a anta, cortaram a barriga e tiraram a criança que ainda estava viva. Sua avó cortou o cordão umbilical e levou o menino para ser lavado no igarapé. Nisso ocorreu um mistério: durante o banho do menino, os peixes estavam morrendo e seus parentes perceberam.

Os familiares ficaram entusiasmados e todas as vezes que iam pescar nos lagos, levavam o menino. Pois assim pegavam muitos peixes para se alimentarem.

Certo dia, aconteceu uma tragédia. A família tomou uma decisão de levar o menino para uma lagoa grande, onde tinha uma pedra grande no meio do lago e embaixo dessa pedra morava o Pai dos peixes.

O menino que estava acostumado a nadar nos lagos, não estranhou nada e chegando lá, pulou na água e começou a nadar pra lá e pra cá. Nesse momento, pulou o Pai dos Peixes e flechou ele nas costas, e ele adoeceu gravemente chegando a morrer.

Nesse momento, ajuntou só alguns dos familiares como: Pato Mergulhão, os Biguais, as Ariranhas. Para ver o menino tão querido, que foi morto pela fera e disseram:

-Vamos matar o Pai dos Peixes, porque ele matou nosso menino!

Todos concordaram. E a ariranha mergulhou e viu a fera de longe, não tinha capacidade de mergulhar e chegar próximo dele, pois estava no fundo do lago e chamou o Mergulhão.

O Mergulhão, com raiva, mergulhou até chegar ao Pai dos Peixes e começaram a brigar e havia muito banzeiro

na água, até que apareceu o sobrevivente com a fera morta e amarrada com corda para ser puxado pra fora do lago e ficar em terra firme. Fora, a fera tinha chifres grandes.

Houve uma disputa para saber quem ficaria com o chifre. Só que nenhum conseguia arrastar o chifre pra si. Nesse instante, aparece o veado e conseguiu. Por isso o veado tem o chifre grande.

E novamente houve outra disputa, para saber quem iria ficar com o couro e naquele momento não tinha ninguém para arrastar. Veio o Urubu Rei, mas não conseguiu. Vieram outros urubus e outras aves, mas não conseguiram. Finalmente, apareceu um pássaro pequeno que vive no lavrado e conseguiu. Por isso quando no inverno ele canta e voa batendo suas asas, fazem barulhos como se fosse arrastando algo pesado pelo chão.

Com pena de enterrar o menino, seu pai colocou-o dentro do jamaxim, e carregou por muitos dias, até que começou a cair primeiramente os dedos dos pés, depois das mãos e quando cada membro do corpo caía no chão, surgia uma planta chamada Timbó. Os dedos, orelhas, nervos, fel, são espécies de outra variedade de timbó, que nascem em lugares diferentes como: roça, lavrados, matas etc.

A Pedra Encantada

Narrador indígena: Cleo Matos Colares

Num certo dia, ao meio dia, na área do Matamata, estando eu, meus companheiros e meu pai andando pelo lavrado, paramos num determinado lugar para descansar, deixei meus companheiros e segui sozinho um pouco mais adiante, para ver se via algum jabuti.

Nessa busca, encontrei uma pedra que media três metros de largura e ao seu redor vi pegadas de onças, grandes e pequenas, fiquei curioso e quando olhei para a pedra, lá estava o desenho de uma onça preta, com dentes grandes, olhando e quase sorrindo para mim, lá mesmo ela ficou. Observei, retornei aos meus companheiros, ao encontrá-los contei o que tinha visto e um deles disse:

-Onde você viu? Vamos lá !?

Respondi:

-Vamos. E fomos caminhando até o lugar onde vi a onça. Chegando lá, não encontramos nada. Só tinha o lugar limpo. Meu companheiro perguntou:

-Cadê! Onde é?

Eu disse:

-Era bem aqui, nesse lugar.

Porém, não existia nada ali, somente o lugar limpo. A pedra tinha desaparecido. Então voltamos e contei aos outros o que tinha acontecido.

Ao ouvir, meu pai comentou:

-Isso é encantada, aparece para quem ela quer. Se for mais de uma pessoa, não aparece.

Fiquei pensativo. Por que apareceu só para mim? E para meu companheiro não?

Se eu fosse mais perto, será que tinha me encantado e levado para morar com ela?

Depois desse acontecimento, seguimos nossa viagem para caçar e pescar.

ALGUMAS PALAVRAS FINAIS

No percurso desse trabalho, tive experiências e resultados positivos na aprendizagem dos alunos do sexto ao nono ano: meu público alvo; conhecendo lugares mitológicos e aprendendo a geografia, histórias de batalhas e conflitos sobre o limite da terra e a ciência da própria natureza. Conhecendo e analisando toda essa realidade rica que os idosos têm, e que a escola não dava oportunidade a eles para poderem repassar os seus saberes milenares.

Sabendo que a comunidade não tinha essa iniciativa e apoio, alguns idosos, como o senhor, ex-tuxaua e professor Casimiro Manoel Cadete, foi um dos que mais se preocupava em contar e ensinar histórias nas línguas wapichana e portuguesa, sempre chamando atenção dos alunos para não deixarem de falar a língua wapichana, pois a maioria dos jovens não usam mais a língua wapichana no seu cotidiano. O nosso historiador tão sábio e dedicado Casimiro Cadete veio a falecer recentemente e é a ele que dedico este trabalho, principalmente.

Sei que isso tudo foi um pequeno passo, pois temos que ser guerreiros persistentes e futuramente teremos escritores e narradores de todas as idades, de muitas outras histórias e que elas podem ser narradas por quem se interessar.

É importante ressaltar que a participação dos narradores idosos na escola estimulou muito os alunos, fazendo com que os mesmos, chegando em suas casas, procurassem saber de seus pais, se sabiam de histórias para poder compartilhar entre eles na escola, permitindo, assim, a troca de histórias antigas e de outros conhecimentos.

Concluo dizendo que as atividades citadas acima, apoiadas pelos alunos da Escola Estadual Indígena Tuxaua Luiz Cadete, juntamente com os idosos da comunidade Canauanim, ampliou meus conhecimentos, e que da mesma forma ampliou, também, dos alunos cuja maioria das famílias, não tinha o costume de repassar as histórias que conheciam a seus filhos.

Esperamos, com isso, ampliar os conhecimentos de todos e mostrar essa riqueza e sabedoria que juntos compartilhamos. E com isso mostrar, também, que é necessário garantir a participação dos idosos nas escolas indígenas. E aqui acabo, na esperança de que estas histórias sejam contadas por outras pessoas. As Figuras 21, 22, 23 e 24 mostram um pouco dos nossos trabalhos.

**Figura 21: Coletando histórias com os idosos:
Seu Casimiro Cadete**



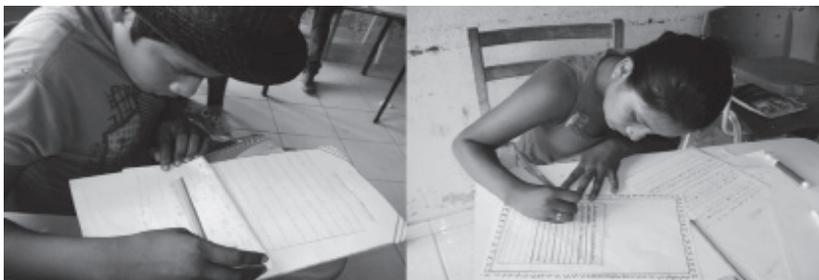
Fonte: Aline Keity, 2013.

Figura 22: Um dia diferente, um Contador de história na escola



Fonte: Lenir da Silva, 2013.

Figura 23: Alunos escrevendo e reescrevendo muitas das histórias antigas



Fonte: Fotos: Lenir da Silva, 2013.

Figura 24: Gravação do vídeo com a narração das histórias antigas



Fonte: Lenir da Silva, 2013.

REFERÊNCIAS

MEDEIROS, Sergio. **O Viajante Solitário**. São Paulo, 2002

ROCHA, Everardo. **O que é o mito**. Ed. Brasiliense. 1994. São Paulo.

OS MORADORES DA COMUNIDADE CANAUANIM (em especial, a pessoa de Seu Casimiro Manoel Cadete que foi nossa maior referência e continuará a ser para sempre).

O CALENDÁRIO CULTURAL DA MALACACHETA

Sérgio Cruz Ambrózio²⁷

Marineide Almeida²⁸

Elizete Camilo²⁹

Jonas Fabiano Pereira³⁰

Marly Peres³¹

Soraia Cruz³²

Josiane Pereira³³

APRESENTAÇÃO

O texto a seguir retrata a sistematização dos trabalhos de pesquisa do Calendário Cultural da Malacacheta realizado de forma coletiva pelos bolsistas PIBID Licenciatura Intercultural (Kátia Maria Leocádio, Elizete Damasceno, Erinaldo Cadete, Zeimar Pereira, Jonas Fabiano Marculino, Marly Peres, Elizete Camilo, Marineide Almeida, Soraia Cruz, Josiane Pereira) sob a orientação dos bolsistas supervisores Ananias Costa de Lima (inicialmente) e

²⁷ Bolsista Supervisor PIBID-Licenciatura Intercultural, graduada na área de Ciência da Natureza

²⁸ Bolsista PIBID-Licenciatura Intercultural, graduada na área de Ciência da Natureza

²⁹ Bolsista PIBID-Licenciatura Intercultural, graduada na área de Ciência da Natureza

³⁰ Bolsista PIBID-Licenciatura Intercultural, graduada na área de Ciência da Natureza

³¹ Bolsista PIBID-Licenciatura Intercultural, graduada na área de Ciência da Natureza

³² Bolsista PIBID-Licenciatura Intercultural, graduada na área de Comunicação e Artes

³³ Bolsista PIBID-Licenciatura Intercultural, graduada na área de Ciências Sociais.

Sérgio Cruz Ambrósio, posteriormente; e da professora Fabíola Carvalho, coordenadora do Sub-Projeto PIBID/ Licenciatura Intercultural/ Edital 2009 em integração com o Projeto PET Intercultural, coordenado pelo professor Maxim Repetto, em colaboração com a professora Jovina Mafra dos Santos. A seguir, apresentamos o Calendário cultural da Malacacheta:

JANEIRO – PAINHAU WYN: ANO NOVO.

Atividades da Comunidade

Este mês é representado por um lindo nascer do sol indicando o início do ano novo, como mostra a figura 25. Neste período alguns moradores da comunidade já estão fazendo acero (espaço entre a roça e a mata, com um metro de distância) antes de queimar as madeiras cortadas no local da roça, para o fogo não passar para a mata.

O dono só sai da roça quando ela estiver totalmente queimada. Antes de queimar as roças os parentes convidam outras pessoas para ajudar na atividade. Enquanto as roças estão sendo queimadas os parentes gritam e assobiam (modo de chamar o vento) um para o outro. Isto serve para queimar bem e como aviso para evitar acidentes. A queimada é feita ao meio dia, quando o sol está bem quente.

Depois de dois dias o dono da roça vai observar se o local queimou bem. Se a roça estiver bem queimada ele planta as primeiras sementes (melancia e jerimum), as manivas (sabiá, canelinha, seis meses, amazonas, semente, co-de-fome, macaxeira) e as ramas de batata (branca e roxa), fazendo assim o maruru (partes onde se queimou bem).

Em seguida eles fazem a limpeza na roça, ou seja, a coivara (cortar com machados e terçados os galhos e paus, amontoando os gravetos que não queimaram). A atividade de queimar a roça é feita pelos homens. As mulheres e as crianças também trabalham na coivara e plantação ajudando no ajuri (mutirão).

Nesse período eles também caçam de “espera”. Eles armam uma rede no alto de uma árvore e o caçador fica esperando a chegada da caça. No chão eles fazem duas forquilhas em formato de “V” para facilitar a subida. Em noites escuras eles usam lanternas e uma espingarda para executar os animais: tatu, paca, veado, anta e outros. Esse é também o período de ferrar o gado.

Figura 25: Nascer do Sol representando o ano novo.



Fonte: Marly Peres (2015).

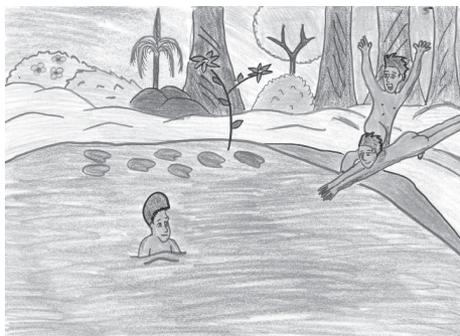
Atividade das Crianças

As crianças ajudam os pais carregando lenha, varrendo a casa e o terreiro (quintal), capinando e cuidando

do lixo. Os filhos mais velhos ajudam a cuidar dos irmãos e na coivara e capina da roça. Os pais ensinam os filhos a pescar e caçar. Nesse mês os meninos vão com os pais faxiar (pescar e caçar nas margens dos rios, lagos e igarapés) utilizando tochas de fogo (feitas com gravetos finos de inajá ou de buritizeiro) para fazer feixes, usando arco e flecha em de noite escura. Os feixes quando queimados iluminam o caminho e a água.

Durante essa atividade as crianças brincam tomando banho no igarapé (figura 26). Os meninos fazem cavalos de caraná; boi de manga verde e de sabugo de milho; flecham calangos e passarinhos; fazem baladeiras com liga de câmara de bicicleta para balarem os passarinhos; brincam amarrando as cigarras com linha, soltando-as como papagaio; brincam com diversas frutas fazendo comida; fazem brinquedos (carrinho) com latinhas. E as meninas brincam de fazer casinha de caraná e bonecas de pano, madeiras e em sacos de plásticos. Muitas dessas brincadeiras estão se modificando.

Figura 26. Meninos brincando no igarapé.



Fonte: Marcos Rodrigues da Silva Junior (2015).

Indicadores Astronômicos

A cada fase da lua os moradores observam as fases adequadas para realizar atividades tradicionais conforme os conhecimentos indígenas. Na lua crescente eles plantam maniva, batata, banana e outros tipos de sementes, pois os mais velhos dizem que assim as plantas crescem e produzem mais. Neste período não podem fazer capinas, brocas e derrubas das roças pois, segundo a tradição, o mato cresce mais rápido por causa das chuvas passageiras que acontecem nesta fase da lua.

Indicadores Climáticos

É período de verão e venta muito. Os igarapés, rios e lagoas secam O céu está limpo, com sol quente e muito calor. É o tempo da cruviana que é o vento frio da madrugada.

Indicadores Animais

Como é período de estiagem as pacas, veados e antas (caças) vão para os rios e igarapés para tomar água, que nesta época está escassa. Nesse período é comum encontrar as caças em árvores que estão com frutos e flores: flor roxa do Tauari; fruto do Piritó e fruto do Inajá, que servem de alimentos para esses animais.

Nesse período é comum encontrar cigarras em grande quantidade nas matas e lavrados. A traíra, o cará, o jiju, a xidaua e outros peixes são encontrados nas partes mais fundas dos igarapés temporários onde a água fica armazena,

por isso os homens vão pescar no igarapé do Porco, do Gavião, da Velha, do Mucura, do Garrote, do Cavalo, do Sororoca, do Carrapato, do Laureano, do Rabicho, do Paraná, do Pio, da Caiçara, do Invira, do Sebo e no igarapé Grande.

Indicadores Vegetais

Figura 27. Vegetais que podem ser encontrados neste mês.



Fonte: Marcos Rodrigues da Silva Junior e Marly Peres(2015).

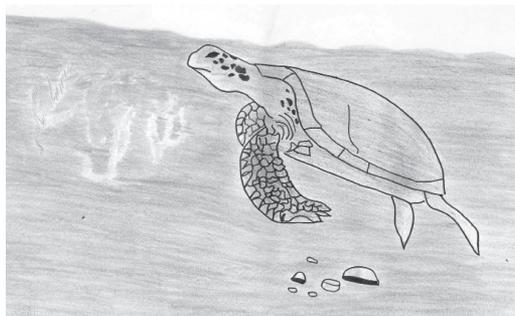
Os vegetais nativos mais encontrados neste mês são o cajá, jaraí, taxi, najá, tucumã, açaí, abacaba, patoá, cajuí, murici, mirixi, mirixi de galega, cabeça de macaco (goiaba silvestre), buritirana (buriti miniatura), como podemos observar na figura 27. E várias frutíferas domésticas estão frutificando: jacas, mangas, graviolas, coco, ingá.

Problemas socioambientais e saúde

É período de rios e igarapés secos com vários animais mortos em caçadas e espera nos bebedouros.

FEVEREIRO – DAZAU: O TRACAJÁ SIMBOLIZA O SEU GRANDE NÚMERO EM PRAIAS

Figura 28. Tempo do Tracajá.



Fonte: Marly Peres (2015).

Atividades da Comunidade

É o mês em que as pessoas fazem ajuris para limpar as roças (encoivarar, queimar e plantar as primeiras melancias, pimentas, canas, carás, bananeiras, mamão e curauá (folha cumprida que serve para fazer cordinhas utilizadas em acabamentos de vários artesanatos) feitos de arumã (peneira, jamaxim, tipiti, cocar paneiro, balaio); abano (feito de olho de tucumã). É também usado para o acabamento dos bicos e enfeites de flechas.

Nesse período eles também plantam o timbó (planta nativa utilizada para matar os peixes) Haia, que produz uma semente; o Cunani e o Assacu (conhecido como *ku-marau* em língua wapichana). Durante a pescaria com o timbó as mulheres grávidas e menstruadas e as pessoas que perderam um ente querido não podem participar.

Caso contrário, os peixes não morrem, afundam e depois voltam vivos. Isso também acontece quando a pessoa se admira antes do peixe morrer.

Principais Atividades das Crianças

Carregar lenha, varrer casa, lavar louças, encher o pote com água, buscar água para os afazeres domésticos, fazer companhia aos irmãos e à mãe, jogar lixo, jogar ou juntar a coivara para queimar.

Indicadores Astronômicos

Época de céu limpo e bastante estrelado com noites claras em todas as fases da lua.

Indicadores Climáticos

É tempo de verão com céu limpo e bastante estrelado com noites frias. Também é tempo da cruviana (vento frio e noturno).

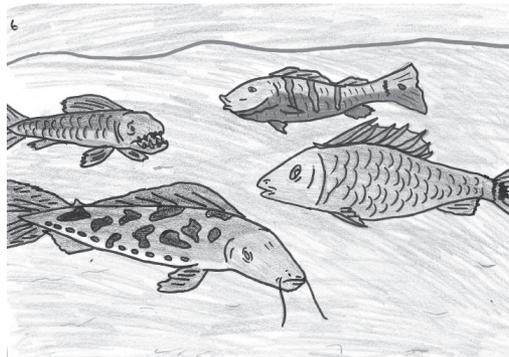
Indicadores Vegetais

É a época das plantas silvestres Pau-rainha, Marfim, Açaí e Bacaba; e do caju, da manga, da goiaba, do ingá, da pimenta, da cana, do cará, do mamão, da batata e das abóboras florescerem e darem frutos. O curauá pode ser cultivado o ano inteiro.

Indicadores Animais

As caças (pacas, cutias, veados, anta, queixadas) descem para os bebedouros, pois nesta época à água se torna difícil, e fica mais fácil pescar os peixes de escama e de pele (Cará, Traíra, Jacundá, Jijú, Xidaua, Tucunaré, Cascudo, Piaba, Peixe-cachorro, Mandí, Surubim, Piranha, Pacú, Piau Cabeça Gorda e Mamurí) por causa da seca (figura 29). Alguns peixes de pele se tornam presas mais difíceis como o bocão, 37 araná 3737, braço de moça e o cangatí. É nessa época que ocorre a desova dos tracajás e por isso é muito fácil observar a desova dos tracajás (figura 8) nas pequenas praias dos rios Quitauaú, Jacamim e Capivara.

Figura 29. Peixes mais fáceis de pescar nesta época.



Fonte: Marcos Rodrigues da Silva Junior (2015).

Problemas Socioambientais

A maioria dos rios, igarapés e lagos estão secos e ocorre muito desmatamento nas matas e queimadas nos lavrados.

MARÇO – PAWIXI: O SÍMBOLO DO MUTUM QUE INDICA GRANDE CANTO.

Figura 30. O grande canto do mutum.



Fonte: Marly Peres (2015).

Principais Atividades da Comunidade

O mês é simbolizado pelo mutum e pelo seu canto (figura 30). É o tempo em que são feitas as plantações nas roças. Existe várias maneiras de plantar. Algumas famílias plantam primeiro o milho e depois que ele cresce cerca de 50 cm iniciam a plantação de manivas de várias espécies (sabiá, canelinha, seis meses, amazonas, semente, co-de-fome, macaxeira e outros), que servirão para alimentar as famílias no ano seguinte. Outras famílias plantam primeiro o arroz e, em seguida, as manivas. E outras escolhem uma parte da roça para que seja plantado somente o arroz e em outra as manivas e demais plantações. Também há roças em que são plantados somente os filhos de bananeiras de várias espécies: maçã, sapo, santomé, casca verde,

baié, prata, comprida, inajá e outros. As diferentes variedades são plantadas em fileiras e em locais onde podem ser identificadas. Quando o mato fica alto as famílias fazem a primeira capina em ajuri para limpar a roça. Hoje na comunidade poucas famílias plantam arroz. As variedades mais cultivadas são a mandioca, o milho, abóbora, melancia, feijão, pimenta, batatas, abacaxi, taioba e cará branco e roxo.

Principais Atividades das Crianças

As aulas das crianças se iniciam neste período e no horário oposto às aulas elas ajudam nas atividades domésticas, principalmente as meninas, e nas atividades da roça (principalmente os meninos na faixa etária de seis anos em diante). Antes as crianças brincavam com brinquedos que eram feitos artesanalmente como o pião (feito de caroço de tucumã com madeira ao meio); boi (feito de manga verde); boneca (feita de retalho de pano e sabugo de milho) e curral de cipó.

Indicadores Astronômicos

É tempo de céu nublado e pouco estrelado, com noites claras em todas as fases da lua. É a época do aparecimento da estrela da manhã. Nas noites escuras fica mais fácil caçar e encontrar tatu, paca, anta, veado, mas o veado pode ser facilmente encontrado em noites de lua cheia.

Indicadores Climáticos

Ainda é tempo de verão com muito vento. É o tempo da cruviana, mas com alguns dias chuvosos.

Indicadores Vegetais

É o tempo de manivas de várias espécies (sabiá, canelinha, seis meses, amazonas, semente, co-de-fome, macaxeira e outros) e de filhos de bananeiras de várias espécies (maçã, sapo, santomé, casca verde, baié, prata, comprida, inajá e outros). Algumas roças ainda estão sendo queimadas e outras sendo plantadas. A fruta deste mês é o marfim (fruta silvestre).

Indicadores Animais

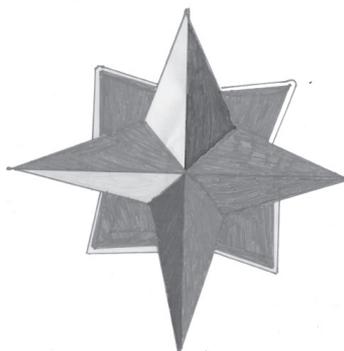
Os animais silvestres comem vários frutos silvestres e nesta época vários peixes são pescados.

Problemas Socioambientais

Ocorrem muitos desmatamentos nas matas e queimadas nos lavrados.

ABRIL – AIIKAZ: ESTRELA MAIOR (ESTRELA DA MANHÃ OU ESTRELA D`ALVA) QUE ACOMPANHA A LUA.

**Figura 31: A estrela D'alva que
acompanha a lua.**



Fonte: Marly Peres (2016).

Atividades dos Membros da Comunidade

Neste mês os moradores da Malacacheta cuidam das plantações e da produção: milho comum (dente de cavalo), libra, sabugo fino e pipoca; jerimum de leite e caboclo; batata roxa e doce; feijão branco de moita, alfavaca e de rama; banana maçã, santomé (roxa e verde), baié, prata, comprida, inajá, sapo; macaxeira roxa e amarela; melancia jandáia e araná; arroz agulhinha e agulhão; cará roxo e branco; cana de casca roxa e amarela; amendoim branco e vermelho; taioba branca e roxa; abacaxi; pimenta murupí, malagueta, canaimé, olho de peixe; café; tabaco; mamão comum; melão e outros. Nesse período são realizadas atividades de ajuri para fazer limpeza nas roças. A capina é feita com enxadas e a broca com terçados e foices. Os ma-

tos maiores que crescem no meio do plantio são espalhados para conservar a umidade do solo, tornando-se adubo orgânico para as plantações.

Também é época de tirar palha de buriti para cobrir as casas e barracões antes do inverno começar. Antes as mulheres faziam um ritual para proteger as plantações das lagartas, que comiam as folhas da maniva causando um grande estrago. Elas catavam as lagartas, viravam ao verso, passavam sal e queimavam no meio das plantações para defumar a roça afastando as pragas. Quando as lagartas não são mortas elas se enterram no barro próximo aos pés das manivas para virar borboletas. Neste período os homens caçavam veados durante o dia e à noite não se caçava pois era uma época farta de caças.

Atividades das Crianças

As crianças estão sempre ajudando os mais velhos, seja cuidando dos irmãos mais novos ou nos afazeres domésticos como lavar louça, buscar água, limpar a casa, fazer comida (meninas a partir de 12 anos), lavar roupa. E os jovens vão para a roça aprender a trabalhar na agricultura com seus pais, avós, tios e parentes.

Indicadores Astronômicos

Na fase da lua crescente para a cheia os parentes tiravam as palhas para cobrir suas casas. Se essa atividade não for feita nesta fase da lua, as palhas estragavam dando lagartas.

Indicadores Climáticos

Ainda é tempo de verão, mas se inicia o período das chuvas com alguns dias chuvosos, é o início do inverno. Nessa época ocorre o aparecimento da estrela da manhã, como indica a figura 31. Iniciam-se as primeiras chuvas do inverno.

Indicadores Animais

Aparecem lagartas e gafanhotos nas roças. É o período de reprodução dos veados, que precisam ser conservados pois as fêmeas dão apenas uma cria por vez, para que os índios possam continuar com suas caçadas futuramente.

Indicadores Vegetais

É tempo de muito jerimum de leite, jerimum caboclo, batata roxa, batata doce, feijão branco de moita, alfavaca, feijão de rama, banana maçã, santomé, roxa e verde, baié, prata, comprida, inajá, sapo, macaxeira roxa e amarela, melancia jandáia, melancia araná, arroz agulhinha e agulhão, cará roxo e branco, cana casca roxa e amarela, amendoim branco e vermelho, taioba branca e roxa, abacaxi, pimenta murupí, malagueta, canaimé, olho de peixe, café, tabaco, mamão comum, melão e outros. Nesta época os frutos da manga estão amadurecendo juntamente com o taperebá e a copaíba. O amadurecimento da copaíba indica o tempo de caçar veados. A copaíba se espalha na beira do rio Quitauau, igarapé Jacamizinho, igarapé Grande. Nessa época o milho libra está com um mês e aproximadamente 3 pal-

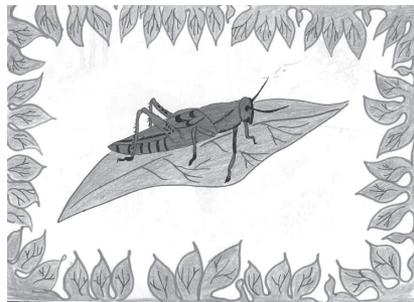
mos. O milho dente de cavalo está bom pra ser colhido em seis meses e o milho sabuco fino em três meses.

Problemas Socioambientais e de Saúde

É tempo de pragas como lagartas e gafanhotos verdes que comem as plantações novas causando grande estrago no crescimento.

MAIO – MARURU: É QUANDO UM TIPO DE GAFANHOTO VOA EM GRANDE QUANTIDADE. ESTE É RARAMENTE ENCONTRADO.

Figura 32. Tempo do gafanhoto raro.



Fonte: Marly Peres (2015).

Atividades dos Membros da Comunidade

Este mês é caracterizado pelo gafanhoto misterioso, figura 32. É período de maruru e a continuação do inverno que ainda não está muito forte. As pessoas continuam a cuidar das plantações, capinando e observando a época da colheita de milho que está próxima. De acordo com os

ensinamentos dos mais velhos não se deve plantar no final do mês de maio e início de junho, pois a mandioca e a banana darão frutos fracos.

Principais Atividades das Crianças

Carregar lenha, varrer a casa, buscar água, fazer companhia aos irmãos e a mãe e cuidar do lixo.

Indicadores Astronômicos

Épocas de chuvas constantes, de tempo nublado com poucas estrelas no céu e do aparecimento da constelação do Cruzeiro do Sul.

Indicadores Climáticos

É o início do inverno, mas chove ainda pouco pois o inverno ainda não está forte.

Indicadores Vegetais

É o tempo de as frutas amadurecerem e caírem. Nesse período temos muito taperebá, manga, caçari, tucumã, jenipapo, buritis e as sementes do pau-rainha começa a cair. Está quase na época de colher milho.

Indicadores Animais

É neste mês que as pacas são mais caçadas por causa dos taperebá que está frutificando e elas adoram comem.

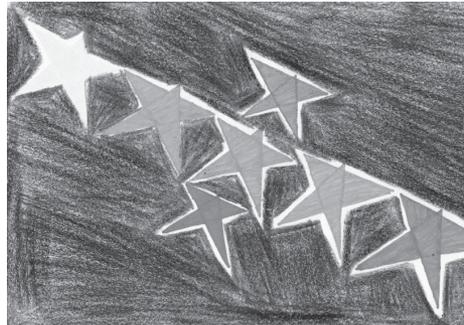
É a época em que os tatus estão com filhotes, simbolizando início do inverno.

Problemas Socioambientais

Com início do inverno, começa a aparecer algumas doenças como gripe, viroses, malária e outros.

JUNHO – WINHAU: É QUANDO APARECE NO CÉU ÀS ESTRELAS POR NOME SETE MARIAS.

Figura 33: O aparecimento das sete Marias.



Fonte: Marly Peres (2016).

Atividades dos Membros da Comunidade

Neste período é realizada a limpeza das plantações. Para esta atividade é preciso ter bastante cuidado pois o milho está bonecando, o arroz está soltando os cachos e as bananeiras também. Por isso, na hora de capinar a pessoa não pode bater nos troncos dessas plantações pois se bater as plantas não carregam bem. Quando o milho é plantado no mês de março, nesta época já está pronto para ser colhido e para o consumo e venda.

Nesse mês os wapichana colhem o milho. Também é época de caçar paca em espera no moitá. Os homens caçam e as mulheres fazem o caxiri. O caxiri é uma bebida feita com a massa de mandioca do seguinte modo: Arranca-se a raiz da mandioca que é descascada, lavada, ralada e espremida no tipiti (instrumento artesanal grande feito de arumã, uma planta nativa). Depois disso a massa é peneirada com uma peneira feita de arumã e assada em um forno de ferro posto no barracão (casa coberta com palha de buriti ou inajá, plantas nativas da região) para fazer o beijú.

O beijú é um alimento crocante e de tamanho grande que é assado em forno até ficar dourado ou queimado. Depois de queimado ele é molhado e posto em cima de uma estrutura composta por folhas de bananeira, cinzas e cascas da mandioca, em um lugar previamente reservado para o isso. Depois disso coloca-se o curumim por cima do beijú. O curumim é feito da folha da maniva, que é posta para secar e depois é moída em um moinho de ferro, e é usado como tempero em cima do beiju.

Depois que o curumim é posto no beiju, a massa é coberta com folhas de bananeiras ou plástico para o amadurecimento. Só depois de uns três dias essa cobertura pode ser retirada pois a massa estará madura, doce e coberta de fungos. Essa massa é coada na peneira com água e está pronta para o consumo das crianças, jovens e adultos. Pode-se, também, tirar o sumo que fica por cima da massa que é a parte mais forte do caxiri. Depois de dois dias as crianças e jovens não podem mais beber, pois fica muito forte e, por sofrer fermentação se transforma em um álcool.

Neste período acontecia o festejo de Santo Antônio, São João e São Pedro que era feito na casa do tuxaua, sempre com muito milho e seus derivados (canjica, mingau feito de milho verde ralado ou moído, peneirado e tirado o sumo, adoçado a gosto, acrescentado o leite), pé de moleque (feito com a massa de mandioca lavada mais conhecida como carimã) e outros. Hoje esse festejo é organizado pela escola.

Atividades das Crianças

As crianças ajudam nas atividades de fazer a capina arrancando os matos com as mãos ou facão com cuidado, amontoando os matos arrancados, com cuidados para não prejudicar as plantações. Ajudam também nos cuidados das plantações pois é época dos papagaios, curicas, macacos, iraúnas e periquitos comerem o milho e das saúvas cortarem as manivas que estão nascendo. As crianças carregam lenha, varrem as casas, buscam água, fazem companhia aos irmãos e à mãe, jogam lixo e carregam o milho.

Indicadores Astronômicos

É tempo de chuvas constantes. O céu está nublado e com poucas estrelas. É o período do aparecimento da constelação do Cruzeiro do Sul. Quando o inverno está próximo, as três Marias e as 7 estrelas ou Sete Marias estão bem baixas, figura 33.

Indicadores Climáticos

Nesse período o inverno já está muito forte, chove muito e os rios, lagos e igarapés ficam cheios, ocorrendo enchentes. Pela manhã bem cedinho as folhas das plantações ficam cheias de orvalho (neblina) e isso ajuda no desenvolvimento das plantas.

Indicadores Vegetais

Ainda é tempo de buriti e de muito milho verde. É o tempo de amadurecimento taperebá, tucumã, jenipapo e buriti. O amadurecimento do taperebá indica o tempo das pacas. Tempo em que o pé de patuá dá fruta.

Indicadores Animais

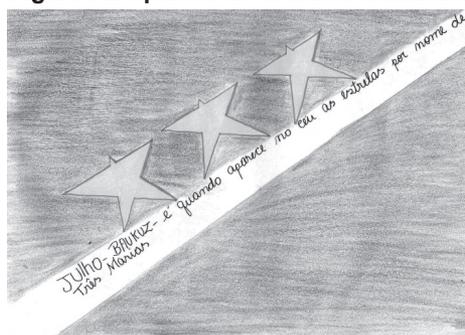
É no início do inverno que nascem os tatus e nesta época os índios wapichana não caçam muito para que os mesmos possam procriar para o futuro. Também é a época dos tatus filhotes apartarem de suas mães. Os peixes começam a subir para desovar ocorrendo a piracema. Nessa época é proibida a pesca com malhadores e tarrafas. Com o patuazeiro dando frutas (patuá), os veados, cutias, pacas, antas e alguns pássaros (jacú e mutum) comem seus frutos. O tatu somente fuça ao redor da árvore. O milharal pode ser atacado por periquitos e papagaios. É época o das saúvas, formigas e cupins voarem.

Problemas Socioambientais e de Saúde

Com o inverno surgem algumas doenças como gripe, viroses, diarreia, frieiras e outros. E aumento da população (aparece grande número de mulheres grávidas). Neste mês aparece muitos piuns, mutucas pretas e vermelhas. Devido às pragas as pessoas se vestem com camisas e calças compridas para realizar suas atividades diárias.

JULHO – BAUKUZ: É QUANDO APARECE NO CÉU ÀS ESTRELAS POR NOME TRÊS MARIAS

Figura 34: Aparece no céu as três Marias.



Fonte: Marly Peres (2015).

Atividades da Comunidade

Fazem a colheita de milho, banana, batata, cará, feijão, jerimum e outros produtos da roça. Como é inverno os homens caçam de dia com cachorros bom de caça em restinga (ilha no meio do igapó), procurando tatu, veado, capivara e araná.

Atividade das Crianças

Geralmente as crianças ajudam suas mães nas atividades domésticas como carregar lenha, varrer a casa, buscar água, fazer companhia aos irmãos e à mãe, jogar lixo; ir na roça, a carregar o milho, arrancar as batatas e carás e a colher o feijão.

Indicadores Astronômicos

É período de chuvas constantes, com tempo nublado e poucas estrelas no céu. No céu aparece as Três Marias, como mostra a figura 34.

Indicadores Climáticos

Nesse mês o inverno já está muito forte, chove muito e os rios, lagos e igarapés ficam cheios ocorrendo as enchentes

Indicadores Vegetais

É período de colheita de banana, milho, mamão, feijão, arroz, cará, taioba e de algumas frutas de árvores silvestres como o jatobá. Nesse tempo as pimenteiros estão carregadas.

Indicadores Animais

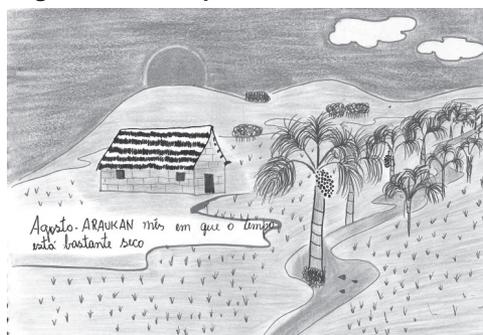
Nesse mês é comum ver os tamanduás saírem depois das chuvas para se alimentar de formigas e cupins.

Problemas Socioambientais e de Saúde

Com o início do inverno começa a aparecer algumas doenças como a gripe, viroses, frieiras e a malária, por isso a diarreia é muito comum nessa época. Nesse período é comum observarmos muitas mulheres grávidas.

AGOSTO – ARAUKAN: MÊS EM QUE O AR ESTÁ BASTANTE SECO

Figura 35: O tempo está bastante seco.



Fonte: Marly Peres (2015).

Principais Atividades da Comunidade

É tempo de capinar as roças e época de fazer roça em capoeira (vazante). Também é o tempo que o povo wapi-xana colhe os produtos plantados nas roças como: abóbora, milho verde, macaxeira, abacaxi e mandioca.

Principais Atividades das Crianças

Carregar lenha, varrer a casa, buscar água, fazer companhia aos irmãos e à mãe, jogar lixo, carregar milho.

As crianças ficam em casa cuidando de seus irmãos e tomam banho no igarapé com os colegas da comunidade.

Indicadores Astronômicos

É um período de constantes pancadas de chuvas com tempo nublado, poucas estrelas no céu, trovões e relâmpagos. É a época em que aparecem muitas cobras ficam venenosas. No final de agosto, quando sai as três Marias, vem a chuva forte na boca da noite.

Indicadores Climáticos

O inverno já está muito forte, chove muito e os rios, lagos e igarapés ficam cheios, ocorrendo as enchentes. É tempo de chuvas com trovões e relâmpagos intensos e o período em que o sol fica mais quente, com tempo seco como indica a figura 35.

Indicadores Vegetais

É tempo de colher abacaxi, abóbora e arrancar a mandioca.

Indicadores Animais

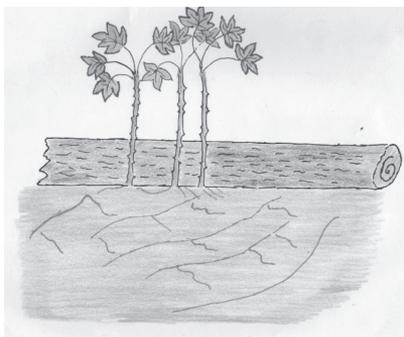
Nesse tempo as pacas e cutias estão se reproduzindo. Os Wapichanas não caçam estes animais neste período.

Problemas Socioambientais

Com o fim do inverno surgem algumas doenças como a gripe, viroses e malária por causa das águas que ficam empoçadas. Algumas mandiocas das roças ficam aguadas ou fofas, devido à grande quantidade de chuva neste período.

SETEMBRO – BURURUKU KAYZ

Figura 36: Tempo em que o solo não está bem.



Fonte: Marly Peres (2016).

Principais Atividades da Comunidade

Nesta época a comunidade faz a limpeza de capina com enxadas e a broca dos matos que estão maiores com terçados e foices nas suas plantações de maniva. Também é o tempo de colher os produtos que foram plantados antes como o milho comum, a abóbora, o amendoim, o milho de pipoca e o feijão. Todos os produtos colhidos são levados para o barracão (casa coberta com palha de inajá,

planta nativa, sem paredes) ou para casa. Nesse período as pessoas plantam nas vazantes (roças colocadas em lugares úmidos e baixos) arroz agulhinha e agulhão, milho branco, cana e banana para poder guardar as sementes.

Atividade das Crianças

Nesse tempo as crianças ajudam os pais na limpeza capinando o manival. Quando é preciso ajudam também na plantação “atilhando” o milho para guardar as sementes em local apropriado. As crianças ajudam a carregar os produtos da roça para casa e a carregar a lenha que é amontoada em um cantinho da casa.

Brincam com bolha de sabão no igarapé ou até mesmo fazendo montinhos de areia com o formato de casa. Fazem pequenas pontes e produzem seus carrinhos, canoas e aviões de caraná ou madeira e, até mesmo, de folha de mangueira.

Indicadores Astronômicos

Algumas estrelas marcam o sinal de chuva e a lua também. Os astros sempre são muito importantes na vida do povo Wapichana, pois as atividades estavam sempre relacionadas às estações do ano ou indicadores climáticos e astronômicos.

Indicadores Climáticos

Nesse mês ocorrem poucas chuvas passageiras e o solo não está muito bem como vimos na figura 36. O tempo está muito quente e parado, não venta muito, nem durante o dia e nem à noite.

Indicadores Vegetais

Ainda existem alguns tipos de fruteiras silvestres carregando como jutaí, jenipapo, buriti, abacaba, coco bábão, ingá, limão tange, jaca, açaí, buritirana, jatobá. Outras frutíferas começam a florar, tais como a mangueira, jucá, tamarindo, carambola, araticum (tipo de graviola).

Indicadores Animais

Alguns animais se aproximam mais para os brejos à procura de água, por isso nesse tempo é fácil pegar tatus, caititu, queixada, coati, anta, veado e paca. Esses animais procuram algumas frutas para se alimentarem, como por exemplo a buritirana, açaí, buriti, jatobá. Outros animais se alimentam de produtos cultivados na roça, como por exemplo a cutia, a arara, o periquito, o macaco, o papagaio, a juriti, o veado, o caititu, a queixada e a galega.

Problemas Socioambientais e de Saúde

Com o fim do inverno surgem algumas doenças como a gripe, viroses (vômitos, diarreias), malária, barriga d'água por causa das águas que ficam empoçadas.

OUTUBRO – WYRADA

Figura 37: Tempo de muitos jabutis.



Fonte: Marly Peres (2015).

Principais Atividades da Comunidade

Em outubro as pessoas cuidam das roças, limpando e mantendo-as. Alguns homens já começam a escolher a área para a futura roça. Os parentes aproveitam que as flores do Tauari estão caindo para fazer suas “esperas” e “moitar”; ou esperam na varrida para matar as caças como tatu, paca e veado (o tatu não come a flor, somente fuça).

Atividades das Crianças

Ajudam as mães nas atividades domésticas, brincam nos igarapés (pulam na água e outras brincadeiras) e cuidam dos seus irmãos.

Indicadores Astronômicos

O sol está com um círculo (anel) indicando um verão forte e com pouca chuva, que molha as plantas e como a

terra ainda está molhada, esquenta muito as raízes cozinhando-as e apodrecendo-as.

Indicadores Climáticos

É verão e o tempo já está muito quente podendo assim prejudicar a plantação e apodrecer os frutos.

Indicadores Vegetais

É tempo de buriti e época em que o Tauarí está dando flor que depois começa a cair.

Indicadores Animais

É o tempo da desova dos jabutis, por isso o número é bastante elevado como indica na figura 37. É fácil encontrar paca, veado e anta comendo Tauarí.

Problemas Socioambientais

Perdas de produtos agrícolas (mandioca, abóbora e macaxeira) por causa do apodrecimento dos mesmos.

NOVEMBRO – KANKURYN

Figura 38. Tempo de muitos escorpiões.



Fonte: Marly Peres (2016).

Principais Atividades da Comunidade

É a época de procurar os lugares bons para fazer as roças novas e escolher quais produtos plantar de acordo com o solo. E depois fazer os aceiros das roças, brocar (ajuri dos homens) e capinar as roças ou vazantes atuais (ajuri das mulheres). Os homens matam caititu e pacas em suas caçadas nos pés de Tauarí, e sempre gostam de repartir as carnes de caças entre as famílias mais próximas (acontecia durante o ano todo), valorizando a solidariedade entre as pessoas.

Atividades das Crianças

As crianças ajudam as mulheres nas capinas, cuidam dos irmãos e ajudam nos trabalhos domésticos.

Indicadores Astronômicos

Aparece a constelação das Três Marias.

Indicadores Climáticos

É verão com muito sol e chuva para os cajueiros florescerem. Chuva do caju.

Indicadores Vegetais

É a época de colher melancia, buritis e arrancar mandioca. É o tempo que as flores de Tauarí param de cair. É, também, o tempo de pescar vários peixes em malhador. Nessa época é fácil encontra caititu e paca nos pés de Tauarí.

Problemas Socioambientais

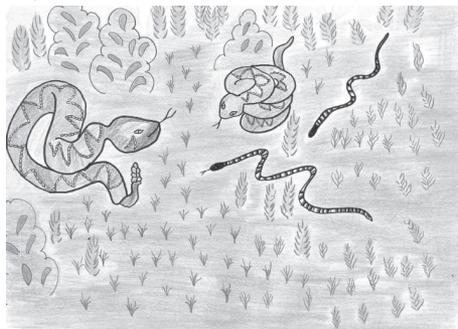
Nesse período ocorre muito desmatamento por causa das brocas das roças novas e das queimadas não controladas no lavrado, que também, algumas vezes, podem acontecer nas matas. Devido às secas, em alguns igarapés e lagos temporários, os peixes morrem.

Indicadores Animais

É a época de muitos escorpiões como ilustra a figura 38. O povo Wapichana tinham que ter muito cuidado para não ser picado por eles. As pacas e caititus comem os frutos de Tauarí e vários tipos de peixes.

DEZEMBRO – KUAZAZA: TEMPO EM QUE HAVIA MUITAS COBRAS

Figura 39: Grande número de cobras.



Fonte: Marly Peres (2015).

Principais Atividades da Comunidade

Nesse período os moradores preparam seus machados e foices para derrubar e brocar suas roças. É o período do início das queimadas das roças e de comemoração das festas de final de ano. E tempo de colocam timbó nos igarapés e lagos.

Atividades das Crianças

As crianças carregam lenha, varrem a casa, buscar água, fazem companhia aos irmãos e a mãe, jogam lixo e coivara. Segundo a senhora Justina Damasceno, antigamente não existiam bonecas, mas eles brincavam de construir carros de bois com caranã, bois e cercados. Ajudavam os pais na roça quando chegavam da escola e na pescaria através do timbó.

Indicadores Astronômicos

Quando ocorre eclipse não pode olhar, faz mal, tem que passar goma no rosto e segurar uma moeda para ter dinheiro, fazer bons pedidos (ser bom pescador, bom trançador, bom caçador, pedir força, ser trabalhador e ser corajoso). Três dias antes da lua cheia chove e, as vezes chove, no dia da lua cheia e queima a roça. Na lua nova é do mesmo jeito. A força da lua nova as vezes é mais forte. Nos sete dias de lua nova plantava-se feijão, melancia, jerimum, tira madeira branca e palha. Só não tira madeira de lei. Tudo depende da lua.

Indicadores Climáticos

Verão com muito sol, os igarapés secam e empoçam. Verão (venta muito e os rios e igarapés ficam secos).

Indicadores Vegetais

Tempo de melancia, mandioca, buriti, caju. Época em que as copaibeiras e cumaruzeiros estão florescendo e início do florescimento do ajaraizeiros (Ajaraí). Estes florescem durante os meses de dezembro a janeiro. Colheita de frutas silvestres como cajá, taxi, jaraí, najá, tucumã, açai, abacaba, patuá e frutas domésticas como a jaca, manga e a graviola.

Indicadores Animais

Tempo em que as pacas, veados, caititu e tatus vão em busca de alimentação nos pés das árvores silvestres citadas anteriormente nos vegetais. A população indígena pega muitos peixes usando o timbó por ser tempo de seca e ser fácil de fazer a pescaria. Os animais chegam nos rios para beber água, pois a mesma se torna difícil (paca, cutia, veado, anta, queixada e peixes de escama, os peixes se tornam raros). Há um aumento no número de cobras, como mostra a figura 19, e a população tem que ter cuidado com os acidentes com elas.

Problemas Socioambientais e de Saúde

No início tudo era mais fácil, tinha mais caças, peixes, madeiras e palhas, pois a população era pequena. Ocorreu muita perda de espécies de peixes grandes e pequenos por causa do uso do timbó. O espaço ficou pequeno pelo aumento da população. Antes havia sim problemas ambientais, pois havia desperdício de madeiras e palhas, mas as pessoas não sentiam muito porque a população da comunidade era pequena. Atualmente a população tem aumentado e com isto tem ocorrido uma maior pressão sobre o meio ambiente. A Malacacheta foi uma das comunidades indígenas que mais produziu banana maçã, mas com a chegada da vassoura de bruxa, todos os 13.000 pés de bananas secaram na metade do crescimento.

No geral não existia muitas doenças e nem malária aqui na comunidade. O Julião foi participar de curso na

FUNAI em 1975 e era ele que cuidava da saúde da população, sempre com remédios caseiros, chás de plantas, rezadores etc. Quando os trabalhadores doentes chegaram a malária se espalhou na comunidade, mas as pessoas não tomavam medicamento direito, jogavam fora e ele precisava supervisionar o uso do medicamento depois que trazia o resultado de Boa Vista. Antes o verão era de abril a outubro, hoje as pessoas já não estão entendendo direito os períodos. Quando o inverno está próximo, as 7 estrelas e as Três Marias estão bem baixas. Hoje existe muito desperdício de madeira e de palhas e não há fiscalização de nenhum tipo.

A ATIVIDADE “FAZER ROÇA” COMO INSTRUMENTO PEDAGÓGICO CONSTRUÍDO A PARTIR DA PESQUISA DO CALENDÁRIO CULTURAL DA MALACACHETA³⁴

Marly Peres³⁵

APRESENTAÇÃO

Esse Trabalho trata de uma Proposta Pedagógica que foi desenvolvida entre 2012 e 2014 na escola da comunidade indígena Malacacheta por meio da aplicação do Método Indutivo Intercultural desenvolvido por Gashé (2009), pela equipe do Programa PIBID Licenciatura Intercultural na comunidade. A pesquisa foi financiada pelo Programa PIBID/Licenciatura Intercultural, sob a coordenação da professora Fabíola Carvalho/Instituto Insikiran, em colaboração com os professores Maxim Repetto e Jovina Mafra.

A equipe da escola, constituída por pares pedagógicos de docentes da escola/bolsistas PIBID Licenciatura Intercultural, era composta pelos seguintes professores indígenas: Joseane Pereira e Soraia Cruz; Elizete Camilo e Jonas Fabiano; Marineide Paulino e Marly Peres sob a coordenação do bolsista supervisor, professor Sérgio Cruz Ambrózio.

A equipe se reunia semanalmente na escola, com acompanhamento periódico dos professores da UFRR, para planejar a pesquisa e delinear as ações individuais dos

³⁴ Trabalho de Conclusão de Curso orientado pela professora Fabíola Carvalho.

³⁵ Bolsista PIBID-Licenciatura Intercultural, graduada na área de Ciência da Natureza

pares pedagógicos, por meio da investigação dos seguintes indicadores: atividades dos membros da comunidade; atividades das crianças ou educandos; astronômicos, de clima; animais; vegetais e de problemas socioambientais e de saúde ao longo do ano.

Os encontros ocorreram todas as segundas, quartas e sextas das 18 às 20 horas e as entrevistas foram feitas nos fins de semana com os anciões dos bairros Centro, Mirixí, Gavião, Lago do Pato, Boca da Mata, Rabicho e Jacaminzinho. Todos os pares pedagógicos fizeram trabalhos com os discentes em sala de aula, mas individualmente em suas turmas e com temas diferentes, de acordo com as disciplinas em que estavam lotados.

O Método Indutivo Intercultural traz uma proposta de repensar o trabalho escolar, colocando no centro do processo formativo a vida da comunidade, em especial os conhecimentos indígenas. A ideia de pesquisar **Calendários Culturais** surge de uma concepção de cultura que envolve a relação indissociável entre sociedade e a natureza, ou seja, a cultura deve ser entendida a partir da interação entre as ações humanas e a transformação da natureza (REPETTO, M.; CARVALHO, F.C.A., 2016, p.6). E de acordo com o Projeto Político Pedagógico da Escola Estadual Sizenando Diniz a cultura, a identidade Indígena, as crenças, as tradições, a língua indígena Wapichana, a vivência diária, a saúde, a vida social e a organização da comunidade são muito importantes e precisam ser valorizadas, mas também é necessário ensinar os conhecimentos científicos relacionados à região, ao estado, ao país e ao globo terrestre.

Desse modo, a pesquisa do Calendário Cultural e a investigação da atividade “Fazer Roça na Malacacheta”,

deram origem ao Trabalho de Conclusão de Curso ora apresentado, cujos objetivo geral foi construir uma Proposta Pedagógica por meio do Método Indutivo Intercultural para a Escola Estadual Indígena Sizenando Diniz. Além disso, o trabalho tem por objetivos específicos: i) Construir o Calendário Cultural da Malacacheta e; ii) Investigar os conhecimentos tradicionais associados à atividade fazer roça na Malacacheta.

O Trabalho de Conclusão de Curso está organizado da seguinte forma: O primeiro capítulo descreve a comunidade indígena Malacacheta abordando um pouco de sua história, fazendo um paralelo com a Malacacheta atual, e descrevendo o estado atual da Educação Escolar na comunidade. O segundo capítulo descreve como foi realizada a pesquisa do Calendário Cultural na Malacacheta, abordando sobre como o Programa PIBID Licenciatura Intercultural realizou suas ações na escola da Malacacheta e na UFRR, para em um segundo momento descrever a atividade “Fazer Roça na Malacacheta”. E o terceiro e último capítulo faz uma reflexão sobre as possibilidades pedagógicas do calendário cultural da Malacacheta como ferramenta pedagógica para as escolas indígenas.

A MALACACHETA: CULTURA, HISTÓRIA E VIDA COTIDIANA

Um Pouco sobre a Malacacheta

O nome Malacacheta foi dado à comunidade porque a região é muito rica deste minério. Quando a comunida-

de foi formada a população era bem reduzida, composta por oito famílias que foram os primeiros moradores da comunidade. Com o passar dos tempos vieram outras famílias: Constantino Viana Pereira, Francisco Mota da Silva, Alvino Alberto de Oliveira, Bernardo Henrique de Souza, Antônio Viana Pereira, Augusto Costa Pereira, Raimundo Cruz, Raimundo Júnior, Edgar Alfredo de Oliveira e Tiago Cadete, todos empregados do Sr. Sizenando Diniz, um fazendeiro local.

O tempo passou e os Wapichana viviam em convivência “harmônica” com os brancos. Nessa época passou pela comunidade o Marechal Rondon que deu a ideia da comunidade ter um tuxaua com objetivo de se organizar melhor. Então foi nomeado o Sr. Caetano como o primeiro tuxaua da Malacacheta.

Nesta época a região já estava sob o domínio de um posseiro e mais pessoas pretendiam invadir as terras que anteriormente só tinham sido habitadas por indígenas. E a “harmonia” já havia acabado, iniciava-se assim confronto pela terra. Foi nesse período que a comunidade ficou sabendo que o senhor Sizenando Diniz era posseiro titular da região que hoje é a Terra Indígena Malacacheta e com sua morte, sua esposa era a herdeira das terras.

Sabendo dessa informação os fundadores da comunidade se sentiram na obrigação de compra-la para que suas famílias pudessem continuar vivendo e trabalhando lá como sempre foi.

Nesse período a comunidade vivia da agricultura de subsistência. As roças eram ricas em plantações de bana-

na, milho, mandioca, cana, batata, cará, jerimum, melancia, arroz, fava, e feijão, tudo plantado de modo tradicional. Quando faltava alguma coisa como tecido, sal, café, açúcar, óleo e fósforo, a comunidade trocava seus produtos com os brancos.

Esses eram tempos em que as pessoas podiam caçar e pescar sem restrição. O território era vasto, havia muitas matas virgens e uma grande área de lavrado com ilhas e igarapés abundantes, com buritizais, lagos e rios e inúmeras espécies de animais silvestres e peixes que eram consumidos como alimento.

Nesta época o povo Wapichana vivia mais sua cultura tradicional. Dançavam o parixara (dança tradicional em que as pessoas dançam em pares ou de três em três, dão as mãos, cantam na língua indígena Wapichana, fazendo movimentos com os pés e se abraçam, tomam juntos o pajuarú; que é uma bebida tradicional), respeitavam a mãe natureza e observava as fases da lua para realizar suas atividades diárias. Se tratavam com seus pajés e rezadores e usavam muito os remédios caseiros; e quando não conseguiam a cura desejada iam a óbito.

A Terra Indígena Malacacheta ainda não havia sido homologada, não tinha estradas, escola, posto médico, Agentes Indígenas de Saúde (AIS), médicos, professores e tuxaua, ou seja, somente um número bem reduzido de pessoas vivendo em união.

Como não existia meio de transporte, as coisas eram mais difíceis na parte de saúde. E como não existia AIS e equipe médica, a comunidade indicava uma pessoa para

ir até Boa Vista em busca de remédio para malária que foi uma doença que chegou com a abertura da estrada bem depois da formação da comunidade. Neste caso o doente teria que ser supervisionado restritamente pela pessoa indicada até sua cura.

A Terra Indígena Malacacheta somente foi demarcada em 21/05/1982 e possui uma extensão de 28.631 hectares (CIRINO,2004), está situada na região leste de Roraima, no município de Cantá, há aproximadamente 37 km de Boa vista.

Vale ressaltar que até hoje o povo Wapichana luta por uma revisão da área da terra, pois a demarcação da mesma foi em forma de ilha, porém o espaço está cada dia menor com o aumento da população.

Hoje a população é formada pelo povo wapichana, macuxí, por guianenses que migraram para o Brasil clandestinamente e por pessoas de outras culturas. A população atual é de aproximadamente 1500 pessoas entre crianças, jovens, adultos e anciãos.

Atividades de Subsistência

A agricultura ainda é de subsistência, mas hoje existe também um comércio onde os produtos da comunidade são vendidos em Boa Vista e na própria comunidade. A renda familiar vem da plantação como mostra a figura um. Essas plantações são de bananas, abacaxi, tomate, mandioca (raiz que serve para o preparo da farinha que é feita com frequência na comunidade e custa 200 R\$ a saca e o beijú), milho, feijão, batata, cará, macaxeira e da criação de porco, peru, galinha, pato, picote, carneiros e rezes.

Figura 1 - Roça tradicional dos moradores da comunidade



Fonte: Escola Sizenando Diniz (2012)

Além da agricultura de subsistência, na Malacacheta existem três cantinas cujos proprietários são as senhoras Lúndia, Vera e o senhor. Jonas Fabiano que vendem produtos que não são produzidos na comunidade. Além das atividades culturais que geram renda, algumas pessoas recebem salários de programas sociais como o salário maternidade, a bolsa escola e a bolsa família. Além disso, na comunidade existem pessoas que recebem salários como funcionários públicos do estado, da prefeitura e da União na área da saúde e da educação.

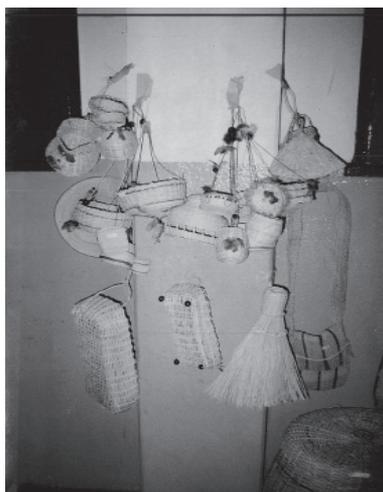
Alguns com cargos seletivos temporários e outros com cargos efetivos. Algumas pessoas são autônomas e outras são empregadas dos fazendeiros da região, assim como no passado, só que agora com um salário mais digno.

A Importância do Artesanato na Malacacheta

O artesanato gera renda para muitas famílias que retiram das ilhas com buritizais o arumã para a fabricação

de darruanas, cestos, peneiras simples, peneiras de beijú, cocares e braceletes. Mas para fabricar estes artesanatos, antes do uso o arumã tem que passar por toda uma preparação como colher, raspar, cortar em cruz, tirar a bucha, tirar a tala, selecionar e depois fazer a trança e não pode guardar os caules para o outro dia, pois endurece. Só pode guardar dentro da água para fazer o mesmo processo. Retiram também as fibras de olho do buriti para fazerem cestinhas e outros. A figura 2, mostra artesanatos feitos por docentes e discentes no ano de 2012.

Figura 2 - O artesanato Wapichana



Fonte: Escola Sizenando Diniz (2012).

A comunidade fabrica vassouras feitas com cipó alho que é muito difícil de colher devido a distância e, também, é muito duro de se trabalhar. Além disso, fazem cestos grandes de cipó para colocar roupas, mas esse artesanato ultimamente tem sido construído por encomenda.

A esposa do Sr. Simeão Messias, o tuxaua neste ano de 2015, senhora Maria Inês, é uma das artesãs da comunidade que trabalha com cerâmica. Ela faz bandejas, painéis, copos, pratos, fôrmas, jarras e até fogareiros. Seus ensinamentos foram adquiridos no curso de cerâmica que as mulheres da Raposa Serra do Sol vieram dar na comunidade, pois a cerâmica Wapichana já não existia mais na Malacacheta. Esse curso de intercâmbio cultural foi uma riqueza a mais de conhecimentos que ela e mais algumas artesãs conseguiram adquirir.

Hoje ela cria as mais belas cerâmicas da região e diz que é muito importante acertar a qualidade do barro para dar certo a sua criação. Ela vende para pessoas da capital, das comunidades vizinhas e da sua própria comunidade.

As Religiões e os Festejos na Malacacheta

Na Malacacheta hoje existe uma igreja Católica em que as missas acontecem aos domingos, nos dias santos, no dia do padroeiro São José e nos festejos da comunidade. As missas são realizadas também em dias de falecimento e no sétimo dia quando alguns membros da comunidade ou parente falece.

No dia do padroeiro São José, 20 de março, a comunidade está em festa com jogos, batizados, comunhão, casamentos, procissão e missa realizada por padres que vem da cidade. À noite acontece a festa dançante em que os fiéis fazem bingo beneficente para arrecadar fundos para a melhoria da estrutura da igreja. O festejo dura dois dias e as comunidades vizinhas, Taba Lascada, Canauanin, Mos-

cou, Alto Arraia, e todos os bairros que pertencem a comunidade sempre participam, além de pessoas da capital.

A igreja Evangélica Assembleia de Deus funciona com cultos para os jovens, crianças e mulheres em que os participantes decidem o dia dos encontros. Além disso, realizam cultos dominicais em que as crianças ficam separadas dos jovens e adultos, cada grupo com seu instrutor.

Outro evento da comunidade é a festa do índio no mês de abril. Para organizar essa festa os discentes e docentes se unem a comunidade para arrecadar alimentos para a comemoração deste dia, que ocorre sempre com comidas da cultura tradicional como a damurida, o beiju, a farinha. Além dos alimentos tradicionais eles matam um bovino para a comemoração e tem também o arroz, o suco e outros alimentos que são das outras culturas.

Durante a festa acontecem muitas atividades como a dança do parixara e competições da cultura wapichana, como flecha ao alvo e corrida com tora. Na corrida de bicicleta o vencedor é quem chega por último. A dança do parixara é feita por bairros e também conta com a participação da Organização dos Índios da Cidade (ODIC), e as vezes tem forró.

No mês de maio acontece a festa do dia das mães. Novamente juntam-se discentes, docentes e comunidade para fazer uma bela festa em homenagem as mães, com premiações, café da manhã, almoço, caxiri, jogos e, às vezes, forró. Os presentes são entregues pelos filhos e poemas são recitados em homenagem a elas. A festa dura apenas um dia.

No mês de julho fazemos a festa junina em homenagem a Santo Antônio, São João e São Pedro. Os alunos e professores se dedicam e ensaiam todos os dias do mês de junho para a quadrilha que é apresentada no dia. Duas quadrilhas são organizadas, uma formada por pares do 1º ao 5º, que este em 2015 se chamou “Amor Caipira”; e outra formada por pares do 6º ano ao Ensino Médio, que nesse mesmo ano se chamou “Explosão Caipira”. A participação dos alunos não é obrigatória e os alunos que não participam continuam em sala de aula.

Assim é encerrado o segundo ciclo de aulas da Escola Sizenando Diniz com muita festa dançante e comidas derivadas do milho. Neste encerramento de aulas, as discentes e os discentes formam pares de rainhas e reis caipiras, concorrem em vendas de votos e se arrumam de acordo com a festa. Contam com a ajuda dos pais, mães e docentes, além dos coordenadores de cada casal. O casal vencedor é aquele que vender mais votos, e a verba arrecadada geralmente é aproveitada para pagar as bandas locais ou fazer algum festejo posterior com os docentes, discentes e comunidade.

Em agosto vem a festa dos pais, onde novamente se unem funcionários da escola e comunidade para fazer uma bela ornamentação, com café da manhã, almoço, jogos, brincadeiras, poemas e entrega de presentes, com festa dançante à noite. Em 2015 a festa dos pais ocorreu junto com a festa do estudante, e as atividades foram organizadas pelos discentes na escola. A festa aconteceu durante todo o dia. Os discentes colaboram bastante na arrecadação de alimento para este dia, e tudo ocorreu bem.

A festa mais tradicional da Malacacheta é a Festa da Damurida, que acontece no mês de novembro com competições esportivas como futebol masculino e feminino, maratona, corrida de ciclismo e as competições na cultura como flecha ao alvo calculado, corrida com tora, corrida com a cabaça na cabeça, fiar algodão, fazer darruana mais rápido, beber caxiri mais rápido, comer a damurida ardosa mais rápido, pintura corporal mais bonita, índia mais bem trajada na cultura, casal de índios mais bem trajados na cultura.

As pessoas da comunidade montam suas barracas de comidas e bebidas tradicionais e vendem seus produtos: bacabas, pimentas, molhos de pimentas, bolsas confeccionadas pelas índias da Malacacheta, gomas, bananas, macaxeiras, pé de moleque, paçocas, sucos, refrigerantes, picolés, sorvetes, bombons; damurida de paca, tatú, jacaré, anta, porco do mato, veado e peixe e bebidas tradicionais como caxiri e pajuarú. Além disso, vendem comidas como bife acebolado, peixe cozido, assado, frito, arroz, macarrão, feijão, baião de dois, carne cozida, frango guisado, espetinho de carne, frango e calabresa, caldo no copo à noite toda, além de pastéis, coxinhas, quibes, sucos de maracujá, caju, cupuaçu, bebidas como cerveja, cachaça e vinhos podem ser consumidos, mas não

A ATIVIDADE FAZER ROÇA NA MALACACHETA

Para colocar uma roça, primeiro os Wapichana saem à procura de um bom solo para plantar seus produtos. Eles procuram solos que tenham as cores preta ou vermelha,

pois são os mais férteis e, solos que sejam ricos em humo (adubos enriquecidos com restos de animais e vegetais), pois são bons para plantar milho, arroz, feijão, fava, manivas de várias espécies, melancia, jerimum, batata e outros.

Saem sempre acompanhados de suas esposas e amigos, como ilustra a figura 20. São pessoas que normalmente têm conhecimentos sobre o local e os tipos de solo. Procuram locais planos, que não estejam muito próximo das margens dos igarapés e rios, para que não haja alagamentos no inverno e apodreça suas plantações.

As terras da comunidade Malacacheta são, na maioria, planas com algumas depressões e ainda existem matas virgens e capoeiras. Quando eles encontram o local como vemos na figura 20, fazem a observação do solo cavando buracos para confirmar o tipo de solo. Às vezes vão para o local porque algum amigo indicou que ali o solo é bom para plantar.

Figura 20 - Os Wapichanas procurando solo bom.



Fonte: Marly Peres (2015).

Nos próximos dias eles fazem o ajurí para brocar os matos menores, para que os mesmos não atrapalhem quando forem derrubar as árvores. A limpeza do local é feita por meio de cortes verticais usando foices e terçados, como vemos na figura 21. As limas são usadas nessa fase para amolar esses instrumentos, caso seja necessário.

Esse trabalho é feito em grupos de dez pessoas ou menos. Eles levam os filhos de dez anos em diante para irem aprendendo a fazer roça. Levam também o pajuarú (bebida tradicional) para tomarem durante o trabalho e água para saciar a sede.

Enquanto isso as esposas se unem e preparam o almoço na casa do dono da roça. É nessa casa onde todos comerão. Todos colaboram com o almoço trazendo um pouco de carne de caça, peixes, arroz, farinha, macarrão, feijão, carne de gado. O almoço é servido acompanhado do gostoso pajuarú, que foi preparado pela esposa do dono da roça anteriormente. À tarde todos estão descansando ou continuam o serviço dependendo do tamanho da roça

Figura 21 - Os Wapichanas brocando roça.



Fonte: Marly Peres (2015).

Após a broca vem à derrubada da roça. O dono da roça convida todos novamente para o ajurí. Para esse trabalho usam apenas machado e terçado. Caso precisem, eles derrubam as árvores maiores no sentido do vento, observando bem a queda das galhadas para que não aconteçam acidentes e para que queimem bem. Eles fazem cortes de um lado e do outro até o galho cair, sempre gritando a cada derrubada de árvore para avisar os companheiros, como ilustra a figura 21.

Figura 22 - Os homens derrubando a roça de machado.



Fonte: Marly Peres (2015).

Depois da derrubada a roça passa em torno de 30 dias secando. Passado esse período é feito o acero, que é a broca do terreno em um perímetro de mais ou menos 1,5 m de largura ao redor da roça. Isso é feito para que o fogo não saia de controle quando forem queimar a roça. Passados esses trinta dias eles queimam a roça quando o sol está bem quente, sempre no sentido contrário ao vento e gritando para evitar acidentes como mostra a figura 23.

Figura 23 – Os homens queimando a roça tradicional.



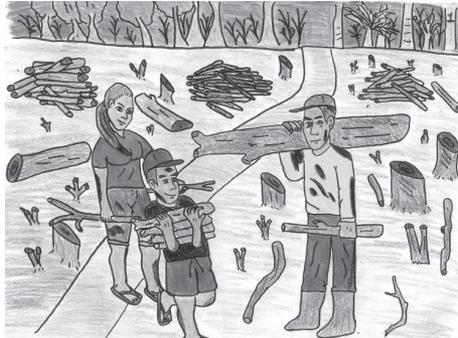
Fonte: Marly Peres (2015).

Dois dias depois o dono vai verificar se a roça queimou bem. Já com a roça queimada, o dono vai com a esposa, filhos e alguns companheiros fazer a coivara. Coivadar é cortar com terçados, foices e machados as galhadas que não queimaram bem como ilustra a figura 24.

As galhadas são amontoadas e queimadas novamente. Nessa fase eles levam sementes de pimenta malagueta, murupí, olho de peixe e canaimé para plantar bem próximo aos troncos das árvores grandes que queimaram bem. Além disso, plantam sementes de mamão e de plantas de rama, como melancia, feijão, jerimum.

Outra atividade feita nessa fase é a retirada de lenha para uso doméstico e durante os festejos e trabalhos comunitários: trabalhos coletivos de construção, limpeza de pátios, tiração de palhas, madeiras, construção de tijolos, comemorações.

Figura 24 - A família fazendo a coivara da roça.



Fonte: Marcos Rodrigues Junior (2015).

Em algumas roças eles fazem a destoca, que é o ato de cortar e arrancar tocos de árvores que poderão atrapalhar futuramente na limpeza da roça. Mas se os tocos não atrapalharem nos trabalhos, os donos deixam assim mesmo, depende da vontade deles.

A plantação da roça normalmente é feita com manivas que são cortadas na medida aproximada de um palmo, com cerca de 1,5 m de distância uma da outra, em linha reta até o fim da roça. A cova não pode ser muito funda e as manivas são depositadas deitadas e totalmente cobertas com o solo.

As manivas também podem ser plantadas em buracos mais fundos ficando em pé, com os olhinhos para cima. Nesse caso, eles deixam um espaço entre as fileiras para plantar milho ou feijão de moita, que são plantados com cerca de 1m de distância um do outro. Em covas de cerca de 5 cm de profundidades eles colocam de três a quatro sementes de feijão que depois de colhido deixa o solo rico

em nitrogênio. O feijão é o primeiro a ser colhido e o milho pode ser de seis meses e por isso também será colhido antes das mandiocas.

No dia da plantação os pais levam os filhos de 07 anos para aprender a plantar, a cavar as covas e a depositar as sementes como podemos observar na figura 25. É assim que os Wapichana passam os conhecimentos indígenas de pais para filhos, o que é muito importante para o futuro deste povo.

Figura 25- Os filhos fazendo a plantação de milho e mandioca



Fonte: Marcos Rodrigues da Silva Junior (2015).

A limpeza da roça, como ilustra a figura 26, é feita com enxadas e terçados. Os restos de matos são colocados nos pés das manivas, do milho e do feijão para servir de adubo. O dono da roça sempre observa se a roça está dando saúvas ou lagartas que cortam e prejudicam as plantações. Se isso acontecer eles cuidam logo de livrar a plantação destas pragas. Quando as lagartas não eram mortas

elas se enterravam no barro próximo aos pés das manivas para virar borboletas.

Figura 26 – A família fazendo a limpeza da roça.



Fonte: Marcos Rodrigues da Silva Junior (2015).

Os milhos são colhidos verdes ou maduros. Eles guardam as sementes para o próximo plantio pendurando as mesmas em cima do fogão de lenha. As espigas ficam a uma altura de 1,5 m em cima de uma madeira atravessada para que a fumaça possa conservar as sementes contra os insetos que as comem.

Figura 27 – Mulher Wapichana arrancando mandioca



Fonte: Marly Peres (2015).

A colheita da mandioca ocorre a partir de seis meses, quando as manivas estiverem carregadas e as mandiocas grandes como mostra a figura 27. Os Wapichana colherão e farão farinha, beiju, pajuarú, goma, carimã, espécie de massa lavada que servirá para fazer mingau, pé de moleque, farinha de tapioca, caxiri cozido. Esses produtos são usados na alimentação da família, vendidos na comunidade, usados nas comemorações ou vendidos em Boa Vista.

CONCLUSÕES: O CALENDÁRIO CULTURAL DA MALACACHETA COMO POSSIBILIDADE PEDAGÓGICA

A possibilidade de trabalho surgiu a partir da pesquisa do método baseado no Calendário Cultural ou Calendário Socionatural, estudando e pesquisando os seguintes indicadores: 1) as atividades dos membros da comunidade; 2) as atividades das crianças ou educandos; 3) conhecimentos sobre o clima; 4) conhecimentos astronômicos, 5) conhecimentos sobre os animais; 6) conhecimentos sobre os vegetais. 7) e os problemas socioambientais e de saúde.

Esta pesquisa aconteceu durante o ano letivo de 2012 onde formamos pares pedagógicos e fizemos ótimas pesquisas com os anciões da comunidade Indígena Malacacheta. Tudo foi muito bem organizado, alguns entrevistaram usando máquina filmadora e outros somente papel. Fizemos textos, desenhos do calendário e no decorrer do ano letivo todos os pares pedagógicos trabalharam com seus alunos, mas com turmas, títulos e níveis diferentes, em seguida guardamos o Calendário escrito para futuras pesquisas.

Cabe ressaltar que a Escola Estadual Indígena Size-nando Diniz está trabalhando com a metodologia de temas contextuais. Para trabalhar com temas contextuais tem que haver o envolvimento do corpo docente para fazer um ótimo trabalho durante o ano letivo. A gestão da escola, juntamente com os docentes, tem que sensibilizar os discentes, pais, responsáveis e lideranças da comunidade para explicar como funciona este método de ensino. Todos precisam participar do debate para diagnosticar que tipo de aprendizagem eles estão querendo para os seus alunos e que tipo de problemas estão enfrentando para tentar resolvê-los de forma coletiva.

Por outro lado, a metodologia de pesquisa do Calendário Cultural, por sua vez é uma possibilidade pedagógica interessante para pesquisar os conhecimentos indígenas na escola para além do discurso. O método indutivo intercultural não é algo acabado, mas uma luz que abre as portas para inúmeros horizontes de pesquisa de conhecimentos indígenas que precisam ser mais explorados, pesquisados e aprofundados, fazendo um paralelo com os conhecimentos científicos, nas escolas indígenas.

Nesse contexto, os docentes precisam ter muita disposição para pesquisar juntos e com seus alunos para que estes também se tornem pesquisadores, sejam reflexivos, problematizadores e busquem soluções para as dificuldades que enfrentam como cidadãos Wapichana na comunidade e, também, na sociedade.

É muito importante deixar claro que o calendário cultural é uma construção que só servirá para a comuni-

dade específica em que ele foi pesquisado, pois as realidades das diferentes comunidades, apesar de apresentarem semelhanças, são diferentes e possuem suas especificidades. Nesse sentido, o calendário cultural da Malacacheta poderá servir como exemplo de proposta pedagógica para outras escolas indígenas e de pesquisa de docentes, discentes ou pessoas interessadas em conhecer com maior profundidade os conhecimentos indígenas.

Todos os alimentos produzidos da roça a partir da macaxeira, por exemplo, passam por um processo de preparação rico em conhecimentos indígenas e podem ser perfeitamente utilizados na educação escolar indígena. Para isso é necessário que os docentes queiram pesquisar e se aprofundar no assunto. Muitos conhecimentos indígenas são repassados de pais para filhos: como encontrar o solo fértil; qual a melhor área para fazer a roça; como fazer a medida de uma linha de roça; que produtos plantar e de qual maneira; que período climático e astronômico é melhor para se fazer os processos de broca derrubada, queima e plantio e; sobre os cuidados com a plantação e durante a colheita dos produtos.

Os entraves que este método de ensino enfrenta é que o sistema de ensino é apresentado sempre na forma de listagens de conteúdos por disciplinas separadas e não por áreas de conhecimentos. Além disso, os docentes não se unem para fazer planejamento transdisciplinar. Todos estão acostumados a trabalhar com disciplinas e acreditam que assim a aprendizagem dos discentes fica mais fácil. Outra questão importante é a forma como o tempo de

aula está dividido nas escolas, que é pouco para realizar pesquisas de campo, que são muito importantes neste método de ensino.

Em 2015 mostramos como estávamos trabalhando (temas contextuais e pesquisando o calendário cultural) a uma funcionária do senso escolar e ela respondeu que estes métodos nem estão aprovados pelo plano estadual de educação. Falou também que estávamos correndo o risco de sermos processados. O professor Sérgio Cruz Ambrósio, na época gestor, respondeu que então seríamos processados, pois estávamos assumindo o nosso método de ensino, como garante a lei da educação escolar indígena diferenciada no Brasil.

A funcionária citou ainda que a escola da Malacacheta era a única que estava assumindo este tipo de ensino. Cabe ressaltar que no ano letivo de 2016 ainda estamos trabalhando com Temas Contextuais e que, apesar do programa PIBID Licenciatura Intercultural ter organizado a pesquisa do Calendário Cultural da Malacacheta, somente uma professora está implantando esse método em sala de aula.

Apesar de todos os direitos indígenas postos na constituição brasileira, ainda não temos o apoio do sistema escolar brasileiro para fazermos uma escola realmente diferenciada. O sistema nacional não reconhece nossos métodos próprios de ensinar. E sabemos que nosso ensino pode ser específico e diferenciado, mas que isso só acontecerá quando os professores indígenas começarem a trabalhar em uma perspectiva mais indígena seja com temas contextuais ou com metodologias como o calendário cultural.

Com a metodologia de temas contextuais e do calendário cultural a Escola Estadual Indígena Sizenando Diniz abre as portas aos conhecimentos indígenas, fazendo um paralelo com os conhecimentos científicos, para que a aprendizagem tenha sentido, seja problematizadora, questionadora, reflexiva e busque soluções para os problemas que a comunidade enfrenta economicamente, socialmente, culturalmente e na vida diária.

REFERÊNCIAS

BERTELY, Maria. Educación Intercultural para la ciudadanía y la Democracia Activa y Solidaria. Una crítica de la otra educación al multiculturalismo neoliberal y comunitarista. In: Multiculturalismo, Educación Intercultural y Derechos Indígenas en las Américas. Editores: BERTELY, Maria & UNEM. Modelo Curricular de Educación Intercultural Bilingüe UNEM. México, CIESAS, 2009.

CABALZAR, Aloisio. Manejo do Mundo: Conhecimentos Indígenas e Práticas dos Povos Indígenas do Rio Negro. São Paulo: ISA: São Gabriel da Cachoeira, AM; 2010.

CARNEIRO DA CUNHA, M. e ALMEIDA, M. (Orgs.) Enciclopedia da Floresta. São Paulo: Companhia das Letras, 2002.

FREIRE, Paulo. Pedagogia do Oprimido. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.

GASCHE, Jorge. De hablar de la educación intercultural a hacerla. 2010. (<http://jgasche.weebly.com/uploads/4/5/0/0/4500630/jgasche-de-hablar-de-la-eib-mundo-amazonico-1-2009-9414-36866-1-pb1.pdf>, 09/03/2016).

REPETTO, Maxim. Educación escolar indígena en Roraima, Amazonas brasileño: del conflicto intercultural a la construcción de propuestas educativas. REVISTA ISEES. Inclusión Social y Equidad en la Educación Superior. Santiago, Chile: Julio - diciembre, 2011. (http://www.isees.org/index.php?option=com_wrapper&view=wrapper&Itemid=110)

REPETTO, Maxim; CARVALHO, F. Experiencias de investigación educativa intercultural en la formación de maestros indígenas en Roraima, Brasil. Desacatos (48), mai-ago 2015. Pp 50-65.

SILVA, G. B. **O calendário cultural: a construção da roça como prática pedagógica na Escola Estadual Indígena Dom Lourenço Zoller.** 2014. 78p. Trabalho de Conclusão de Curso. Licenciatura Intercultural. Universidade Federal de Roraima. Boa Vista. 2014

VIGOTSKI, Lev. A Formação Social da Mente. O desenvolvimento dos processos psicológicos superiores. São Paulo: Martins Fontes, 2007.

VIGOTSKI, Lev. Imaginação e Criação na Infância. São Paulo: Ática, 2009.

VIGOTSKI, Lev. Psicologia Pedagógica. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2010.



DIAGNÓSTICO DA SITUAÇÃO EDUCACIONAL REALIZADO POR PROFESSORES DA ESCOLA ESTADUAL INDÍGENA HERMENEGILDO SAMPAIO, TERRA INDÍGENA BARATA- LIVRAMENTO, REGIÃO TAIANO, MUNÍCIPIO ALTO ALEGRE

*Bruno de Melo Cavalcante*³⁶

*Eugênio da Silva Martins*³⁷

*Augusto*³⁸

*Altamir*³⁹

*Maria de Fátima*⁴⁰

ENCONTRO DE PLANEJAMENTO

Passadas as férias do final do ano de 2010, retornamos às atividades no dia 25/01/2011. O encontro aconteceu no Bloco II do Ciclo Básico da Universidade Federal de Roraima com a coordenadora do PIBID/Licenciatura Intercultural, a professora Fabíola de Carvalho. Nesse encontro, planejamos atividades para serem realizadas para esse ano e discutimos a realização de um curso de extensão a partir da reflexão do livro “Manejo do Mundo”. A partir de então, começamos a montar nossa proposta de atividades para a Construção do Calendário Cultural.

³⁶ Bolsista Supervisor/Programa PIBID-Licenciatura Intercultural.

³⁷ Bolsista PIBID Licenciatura Intercultural - UFRR-Graduado na Licenciatura Intercultural, Área de habilitação Ciências da Natureza.

³⁸ Bolsista PIBID Licenciatura Intercultural - UFRR-Graduado na Licenciatura Intercultural, Área de habilitação Ciências da Natureza.

³⁹ Bolsista PIBID Licenciatura Intercultural - UFRR-Graduado na Licenciatura Intercultural, Área de habilitação Ciências da Natureza.

⁴⁰ Bolsista PIBID Licenciatura Intercultural - UFRR-Graduado na Licenciatura Intercultural, Área de habilitação Ciências da Natureza.

Os encontros aconteceram às terças e quintas-feiras, com início no dia 01/02 e encerramento no dia 04/03/2011. Além disso, confeccionamos um Banner para divulgação de todas as atividades promovidas pelo PIBIB/Licenciatura intercultural e fizemos um levantamento de preço em três estabelecimentos comerciais para comprar os materiais didáticos e pedagógicos que seriam utilizados na execução das atividades na escola.

OFICINA DE CONSTRUÇÃO DE PROPOSTAS METODOLÓGICAS PARA PESQUISA DO CALENDÁRIO CULTURAL DA BARATA

A seguir, faremos um resumo das atividades mais importantes que aconteceram na I Oficina de Construção do Calendário Cultural que ocorreu entre os dias 1-24/02/2011 e 1-3/03/2011, no Bloco II do Ciclo Básico/UFRR.

No decorrer do estudo, planejamos a pesquisa e os procedimentos para a preparação da equipe para realizar as atividades na escola e na comunidade: Oficinas, Grupos de Estudo, Pesquisa de Campo, Sistematização dos Resultados, Subtemas Específicos da Pesquisa.

A partir das discussões realizadas na oficina, decidimos focar em dois indicadores. Iniciamos a pesquisar os indicadores animais e vegetais com o objetivo de planejar atividades e de realizar a pesquisa em nossa comunidade e escola. O professor Maxim Repetto deu ênfase ao planejamento a partir da realidade de cada escola e comunidade. A proposta tomou consistência a partir da metodologia de estudos e pesquisa que assim ficou sistematizada:

Para pesquisar esses dois indicadores, o grupo foi dividido em três grupos de estudos que aplicaram os questionários:

- i) Alunos de 1^a a 4^a Série: clima, animais e plantas;
- ii) Alunos de 5^a a 8^a Série: vegetais,
 - Os vegetais de nossa comunidade e região: classificação das plantas a partir dos conhecimentos indígenas.
 - Utilidade das plantas, plantas que desapareceram e que estão desaparecendo, plantas que se transformam em outros seres, forma de cuidar das plantas, época de cuidar e colher, plantas que alimentam, plantas que são usadas na construção, plantas usadas para artesanatos e plantas que curam.
- iii) Alunos do Ensino Médio:
 - Os animais da nossa comunidade e região e a classificação dos animais pelo conhecimento indígena;
 - Animais silvestre do lavrado, animais silvestres das serras, animais das matas e animais domésticos.

**REALIZAÇÃO DO ENCONTRO DO PROGRAMA
INSTITUCIONAL DE BOLSA DE INICIAÇÃO À
DOCÊNCIA NA ESCOLA HERMENEGILDO SAMPAIO –
PROMOVIDO PELOS BOLSISTAS PIBID/LICENCIATURA
INTERCULTURAL COM APOIO DO INSTITUTO INSIKIRAN/
UFRR**

Sob coordenação do bolsista supervisor, professor Bruno de Melo Cavalcante, e da coordenadora pedagógica, Professora Jorgina de Souza Araújo, realizamos o se-

gundo Encontro do PIBID na escola com a participação dos estudantes das séries finais do Ensino Fundamental e do Ensino Médio. Participaram também todos os professores e lideranças da comunidade da Barata.

Pesquisa/Entrevista com os Alunos de 1ª a 4ª Série

No dia 01/04/2011 desenvolvemos um encontro com os alunos do 1º ano, e com os alunos do 2º ano A e B. Estiveram presentes as professoras Denite, a vice-gestora Clenilde Teixeira, a coordenadora pedagógica Jorgina de Souza Araújo e o bolsista supervisor, professor Bruno de Melo Cavalcante.

Reunimos todos os alunos na quadra de esporte da escola e explicamos a finalidade do encontro. Com a dinâmica de formação de equipes, fizemos a seguinte pergunta: **Como vocês alunos gostariam que a escola fosse?** A partir dessa pergunta, os alunos desenharam em grupo como queriam que a escola fosse, como ilustra as figuras A e B abaixo.



Fonte: Maxim Repetto, 2012.

As respostas mais recorrentes foram as seguintes:

- Escola limpa e organizada; Escola com jardim, arborizada; Merenda escolar de qualidade, pois a merenda servida não satisfaz a necessidade (é servida apenas mingau de arroz); Professores devem trabalhar o lúdico; Construção de um espaço de lazer (parque); mais aulas de educação física; alguns alunos falaram da dificuldade de vir para a escola devido ao trabalho na roça; mais ventilação nas salas de aula, pois a sala é muito quente.

Fizemos a mesma pergunta para os alunos da 3ª e 4ª série em sala de aula. Com eles, iniciamos o trabalho com uma discussão oral deixando os alunos à vontade. As perguntas propostas para o trabalho foram as seguintes:

GRUPO 1: 1ª a 4ª Série (perguntas para entrevistas)

COMPONENTES: Ancelmo, Ornício, Juciê, Brucelee, Elcimar e Irisnei.

Você gosta de vir para a escola? Por quê?

Todos os alunos responderam que sim, que gostam de vir para a escola porque é legal. Gostam de escrever e que querem aprender a ler e a escrever bem.

O que você gosta na escola?

Leitura, merenda e brincar. Gostam de jogar bola, dos amigos, da Educação Física. Todos os alunos foram unânimes: gostam da escola para merendar.

O que você gostaria de mudar na escola?

As salas de aula são quentes; a quadra de esporte tem muito lixo, queria brincar mais na escola, mudar a sala de aula, mudar a merenda e fazer um parquinho. A sala de aula e merenda escolar foram as duas questões que mais chamaram a atenção dos alunos: sala quente e merenda escolar de má qualidade.

O que você gostaria de fazer fora da escola?

A limpeza da comunidade, fazer limpeza nas ruas, plantar milho e mandioca, brincar de bola com outras crianças.

O que você aprende na roça com seus pais e o que aprende na escola com seus professores?

Dar comida aos animais e capinar na roça, ler com os professores e fazer minhas tarefas em casa.

Você gosta de estudar a língua materna? E sua família fala a língua?

Minha família não fala a língua. Não gosto de estudar a língua indígena. A maioria dos alunos não gosta de estudar a língua indígena pelo fato de não saberem falar.

Você gosta da aula de educação física?

Todos os alunos gostam da aula de educação física, porque nela jogam bola, ou seja, são atividades lúdicas que poderiam ser trabalhadas em todas as disciplinas.

Você gosta da merenda da escola e o que gostaria que tivesse no cardápio?

Não gostam. Gostaria que fosse calabresa, feijão, cachorro quente, frango assado. Não gostam de mingau, gostariam que fosse servido popa e suco com bolacha. Todos os alunos foram unânimes em afirmar que não gostam da merenda, pois é de péssima qualidade. E atualmente só é servido mingau de arroz. Muitas crianças vêm para escola sem se alimentar.

Como é a sua convivência com os professores na escola?

Legal, mas os professores passam muitas tarefas e copia muito. As maiorias dos alunos acham os professores legais, o que é um bom sinal para o desenvolvimento das atividades no processo ensino e aprendizagem. A relação professor e alunos nas séries iniciais do ensino fundamental é satisfatória.

Pesquisa/Entrevista com os Alunos de 5ª a 8ª Série

O trabalho de diagnóstico feito pelo grupo baxarau, com os alunos de 5ª a 8ª, foi de grande importância para que possa contribuir nas melhorias do ensino aprendizagem. E na construção do projeto político pedagógico. A partir das questões abaixo, concluímos as atividades:

Para esse trabalho, foram selecionados alguns estudantes pelo grupo baxarau, entre esses se encontravam: estudantes moradores da comunidade da Barata, das fa-

zendas, da comunidade da Anta e estudantes da vila do Taiano. Os pontos principais foram:

A relação professores e alunos são satisfatórios, pois existe uma relação de respeito entre os mesmos;

O espaço escolar no diagnóstico tem um significado importante para os estudantes.

As reclamações dos alunos em relação à merenda escolar foram unânimes em afirmar que é uma merenda de má qualidade, sem falar na falta de conservação do prédio escolar pelos alunos, que muitas vezes riscam a parede, quebram carteiras, jogam lixo na sala de aula e nos corredores e danificam os banheiros;

Outra situação presenciada foi a dificuldade dos alunos, que utilizam o transporte escolar de chegarem à escola no período oposto de seus turnos de aula, pois precisam de reforço e fazer as pesquisas;

Os alunos acreditam que o professor deve se comportar de forma exemplar, ser amigo, compreensivo e buscar ajudar;

Quanto às disciplinas, em relação aos entrevistados, a maioria citou a língua indígena wapixana, porque não conseguem entender ou acham difícil, mas todos a colocaram como importante dentro do ensino-aprendizagem e sugeriram um número maior de aulas e mudanças na maneira de ser aplicada.

Os livros e cadernos foram os materiais didáticos que mais gostam na escola. E a maioria afirmou que não gostam de fazer trabalhos em grupo, porque uns esperam pelos outros e assim ninguém aprende nada;

Estudar em uma escola indígena é muito interessante, nós aprendemos muito e temos muitos amigos, é o pensamento de todos que participaram do diagnóstico.

A estrutura física da escola é razoável, pequena e que precisa melhorar através de uma ampliação do prédio, salas climatizadas, refeitório grande e um maior número de banheiros;

A forma que os professores trabalham agrada a todos e a maioria se considera alunos interessados e dedicados ao estudo.

Pesquisa/Entrevista com Alunos do Ensino Médio

Neste diagnóstico, mencionamos as entrevistas realizadas com os alunos do Ensino Médio da escola Hermenegildo Sampaio, coordenado pelo Bolsista do PIBID Eugênio da Silva Martins e com o apoio das professoras Maria de Lourdes e Elizomara Pinho. Como nem todos os alunos têm habilidades ou o hábito de falar, usamos a estratégia de entrevistas.

Inicialmente, consultamos os alunos perguntando se eles gostariam de ser entrevistados oralmente. Como a maioria respondeu que não, realizamos as entrevistas por escrito por meio de questionário com as perguntas que se seguem. Os alunos foram respondendo e dando sugestões para a melhoria do processo de ensino e aprendizagem. A seguir, expomos os relatos reflexivos obtidos a partir das entrevistas:

O que deve ser feito para melhorar seus conhecimentos na escola?

- Implantação de um laboratório na área de Ciências da Natureza para podermos participar de aulas práticas, ir além da teoria e adquirir conhecimentos científicos;
- Que a escola ofereça cursos de informática, redação, enfermagem e corte e costura, com capacitação para melhorar os conhecimentos nas áreas ofertadas;
- Mais pesquisa de campo em que os próprios alunos possam fazer suas pesquisas sobre os conhecimentos tradicionais, socializando estes conhecimentos com os conhecimentos científicos por meio de seminários, palestras educativas e conferências organizada pelos próprios discentes, buscando parceria com técnicos e especialistas em cada área de conhecimento.

A metodologia de ensino usada na escola é satisfatória?

- Os professores deverão mudar suas metodologias de trabalho com a utilização de aulas práticas, pesquisas de campo, jogos educativos.
- A língua wapichana deve ser trabalhada em jogos, músicas, dinâmicas e dramatização na própria língua;
- Os professores de química, física, matemática e língua espanhola devem mudar a metodologia de ensino, utilizando estratégias lúdicas para

que os alunos entendam os conteúdos através de brincadeiras.

O que você pensa da escola?

- A escola é a segunda casa do aluno, é um espaço onde se adquirem novos conhecimentos, é um local de formação da cidadania de uma determinada sociedade;
- A escola é um lugar para formar profissionais, é lugar de educação;
- A escola não é lugar de vandalismo, a escola deveria proibir usos de aparelhos de som, celular e maquiagem em sala de aula, pois é um ambiente educativo;
- A escola é um dos caminhos que leva ao mercado de trabalho;
- A escola é lugar de tecnologia, temos que saber utilizá-las, mas também é lugar de conhecimentos tradicionais;
- A escola deve ser para os alunos e a comunidade em geral.

O que você quer que melhore na sua escola?

- A estrutura da escola: reforma dos banheiros, iluminação, ventilação;
- Melhorar a higiene;
- Arborizar com jardinagem o pátio da escola;
- Que tenha aulas de reforço para os alunos com dificuldades para o ensino médio;

- Implantação de uma biblioteca com uma sala própria, para que os alunos fiquem à vontade nas horas de pesquisas, sem interrupção, com mesas e cadeiras próprias e que a sala seja climatizada;
- A escola deveria ter seu próprio regimento interno e que seja executado;
- Melhorar a merenda escolar; que os alunos tenham mais respeito com os professores;
- Que o gestor da escola tome as decisões mais sérias e tenha voz ativa em suas decisões;
- Os professores devem ser graduados com especialização em cada área de ensino e o gestor da escola também tem que ter graduação para melhor administrar o estabelecimento.

Quais são as principais dificuldades que você enfrenta na escola?

- Entender as explicações de algumas disciplinas como química, matemática e física;
- Dificuldade na hora de fazer pesquisa no laboratório de informática, devido à falta de computador e dificuldade em utilizá-lo.
- Falta de leitura dos alunos;
- Dificuldade de pesquisa no horário oposto para os alunos que moram distante e utilizam o transporte escolar.

O que você gostaria de estudar na escola?

- A escola deveria adotar fixamente o ensino da língua estrangeira, Inglês como disciplina da escola, pois é língua global.
- Deveria também adotar a música, o teatro e a dança indígena como disciplina;
- Estudar a história da nossa comunidade.

Pesquisa/Entrevista com Alunos Egressos

GRUPO 4: Kamuu

Componentes: Ana Maria, Maria de Fátima, Jorgina, Lucivânia, Rubia, Sandrielle, Mirian, Luana, Deivid, Édio.

O que você pensa sobre a educação escolar indígena?

- A Educação Indígena Diferenciada é menos desenvolvida que na capital, com índice de aprendizagem baixo; é preciso que a escola adquira novos métodos de ensino;
- É voltada para a realidade das comunidades indígenas, valorizando a cultura;
- Trabalha a interdisciplinaridade e é voltada para cultura de cada povo.

Que lembrança você tem da escola?

- Professores rígidos;
- Alunos desinteressados;

- Eventos culturais realizados na escola;

Em que a escola contribuiu para a sua vida na sociedade?

- Formação para cidadania, convívio em sociedade e o comportamento para com os outros;
- Convivência entre as outras pessoas;
- Desenvolvimento e valorização da formação crítica para formação de uma sociedade justa e igualitária.

Ao concluir o ensino médio, você se sentiu preparado para o mercado de trabalho?

- Sim, mas não o suficiente para enfrentar as dificuldades do cotidiano;
- Não aprofunda no sonho que queremos chegar;
- Sim, quando concluí os estudos, já sabia buscar meios que me favorecessem.

O que você pensa sobre a escola? E como você a vê hoje?

- A escola prepara os alunos para o mercado de trabalho;
- Com o uso das tecnologias oferece um ensino de qualidade;

Que importância e significado a língua indígena teve para sua vida social e pessoal?

- É importante, mas o domínio da língua não é utilizado lá fora, pois a sociedade indígena não é a mesma do passado;

- Não aprendi nada, os professores ensinavam como escreviam e falavam, mas foi bastante fraco;
- A língua indígena se tornou bastante importante hoje, mas foi pouco para o aperfeiçoamento social e pessoal.

O que a escola precisa fazer para melhorar na educação escolar indígena?

- Professores qualificados, bem preparados;
- Trabalhar o ensino diferenciado;
- Valorização da cultura e capacitação de profissionais.

O ensino e aprendizagem da língua wapichana contribuiu para sua formação?

- Não, porque não aprendi nada, pois as aulas não foram suficientes para contribuir em minha formação;
- Sim, mas é pouco, pois a carreira que gostaria de me formar não necessita dessa formação;
- Não contribuiu porque não estudei o que gostaria de estudar: várias línguas para enfrentar qualquer concurso voltado para área indígena;

Como podemos melhorar a educação escolar indígena na sua comunidade?

- Realização de atividades voltadas ao cotidiano e desenvolvimentos de metodologias;
- Novos métodos de ensino;
- Trabalhar assuntos voltados para área indígena.

Quais suas expectativas em relação à educação escolar indígena?

- Formar profissionais na área indígena;
- Construção de uma visão mais ampla sobre os problemas em foco;
- Realização de projetos escolares;
- Boa formação.

Pesquisa/Entrevista Alunos Desistentes

Componentes: Rayane, Jean, Edinara, Rosinete e Clenilde.

A escola Estadual Hermenegildo Sampaio teve, no ano letivo de 2010, um total de aproximadamente 15 alunos evadidos da escola. Fato muito preocupante que merece atenção é que a maior porcentagem aconteceu no ensino médio, visto que esses alunos são pessoas adultas e que tem família. A distorção idade/série contribuiu muito para esse processo. A partir das questões levantadas, abordamos os pontos primordiais das entrevistas coletadas, que servirão de base para sanar os problemas diagnosticados.

Pontos coletados nas entrevistas sobre os motivos que levaram à desistência:

- Não estudei porque tinha que trabalhar e estudar ao mesmo tempo;
- O professor influenciou na desistência, pois muitas vezes chegava estressado em sala de aula;
- Problemas de doenças na família e com os filhos;

- Muita teoria e pouca prática;
- Desestruturação familiar como: separação dos pais;
- Vícios do abuso do álcool;
- Falta de práticas pedagógicas e metodologias em algumas disciplinas adequadas no processo ensino e aprendizagem.

Alternativas para solucionar os problemas:

- Acompanhamento psicológico aos alunos vindos de pais separados;
- Trabalhar a teoria e prática em sala de aula;
- Realizar na escola seminários, conferência e oficinas;
- Acompanhamento do Conselho Tutelar aos pais dos alunos;
- Diálogo entre professores e alunos;
- O ensino da língua tem que ser valorizado.

Pesquisa/Entrevista com os Idosos:

Componentes: Renyson, Diele, Talita, Reginaldo, Jimmy, Lucimara, Silvano, Ézio e Danilo.

De início, marcamos as atividades de entrevista no dia 10 de abril de 2011, um domingo no Malocão Comunitário, com início às 08h da manhã e encerramento às 13h. O encontro foi marcado nesse dia devido à disponibilidade dos mesmos e porque nesse ambiente eles ficam mais à vontade, pois durante a semana muitos deles estão em suas roças. Estiveram presentes o total de 20 idosos, descobrimos durante o encontro que muitos estavam en-

fermos esperando ajuda. A seguir detalhamos os pontos essenciais na discussão.

Dificuldades encontradas por eles para estudar:

- A distância de suas casas para a escola: a escola ficava a uma distância aproximada de 10 Km;
- Merenda escolar de má qualidade: era servido apenas o leite, que era chamado de leite peidão;
- Quando tinha merenda, era servido o mingau de goma e de farinha de mandioca;
- A escola não tinha merenda e os pais muitas vezes caçavam e pescavam para o filho merendar na escola;
- Muitos pais dos estudantes tinham que trabalhar nas fazendas distantes de suas comunidades, com isso os filhos ficavam ajudando nos trabalhos de sustentação familiar, e muitas vezes não chegavam à escola;
- Era proibido falar a língua indígena na escola e no meio social, a língua era muito discriminada pelos fazendeiros da região.

Educação indígena:

- Os filhos ajudavam nas obrigações de casa antes de ir para a escola;
- A educação começava em casa e os filhos aprendiam com seus pais as atividades da roça, da caça e da pesca;

- Todos trabalhavam quando tinha ajuri, crianças, jovens, adultos e idosos, e ao final dos trabalhos era realizado uma festa e só podiam dançar quem tinha trabalhado;
- Respeito aos mais velhos da comunidade, e todos tinham que tomar benção. Era como forma, sinal de respeito, muitas vezes os filhos eram obrigados a tomar benção;
- Hoje não podemos bater nossos filhos, pois a lei não permite;
- As crianças não passavam em frente dos mais velhos quando estes estavam conversando;
- O respeito primeiramente vinha de casa e depois na escola;
- As meninas eram preservadas;
- A separação atrapalha os processos de ensino e aprendizagem.

Educação escolar:

- Não tinha merenda e quando tinha era leite ou caça trazida pelos pais;
- Respeito com os professores;
- Professores não indígenas;
- As aulas de educação física eram realizadas com bolas de pano e bexiga;
- A escola na fazenda era muito distante da comunidade;
- O fardamento era feito pelos próprios pais;
- Não ensinava a língua indígena;
- Quando alguém entrava na sala de aula todos tinham que levantar em sinal de respeito.

Imposição à cultura indígena:

- Discriminação dos fazendeiros em relação à língua indígena, muitos dos pais trabalhavam nas fazendas da região;
- Na igreja era proibido falar a língua indígena;
- Os Padres eram contra os festejos realizados na comunidade e faziam imposições com relação às festas, contribuiu para acabar com muitas tradições.

As atividades foram proveitosas, pois tivemos a oportunidade de ouvir os idosos e poder ouvi-los nesse processo de discussão. Encerramos as atividades, servimos uma damurida de peixe, os participantes ficaram à vontade e pediram outros encontros com os idosos.

Pesquisa/Entrevista com as Lideranças da Comunidade

Componentes: Ubaldina; Henrique; Jaqueline; Kelly; Hellen; Dieneson; Sidiléia.

As entrevistas foram realizadas nas residências das lideranças da comunidade, dos quais foram entrevistados o Tuxaua e seu vice, Agentes de Saúde Indígenas, Diretora do Centro Regional de Ensino. As pesquisas foram realizadas pelos alunos, e nesse momento não foi possível realizar as entrevistas com todas as lideranças como estava previsto. Segue abaixo as perguntas proposta para as lideranças utilizando perguntas orais:

Identificar as lideranças: 1º e 2º Tuxaua; Gestão Escolar; Agente de Saúde; Capataz; Padres, pastores; Parteiras; Presidente do clube de Mães e professores.

Abaixo relatamos os pontos primordiais das entrevistas com as lideranças, organizamos os itens sem obedecer aos critérios da sequência das questões, pois as lideranças não souberam responder, ou não quiseram responder algumas questões. As questões propostas foram bastante extensas e cansativas e precisa ser melhorada.

Seguem as principais discussões propostas nesse trabalho:

A escola tem melhorado, pois os alunos passaram a ter direitos e deveres; Os valores culturais vêm se perdendo, e a escola tem que buscar resgate da língua e cultura; a escola tem melhorado o aprendizado dos alunos, tem que ensinar a ler e escrever, dominar a matemática, trazer palestras para escola para melhoria dos conhecimentos;

Os meios de comunicação influenciam nos conhecimentos dos alunos, pois trazem muitas coisas ruins e proibidas para as crianças, mas também é importante para conhecer outras culturas e povos diferentes. As crianças de hoje são muito curiosas com as tecnologias modernas; Meios de comunicação como orientação para os alunos;

A igreja atualmente é muito importante na vida dos jovens, traz coisas boas: como se comportar e ensina o caminho da verdade; A escola tem o papel de ensinar e preparar a juventude para sexualidade, pois tem muitas doenças sexualmente transmissíveis como consequência mundial; as drogas têm que ser discutidas na escola, substância ruim para sociedade, principalmente na vida de muitos jovens da nossa comunidade; As plantas medicinais devem ser utilizadas para cura de muitas doenças, atualmente se utilizam remédios farmacêuticos e hoje

se utiliza pouco os medicamentos caseiros. Estamos deixando de lado; compromisso dos professores no ensino e aprendizado, construção de jogos pedagógicos e trabalho os meios de comunicação existentes na escola.

É interessante quando as lideranças percebiam que os problemas existem e que podem ser solucionados na escola como: drogas e sexualidade, este último era um tabu para discussão na escola. A revitalização das plantas medicinais é um fator muito importante para as lideranças.

Os resultados alcançados foram satisfatórios para a construção do calendário cultural, bem como servirão para o balizamento do projeto político pedagógico da escola Hermenegildo Sampaio. Todas as questões acima descritas foram de autoria exclusiva dos envolvidos nas entrevistas, pois estes retratam a situação real da escola como um todo, bem como focalizam o passado e presente da história e sua relação com a escola. Por fim, todas as informações coletadas serão importantes na construção de uma escola de qualidade, específica e diferenciada.